CINEARTE

ANNO IX N. 391
RIO DE JANEIRO, 15 DE MAIO DE 1934
Preço para todo o Brasil 2$000

Ruth Roland

Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E
ARTES APPLICADAS
APPARECE NOS DIAS 15 DE
CADA MEZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO
ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO ARTE DE BORDAR.
A REVISTA, CONTENDO OS DOIS SUPPLEMENTOS SOLTOS, CUSTA APENAS 2$000 EM TODO O BRASIL.
NUMEROS ATRAZADOS DE "ARTE DE BORDAR"
DESTA CAPITAL, DAS CAPITAES DOS ESTADOS E DE MUITAS CIDADES DO INTERIOR, CONSTANTEMENTE SOMOS CONSULTADOS SE AINDA TEMOS TODOS OS NUMEROS ATRAZADOS DE ARTE DE BORDAR. PARTICIPAMOS A TODOS QUE, PREVENDO O FACTO DE MUITAS PESSOAS FICAREM COM AS SUAS COLLECÇÕES DESFALCADAS, RESERVÁMOS EM NOSSO ESCRIPTORIO TRAVESSA DO OUVIDOR, 34, TODOS OS NUMEROS JÁ PUBLICADOS, PARA ATTENDER A PEDIDOS. CUSTAM O MESMO PREÇO DE 2$000 O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL E TAMBEM SÃO ENCONTRADOS EM QUALQUER LIVRARIA, CASA DE FIGURINOS E COM TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO PAIZ.
PEDIDOS DO INTERIOR
Snr. Gerente de ARTE DE BORDAR — Caixa Postal 880 — Travessa do Ouvidor, 34-Rio
Pedidos sob registro
Envio-lhe
2$000 para receber 1 numero
16$000 " " durante 6 mezes
30$000 " " " 12 "
Nome
Ender.
Cid.
Est.
PREÇO
2$

Cinemas & Cinematographistas

Em Porto Alegre, o "Orpheu" reabriu depois das grandes reformas por que passou, inclusive a installação de apparelho RCA.

* * *

A 16 de Abril p. pdo. o departamento de publicidade da Warner-First no Rio esteve de festa — commemorou mais um anniversario o seu chefe, Mario Renato de Castro, tambem nosso collega da "Scena Muda" e "Eu sei tudo". Aqui vae o nosso abraço, embora tardiamente.

* * *

A 30 de Abril p. pdo. o "Guarany", de Pelotas, festejou o seu 13º anniversario. E no proximo dia 18, o apreciavel Cinematographista pelotense — Dr. Raul Zambrano — chefe da Empresa Theatro Guarany, tambem fará annos.

* * *

O apreciado Cinematographista Francisco Vieira Xavier, socio da Empresa Xavier & Santos, de Pelotas, faz annos no proximo dia 28.

* * *

O "Paris", da empresa Vital R. de Castro, fechou para grandes reformas.

* * *

A 18 de Abril p. pdo.. o "Imperial", de Porto Alegre, festejou o seu terceiro anniversario.

* * *

A Warner-First inaugurou a sua agencia em Bello Horizonte. A gerencia está ao cargo de Renato de Almeida. A sub-agencia em Juiz de Fóra, está ao cargo de Leonidio Trigo Alves.

* * *

Os conhecidos Cinematographistas, Benjamin Fineberg e José B. Andrade dotaram S. Paulo de um novo cinema — o "Broadway", com lotação para 2.500 espectadores.

A inauguração deu-se com o Film "Manhã de gloria", da RKO-Radio. O novo Cinema exhibirá exclusivamente os Films da Radio.

* * *

Em Garibaldi, no Rio Grande do Sul, o Cine-Monroe installou apparelho Movietone.

O novo "Cinema Broadway", de S. Paulo

Pergunte-me outra...

ARCHISES (Fortaleza) — 1º — Harry Beaumont. 2º — Sam Wood. 3º — Passou por aqui e voltará em Junho, como já deve saber ao lêr esta resposta. 4º — Não. Vae fazer novos films, quando voltar a Hollywood. 5º — Já não me recordo mais. Faz tantos annos...

GILKA (Rio) — 1º — Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal. 2º — Voltou e neste numero poderá vel-o numa scena do film. 3º — Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. 4º — Experimente: M.G.M.-Studios, Culver city, Cal. Não, elle attenderá sem duvida. Fez muito bem em escrever em brasileiro. E' que ás vezes demora a resposta ou o retrato. E aqui fica o seu pedido para o Gilberto entrevistar John Boles... Vou publicar umas photos novas que tenho de John.

ANTIOPE (Rio) — Póde escrever sim, mas gryphe a palavra "photograph". Escreva uma carta commum; fazendo o pedido e naturalmente elogiando-o, dizendo-lhe da sua admiração, etc. Cite os titulos de seus ultimos films em inglez. O sello, creio que duzentos réis. E ponha seu nome e endereço no fim da carta. Achei interessante a carta escripta no omnibus... Continue, "Antiope".

JOÃO A. COSTA (Propriá) — Sinto muito, meu caro, mas eu não pude falar com elle.

VIOLETA (Rio) — Operador, sim. Não ha de que. Mas, amiguinha, que adeantará procurar o numero, se os exemplares estão exgotados? Anteriores a 1931 não existem mais. Experimente escrever-lhe para a M.G.M.-Studios, Culver City, Cal. Não custa experimentar. Volte de novo, Violeta...

LYRIO PARTIDO (Cruzeiro) — Thanks! Fiquei muito contente em saber isso. Se me lembro. E recorda-se de "Maridos cégos"...? E' verdade, sim, está lá. Luiz não vae para lá foi pilheria do jornal. E, a proposito: lembra-se que elle já foi galã de um Film brasileiro. Os nossos productores não têm enviado nada. Até logo, "Lyrio". Sobre os numeros atrazados escreva directamente á gerencia.

MARY ROSA (Lins) — Tambem não me lembro o que era. Eu, pelo menos encontrei a Maria Rosa, de Lins... Tive promessa que ella satisfaria o teu pedido, está contente? Mae é notavel, sim, Dizem que é uma "revista" interessantissima, é o que sei, por emquanto. Escreva de novo, "Mary". I Like You...

M. D. (Maceió) — Para collaboração é muito pequena, mas talvez aproveite na Pagina dos Leitores,

---

A 23 de Abril p. pdo. fez annos o estimavel director-geral da M.G.M. do Brasil, snr. Adolpho Judall.

* * *

Para inaugurar as novas installações sonóras "Wide Range", da Western, no Alhambra, a C. B. C. I. e a Fox offereceram á imprensa, inclusive "Cinearte", uma sessão especial, sendo exhibido o interessante film de Lilian Harvey — "Eu sou Suzanna" e o notavel Film educativo da Educational — "Krakatoa" — sobre vulcões, que ganhou um dos premios da Academia de Artes e Sciencias de Hollywood, este anno.

Foi tambem exhibido um curioso Film da W. Electric passando em revista o progresso da voz do Cinema, desde o Vitaphone até a reproducção Wide Range, e este inegavelmente approxima-se da perfeição da voz humana. Com as novas installações, o "Alhambra" tornou-se um dos melhores Cinemas do Rio.

que não é remunerada. Achei interessante... está satisfeita? Continue, você é intelligente.

EXTRA (Porto Alegre) — Sua letra não me é desconhecida... 1º — Gôsto, sim. E ficarei grato por todos que tivesse a gentileza de enviar-me. 2º — Os productores é quem poderão informar. 3º — Vae voltar, entretanto elle a fazia como a maior paixão de sua vida... seu desapparecimento não será preenchido por outro. 4º — Já li o primeiro numero, se quizer enviar-me os outros... 5º — Tenho e elle é quem desconfiou da sua letra... você não é o *A. B. K.*...?

Warner Baxter voltará á pele de "Cisco Kid" num novo Film da Fox...

* * *

William Wellman será o director de "Barbary Coast", de Samuel Goldwyn, com Anna Sten e Gary Cooper.

* * *

Lilian Harvey estrellará "365 Nights in Hollywood", da Fox. James Tinling, o conhecido director de Films hespanhoes, dirigirá.

* * *

A Associação Beneficente dos Operadores Cinematographicos mudou a sua séde social para a rua dos Andradas, 22, sobrado.

* * *

"Sacred and Profane Love", que já serviu para um dos mais lindos Films da aristocratica Elsie Ferguson é o novo Film de Joan Crawford, para a M. G.

Gloria Swanson

AVISO

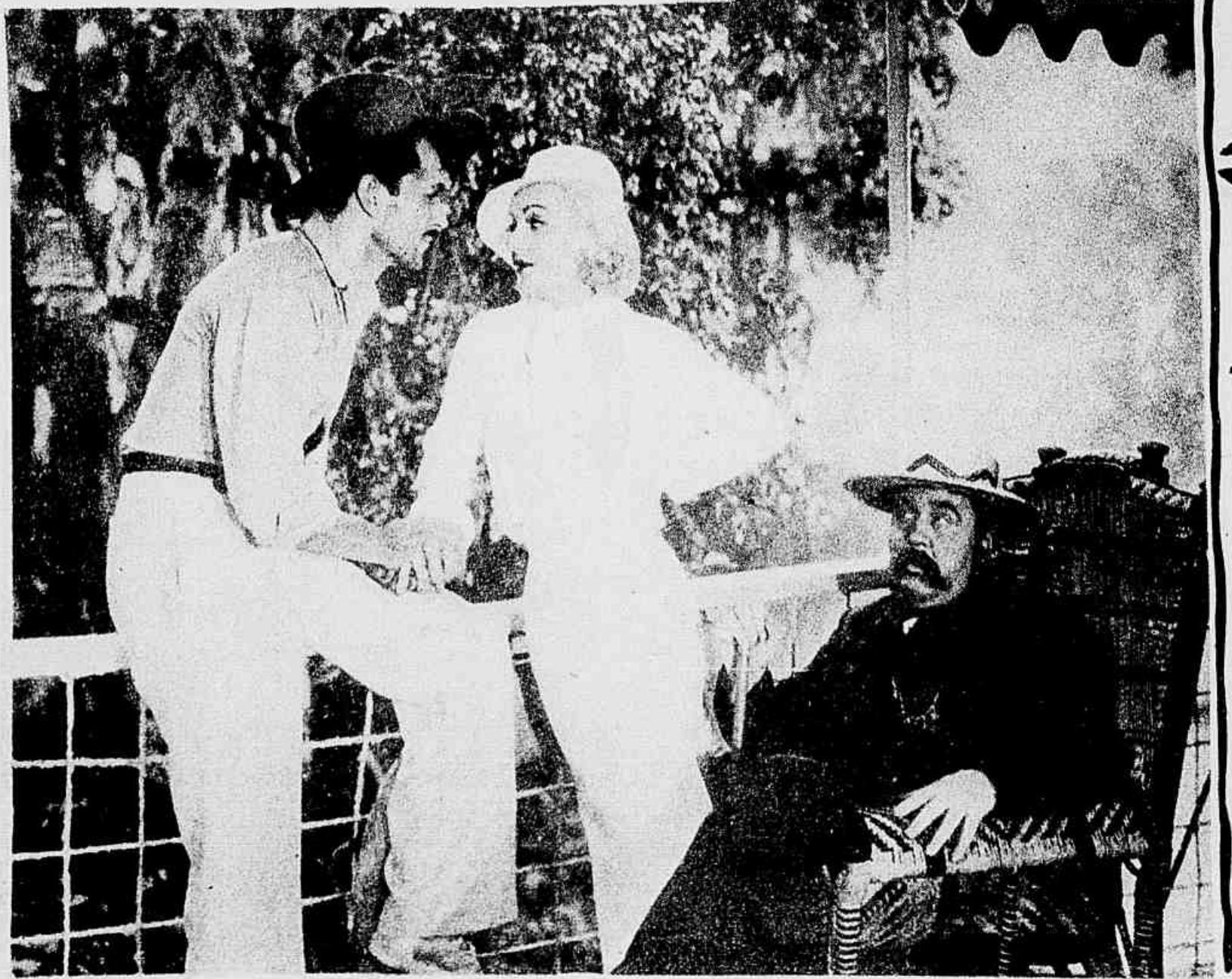
Convidamos o Sr. PAULO VICTORINO SANTOS, de Itabuna, Bahia, a se dirigir a esta Empreza, afim de regularizar os seus debitos.

"Cockeyed Cavaliers", comedia de Lou Brock para a RKO, reune Bert Wheeler, Robert Woolsey, Dorothy Lee e Thelma Todd.

A nova BIBLIOTHECA
DAS MOÇAS
A MELHOR E A MAIS CRITERIOSA
COLEÇÃO DE ROMANCES PARA
MOÇAS PUBLICADA EM PORTUGUÊS
ULTIMOS VOLUMES PUBLICADOS:
(*) MULHERZINHAS — por Louisa May Alcott — tradução revista por Godofredo Rangel.
(*) SONHO DE MOÇA — de Kate Douglas Wiggin — tradução de Aggripino Grieco.
(*) POLLYANNA — por Eleanor H. Porter — tradução de Monteiro Lobato.
"O IT" — por Elinor Glyn — tradução de Godofredo Rangel — SEIS DIAS DE AMOR — tradução revista por Paulo de Freitas.
AMOR SUBCONSCIENTE — por Berta Ruck — tradução de Adriano de Abreu.
ALEGRIA DE VIVER — por May Christie — tradução de Livio Xavier.
O BOSQUE ENCANTADO — por J. Perdriel-Vaissière — tradução de Gustavo Barroso.
A PEQUENA DA CASA SLOPER — por Oliver Sandys — tradução de Paulo de Freitas.
NOBREZA AMERICANA — por Pierre de Coulevain — tradução de Moacyr de Abreu.
A IRMÃ BRANCA — por F. Marion Crawford.
REDIMIDA — por Marie Belloc Lowndes.
MAGALI — por M. Delly.
Todos os volumes marcados com uma estrella (*) podem, também, ser lidos por meninas!
Kate Wiggin
Sonho de moça
Louise May Alcott
Mulherzinhas
Eleanor H. Porter
Pollyanna
Elinor Glyn
O "It"
Marion Crawford
A irmã branca
Oliver Sandys
A pequena
CADA VOLUME
Brochura
3$000
5$000
Encadernado
Em brochura: volume simples 3$000, volume duplo 4$000
Encadernado: volume simples 5$000, volume duplo 6$000
Cia. Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 26 28 SÃO PAULO
A VENDA EM TODAS
AS LIVRARIAS DO BRASIL

Idolo Branco

QUANDO o marido de Judith Dennings suicida-se, as autoridades e as más linguas da cidade, na Malasia, onde vive Judith accusam-na como culpada.

A cidade pede ao governador que a deporte. Mas antes de Judith partir, Horace Prin (um brutal fazendeiro do interior, que já a vira cantando no café) convence-a de que aquella mulher encantadora deve casar-se com elle, afim de fugir á deportação.

Assim Judith casa-se com Prin e parte com elle para a plantação, sem saber que lá vivem quatro homens brancos, quatro verdadeiros farrapos humanos, escravos do fazendeiro que não os deixa partir, porque conhece os crimes que arruinaram o passado dequelles homens.

No dia em que Horace e Judith chegam, um dos homens brancos é morto pelos nativos, ao pretender fugir daquella verdadeira terra do inferno.

Agora restam só tres: Fenton, Jakey e David von Eltz e Judith sente-se attrahida em breve á amizade que logo se transforma em amor e os dois decidem fugir dalli.

Mas Prin tudo observa. Elle ameaça von Eltz, quebra-lhe a energia, apresenta-o covarde para Judith e depois o envia para um posto, no interior.

Para substituir von Eltz, Horace manda buscar Ballister, um renegado americano.

Quando von Eltz chega ao interior, elle encontra as tribus selvagens prestes a revoltar-se. Elles estão furiosos com Prin, devido á pessima mercadoria e viveres que lhes vendeu. Von Eltz diz-lhes então para irem a plantação de Prin, afim de lhe fazerem as reclamações pessoalmente.

Mas quando os selvagens chegam a casa do fazendeiro, este mal lhes dá confiança. Furiosos, os chefes selvagens voltam ao interior para se reunirem ás suas tribus. Von Eltz ouve-os e comprehendendo o perigo, volta ao posto para salvar Judith da imminente revolta. Elle chega a tempo e Prin não faz objecções a partida de sua esposa com Von Eltz — rumo á costa, numa lancha. Mal os dois partem, Prin vira-se para Ballister e diz-lhe que a passagem do rio está vedada, que a lancha não tem gazolina e que os dois fugitivos serão mortos pelos selvagens. Mas Ballister responde-lhe que protegeu os fugitivos, fornecendo-lhes gazolina e que a estas horas, ambos estarão á salvo...

O barulho dos tambores dos indigenas, torna-se mais alto. Prin corre ao interior da casa, para armar-se. Jakey, que fugira com Judith e Von Eltz, vingou-se do despotico Rei do Rio: antes de partir, jogou todas as armas e munições de Horace Prin, na correnteza do rio... Ballister suggere ao fazendeiro um jogo de poker, para esperar a morte. Mas durante o jogo, uma setta envenenada, mata-o... E Prin, como um verdadeiro heroe, abre a porta e dirige-se ao encontro dos selvagens, que o torturam e matam...

* * *

Gloria Swanson será a estrella de **Barbary Coast**, de Samuel Goldwyn, que estava destinada a bizarra Anna Sten. Uma noticia adoravel para os "fans" da queridissima Gloria! Gary Cooper será o galã. Antes, porém, Gloria fará para a Metro — **Three Weeks**, aquella celebre historia que a marca do leão já Filmou, silenciosa, com Aileen Pringle, lembram-se?

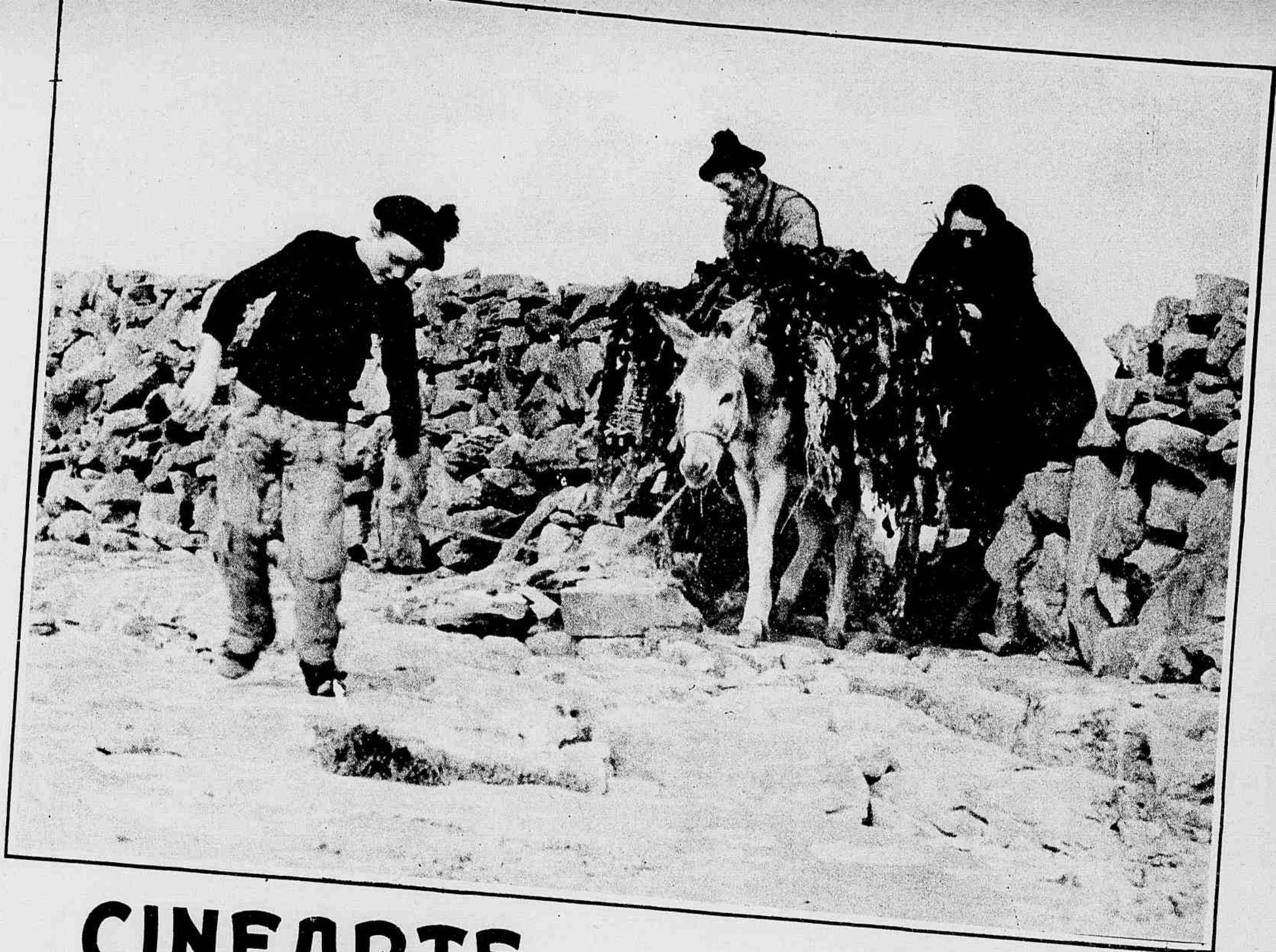
* * *

Elissa Landi e Adolphe Menjou voltam a trabalhar no Studio Paramount em "I Love an Actress".

* * *

"The Private Life of D. Juan" é o titulo do Film de Douglas Fairbanks pae, para a London-Films.

* * *

"Our Daily Bread" é o titulo do novo Film de King Vidor.

CINEARTE

Scena da ultima producção de Robert Flahérty para a Gaumont-British — "O homem de Aran", Filmada na ilha irlandesa do mesmo nome

DOCUMENTARIOS

Juntamente com o "Maior Caso de Chan" tivemos o enorme prazer de reatar relações com o "tapete magico" que não nos visitava ha tanto tempo.

Tratava-se do documentario — Reflexos de Bangkok. Para mostrar a importancia do documentario direi apenas que ella é tão relevante que entre nós houve um critico que o considerasse um dos elementos integrantes do Cinema, que elle reduzia á fórmula: **documentario, preto e branco, silencioso.**

O documentario tem o enorme valor de evitar o emprego de elementos extranhos, de neutralizar esses numerosos intrusos que destroem toda a pureza da arte Cinematographica. O documentario deixa bem ver que o Cinema é uma arte puramente visual, que traduz a significação profunda do mundo atravez da nossa visão, sem preoccupação descriptiva ou de outra qualquer maneira interessada. O documentario mostra, expõe. As imagens é que agindo umas sobre as outras, por choque (Enisenstein) produzem a emoção esthetica. O documentario no Cinema faz o que talvez só Boch e Mozart realizaram na musica: arte pura.

Para que nós comprehendessemos tudo o que nos mostra "Reflexos" de Bangkok seriam perfeitamente dispensaveis os numerosissimos letreiros cheios de explicações profundamente acacianas.

Os documentarios como esse tem a mais uma alta significação humana, mostram que em todos os climas, em todas as latitudes, o que caracteriza o homem é a profunda identidade do seu destino. Em todas as regiões do mundo as alegrias são as mesmas, a dor é sempre a mesma e o homem manifesta em toda parte o mesmo espanto, a mesma surpreza e o mesmo assombro deante do inexplicavel da creação.

A evidencia das imagens fará por si só, em favor da sympathia humana, o que em tão longos seculos de cultura não puderam realizar os symbolos já vasios da linguagem.

DESENHOS ANIMADOS

Faz alguns annos já dizia-me Bezerra Coutinho: "O desenho animado é o ultimo refugio do Cinema puro." Uma profunda verdade. Uma verdade que não tem sido devidamente apreciada.

O desenho animado é olhado pelo "fan" ordinario como um divertimento banal, como um "hois-d'œove" que se serve antes do prato de sustancia do Film principal. Ri-se, ri-se e passa-se a diante.

Entre os criticos mesmo poucas referencias demoradas tenho eu encontrado. A não ser um admiravel artigo de Altman apparecido em "Monde" não conheço mais nada.

Ha tempos eu escrevi qualquer coisa a respeito no "Diario da Noite". Dahi para cá a producção tem sido enorme, incrivel.

O desenho animado é vario, é ineffavel, é desconcertante como uma coisa natural. E' assim como uma floresta, um mar, em que os aspectos, as feições são tão variadas que a gente esquece no momento seguinte o que nos deliciára no momento immediato. E' a unica modalidade de Cinema em que a imaginação póde estar á vontade, livremente, sem impecilhos. E' a forma onde se poderão esperar as melhores realizações surrealistas. No desenho animado o inconsciente respira a sua atmosphera propria, livre da censura incommoda da consciencia. O desenho animado é omnipotente. Elle póde acompanhar a vagabundagem mental em todos os seus caprichos, em todos os seus desvaneios. O desenho animado é o unico meio de visualizar as combinações mais bizarras da nossa agitação cerebral.

Quem não se lembra do admiravel "As rãs querem um rei" de ha cerca de dez annos?

Depois disso a technica do desenho animado tem progredido assombrosamente, tem povoado o mundo de uma infinidade de seres incriveis...

Quero exaltar aqui o extraordinario talento de dois creadores incomparaveis: Walter Disney e Fleischer. Do primeiro acabamos de assistir a uma maravilhosa realização: "No Reino da Fantasia", em que não se sabe o que mais se ha de admirar, si a graça inimitavel, si a ironia, se a riqueza de uma imaginação exuberante, si a perfeição technica, si a precisão do estylo, si o rithmo, si...

Um Film como "No Reino da Fantasia" é um verdadeiro "relief" depois de uma montoeira tão grande de coisas miseraveis a que o pobre critico é forçado a assistir.

(De Aurelio Gomes de Oliveira, especial para "CINEARTE")

Cary Grant casou-se com Virginia Cherrill

Hollywood Boulevard

QUANTOS amigos encontrei, hoje, no Hollywood Boulevard. . . Primeiro foi Cary Grant, que voltou da Inglaterra depois de ter visitado a terra natal por mais de dois mezes. Cary voltou, cheio de saude, contente e feliz da vida! Hoje, encontra-se restabelecido de uma enfermidade que o levou a um hospital de Londres — onde passou o Natal! Nada agradavel para quem volta á Patria e quer matar saudades. Mas, a sua estada no hospital foi suavizada pela presença da linda Virginia Cherril, sua noiva, então.

O enlace de ambos que era para ser realizado perto do Natal foi, assim, adiado e elles esperaram até que Cary ficasse completamente bom. No dia da partida, Cary e Virginia Cherrill, acompanhados do pae delle, correram ao juiz e casaram-se. Tomaram o auto e tocaram a toda pressa para as docas, onde pegaram o navio que os deveria trazer de volta a New York! Typo do casamento e da viagem de nupcias de que Douglas Fairbanks teria sido protagonista num Film de aventuras. . .

Cary é um esplendido rapaz e merece essa Felicidade toda que elle vive apregoando, com o seu enthusiasmo por Virginia. Ella é encantadora e de uma doçura unica! Elle prometteu-me convidar para um jantar, numa noite destas, quando então serei apresentado a antiga "leading-lady" de Chaplin. Lembram-se de **Luzes da Cidade?** Pois é esta mesma Virginia que hoje é Mme. Cary Grant. . . Logo no dia seguinte da sua volta a Hollywood, Cary iniciava um novo Film ao lado de Sylvia Sidney que se chama "Thirty Days Princess" e é uma producção de Schulberg para a Paramount. . .

Mais adeante, depois de haver deixado Cary Grant que seguira no seu bonito carro para o Studio, esbarro em Jack La Rue. Sempre a passear pelo Boulevard, espiando as vitrines — tal qual nós costumavamos fazer, de volta do collegio e quando atravessavamos a Avenida Rio Branco, desde a Praça Mauá até á Galeria Cruzeiro, afim de pegar o Aguas Ferreas e tocar para casa... Jack La Rue é um dos mais sinceros rapazes de Hollywood.

Joe Morrison

Sempre acompanhado de sua irmãzinha, que eu não sei porque ainda não entrou para o Cinema, pois é tão encantadora!

Jack me conta que deixou a Paramount. O seu contracto terminou e elle não quiz renoval-o, pois pretende ser **free-lancer** e, desse modo, escolher seus proprios papeis e discutir ordenados... E elle não precisa importar-se com trabalho pois os Studios se sentirão bem contentes em tel-o em seus Films, tão bom artista elle sabe ser!

Jack La Rue segue a sua caminhada pelo Hollywood Boulevard que está envolto em luz e alegria. A Primavera está chegando e a prova são os ramos de pecegueiros e amendoeiras que as floristas da cidade vendem e que vieram dar um ar de felicidade á terra das estrellas... A' porta do banco, uma velhinha vende violetas perfumadas e o seu pregão enche os ares... **"Violets,** dois raminhos por vinte centavos!"

A Primavera chegava antes do tempo marcado pelos scientistas... que vivem mettidos em seus laboratorios sommando as gottas de chuva do Inverno e vendo a columna do mercurio subir nos thermometros... E elles não sabem vir para a rua e gozar este sol rutilante e este azul tão limpido do céu... "Violets... Violets... grita a pobre velhinha, que se sente tão contente, não pelos vinte centavos que acaba de ganhar, mas por ter recebido as duas moedinhas de prata das mãos bonitas de Carole Lombard... E que desafio a belleza daquella tarde de sol não era o sorriso bonito e feliz de Carole Lombard... e que dourado não estavam seus lindos cabellos!

Tom Brown vem caminhando cheio de pressa, mas elle já me disse que nunca está apressado bastante para não parar e dar dois dedos de prosa a este amigo de vocês todos. Tom acaba de ser emprestado pela Radio — R. K. O. para um papel em "The Witching Hour", Film que a Paramount vae fazer e onde elle terá um papel importante. Esta mesma historia já serviu para um grande Film, ali mesmo no Studio da Paramount. . . Foi, ha muito tempo, quando a musica dos Films vinha de uma orchestra que tocava no escuro da sala e quando os artistas, no seu silencio, falavam mais ao coração dos **fans...** Creio que Lloyd Hughes fez o papel do jovem nessa historia, onde ha uma scena de tribunal e um crime de que o rapaz é accusado... Hoje, Tom vae interpretar esse novo papel de sua carreira tão brilhante... Recordo Tom Brown, quando a elle fui apresentado pela primeira vez — ou melhor, quando bati á sua porta, certa manhã, logo nas primeiras semanas da sua chegada a Hollywood.

Jack La Rue deixou a Paramount. Leiam o que Gilberto diz da irmãzinha de Jack...

— "Fiquei contente de que você tivesse vindo. . ." disse-me elle, quando nos despedimos. E, até hoje, já se passaram mais de dois annos — Tom é o mesmo rapaz que eu entrevistei certa manhã de Inverno. . .

Tom está continuando a fazer successo e ganhando bons papeis. Elle deixou a Universal e, actualmente, está na Radio para onde fez um Film — **Two Alone,** que tem muita poesia e um encanto delicioso! Elle e a encantadora Jean Parker viveram uma historia tão fina e delicada que, se não soubessemos, poderiamos affirmar ter sido dirigida por David W. Griffith. . . O mesmo sentimento, a mesma belleza, aquella poesia infinita que a gente encontrava em todos os trabalhos do mestre dos mestres. . .!

E Tom vae-se, dirigindo ao alfaiate mais famoso do Boulevard, onde encommendara um novo terno. . . Só uma coisa, differente — Tom fumava um charuto que só ficaria bem na bocca de C. Aubrey Smith ou de George Barbier. . . mas elle seguiu o seu caminho, contente e feliz com o novo papel!

Um letreiro chama a minha attenção. . . **Le Roy Mason, Bebidas!** Fiquei a pensar naquelle nome que me era conhecido. Sim, fingi que espiava a exposição de garrafas na vitrine e ser um pretenso comprador de um litro de vinho da California.

Mas os meus olhos correm a loja de lado a lado e — quem vejo junto do balcão? Sim, o mesmo Le Roy Mason que já amou Dolores del Rio em **Revanche...** aquelle rapagão bonito e forte, alto e sympathico, senhor de um sorriso feliz!

Elle não quer saber mais de Films. . . mas quem me póde convencer do contrario? Hollywood não abandona as suas prezas. . . Uma vez dentro do Cinema é continuar nelle. . . Le Roy Mason, depois de ter feito varios Films, ficou muito tempo sem trabalho. . . Por isso, resolveu tentar o commercio . . e nada melhor do que o de bebidas! Quanta gente que quer molhar a garganta nestes dias quentes em que um delicioso "high-ball" é a coisa mais convidativa, depois de alguns mergulhos numa piscina. . . Chegou a época dos "cock-tail parties" debaixo dos guar-

(Continúa no fim do num.)

Otto Kruger

Seis horas de vida!

Otto Kruger jazia num branco leito de hospital e ouviu distinctamente as funebres palavras do medico.

Não se affligiu muito. Gozara a vida em todo o seu esplendor, conhecera, de sobra, as delicias e o prestigio da Gloria artistica. Na verdade, deixaria no mundo uma linda esposa e a sua filhinha de um anno... Isso era o mais duro.

Mas a Morte ia revelar-lhe agora o seu lado melhor... Paz! A eterna paz do tumulo, que nenhuma força humana perturba... O corpo martyrizado descansaria, emfim do seu soffrimento... A Dôr morreria! Era tempo...

Rebentara uma arteria do estomago e, emquanto os medicos se viam impotentes, a vida de Otto Kruger esvaia-se, lenta, mas pro gre ssivamente, n u m a torrente de sangue.

Em bru lhado em gelo, dos hombros a o s joelhos, Otto jazia immovel, á espera...

— Devia ter morrido naquella occasião, diz elle a um jornalista, sentado no seu camarim da "Twentilth Century" Não podia haver, na minha vida, melhor occasião p a r a semelhante gesto... A doença constituiu para mim uma verdadeira revelação. Simples conhecidos meus portaram-se como amigos de longa data. Dezeseis rapazes organizaram o que chamavam o "Transfusão-Club", apresentando-se collectivamente aos medicos e offerecendo o sangue para me salvarem a vida! E, além dessa, muitas outras provas de uma dedicação commovedora! Devia ter morrido!

Não soube aproveitar o momento...

Mas, veiu o milagre!

Sob a cção do gelo, o sangue coagulou-se, formando um coalho que fechou a abertura do vaso. A torrente vermelha abrandou, diminuiu, cessou por completo. E Otto Kruger, quasi a terminar o seu cyclo sobre a terra, ergueu-se do leito, para receber de novo os applausos da multidão, que não o queria ver partir para sempre. A Morte levou aos olhos vazios os dedos descarnados, metteu a foice no sacco e partiu para longe.

A vida de Otto estava destinada, desde berço, a ser uma serie ininterrupta de maravilhosas aventuras.

O avô de Kruger era constructor de navios, na costa norte do Maine. Um dia, chegou noticia de que uma escuna naufragára sobre um banco de areia, a algumas milhas da terra. Todos os barcos de pesca, mesmo os menores, partiram immediatamente em soccorro dos passageiros.

A pequena embarcação do avô Kruger só tinha capacidade para quatro pessoas. Vinha a bordo uma linda mocinha, sentada á prôa, em silencio, que observava, com profunda admiração, a musculatura e os largos hombros do rapaz que, com tacto e firmeza, dirigia a minuscula embarcação para a terra.

Foi o que se chama "amor á primeira vista." Casaram-se sem demora, partindo para Fort Industry (hoje Toledo), no Ohio, onde construiram casa e combateram com os indios.

O filho delles, pae de Otto, cresceu e collocou-se como guarda-livros de uma grande firma de Toledo.

Todos os sabbados, o guapo rapaz alugava carro e cavallo e partia pelos campos fóra, a gozar as horas de folga.

Passava em frente de muitas granjas, mas não costumava deter-se, até que um dia interveiu o Destino.

Ouvindo um grito de terror, o pae de Otto parou bruscamente o carro e viu agarrada ao galho de uma arvore, por sobre os chifres de um touro enfurecido, adivinham quem! A filha do granjeiro!

Enxotando o f e r o z animal com um imperativo "Passa fóra, peste!", o pae de Otto colheu nos braços a amedrontada moça e, juntos, partiram para a residencia do granjeiro.

Foi tambem amor á primeira vista. Casaram-se, montaram casa e, dentro em pouco, começaram a esperar a chegada de um herdeiro que iria tornar a feliz união ainda mais completa.

Chegando dois mezes antes da data marcada, Otto abriu os olhos azues para um mundo que promettia muito... e cumpria pouco.

Timido, sensivel, sonhador, passou pela epoca mais difficil da infancia,

Otto e Ann Harding em "Gallant Lady", da 20th Century.

s e m fugir ao tributo geral.

T e v e sarampo, cachumba e muitas manhas.

De repente chegou aos dezeseis annos e ao amor!

A pequena tinha vinte e um annos, era um encanto e estava para casar com outro. Sorte cruel! Dia opós dia, Otto acompanhava-a no velho piano, emquanto ella entoava, na sua voz doce e melodiosa, lindas canções de amor, que não concorria em nada para alliviar a triste situação sentimental.

Por fim, não podendo dominar-se por mais tempo, o rapaz declarou o seu amor, exultando de alegria quando percebeu que tambem era correspondido! Mas a voz da razão interpoz-se. O noivo da moça era um medico rico que podia dar á esposa coisas com que Otto nem sequer sonhava.

Resolvido a não sacrificar a sua eleita, o actor teve um grande "gesto de nobreza". Escreveu uma pathetica carta de renuncia e fugiu para Chayenne, onde cuidou do gado e ganhou, em seis mezes, cento e oitenta dollares. Dahi, passou para a cidade de Kansas, onde arranjou o emprego de vendedor de pianos. Depois de haver estragado uma meia duzia de instrumentos, a tentar tocal-os, a casa achou que, como vendedor de pianos, Otto era um excellente "cow-boy" e pol-o no meio da rua. O actor conheceu a miseria. Mas, Recebendo, certa occasião, cincoenta dollares, pela revisão de uma obra, o artista decidiu correr mundo. Foi parar á America Central, onde um dia, encontrando-se sem vintem, se collocou, como piloto, a bordo de uma chalupa. Entrando em entendimento com dois companheiros, Otto, já farto de carregar madeiras, zarpou uma noite com o barco para os Estados Unidos, voltando á miseria antiga. Mais tarde, conseguiu collocação, por meio de um annuncio, numa companhia theatral de Iola, no Kansas. Foi o principio da longa carreira, que o levou á Broadway, e, finalmente, ao destino de todos os bons artistas do palco: — Hollywood. Otto Kruger lutou contra o inevitavel por espaço de

(Termina no fim do numero).

Com Barbara Stanwyck em "Sempre em meu coração".

Glamour

RIPTIDE (Metro Goldwyn-Mayer) — O ultimo trabalho de Norma Shearer, depois de uma ausencia bastante prolongada. Ella volta numa historia no genero, e onde já obteve tanto exito, de *Beijos a Esmo, Divorciada etc.* Extremamente elegante, passado em salões e em ambientes de sociedade riquissima, Norma tem, por conseguinte, chance de vestir lindas toilettes e mostrar-se fascinante, coquette e *sophisticated*. Gostei immenso deste Film, cuja historia, girando em torno do conhecido triangulo amoroso, tem momentos de emoção e drama. Ha scenas entre Norma Shearer e Herbert Marshall — e entre ambos e Robert Montgomery que possuem força, vibração e que fazem pensar. O Film tem bastante dialogo e, em certas sequencias, é pouco movimentado. Os dialogos são bellos, modernos e elegantes.

O Film se mostra cuidadoso, notando-se que houve por parte de Irving Thalberg, seu productor junto ao Studio, attenções todas especiaes. Os fans de Norma gostarão immenso — e uma platea feminina ficará deliciada, com este trabalho.

A philosophia do Film — humana e sincera — não se accomodará muito bem ao pensamento de platéa masculina, principalmente a brasileira. Ahi, a historia de Lady Rexford terminaria no noticiario dos jornaes — com o titulo — "Tragedia Passional" Ha certos individuos, que ainda não aprenderam a ser civilizados — e resolvem o triangulo amoroso, com o auxilio do revolver...

Mrs. Pat Campbell, que apparece no Film, na excentrica Lady ingleza, fará successo. George K. Arthur, E. B. Clive, Skeets Galagher, Lilyam Tashman (num dos seus ultimos papeis) e Ralph Forbes completam o elenco. Direcção de Robert Leonard.

—oOo—

VIVA VILLA (Metro Goldwyn-Mayer) — Este Film soffreu tantas complicações, durante a sua confecção que é para admirar tenha o Studio podido offerecer um trabalho tão bom e interessante. O elenco teve varias substituições; muitos foram os directores que se empenharam em dirigil-o, innumeras as mudanças que o "script" obedeceu e, entretanto, *Viva Villa*, como vi em *preview* é um trabalho muito bom. Brutal, chocante em muitos dos seus aspectos, a historia procura acompanhar a vida de Pancho Villa, bandoleiro, heróe dos *peons* mexicanos, defensor dos opprimidos, libertador de classes pobres e supporte da causa de Madero, leader revolucionario mexicano. No Film ha toda sorte de crimes, mortes e depredações. A violencia predomina de principio a fim. Fuzilamentos, enforcamentos, execuções summarias e até a morte de um general, trahidor, comido pelas formigas. Não é um trabalho para ser assistido por nervos debeis, mas, impressiona, forte, dominador, com uma violencia de scenas e um trabalho tão perfeito por parte do elenco que agrada. A photographia é, na minha opinião, uma das mais bellas e offerece um bom gosto unico em todos os seus *shots*. Vendo, agora, este Film, lembro-me de *Que Viva Mexico!*, do russo Einsenstein. Ha semelhança entre os dois Films, mas este da Metro, obedecendo ás normas do Cinema, é mil vezes superior. Tem a mesma linda photographia, certa brutalidade e realismo da outra mas dentro de uma forma photogenica, Cinematographica — para falar claramente.

Wallace Beery está notavel. Depois, Henry B. Walthall, no general Madero, mostra-se estupendo. O elenco tambem offerece esplendidas contribuições de Stuart Erwin, Fay Wray, Donald Cook, Leo Carrillo (impagavel e ao mesmo tempo num caracter curioso)! Katherine de Mille (vocês vão ficar loucos com a sua belleza) Joseph Schildkraut. Este ultimo, se bem que vá muito bem, tem em certos momentos muitos do caracteristico germanico de certos villões de Films de guerra. Elle é o trahidor, general Pascal. Filmado no Mexico, com auxilio e cooperação do governo e sobre fiscalização do mesmo, o Film mostra uma pagina da historia dessa republica e as duas maiores e mais serias revoluções que vieram dar aos *peons* sua liberdade. O Film, vibrante, mantem-se, em varias sequencias, rapido, num rythmo constante. Apesar disso, por vezes, arrasta-se um pouco — mas tratando-se de um estudo biographico, onde se procurou, mais ou menos, ser fiel, era inevitavel que isso succedesse.

Acredito que esta pellicula esteja destinada a um grande exito. Como Cinema é uma obra de valor.

—oOo—

I WAS A SPY (Distr. da Fox Film) — Um Film de ambiente da grande guerra e que nos vem dos Studios inglezes, com um elenco, onde brilha, uma nova estrella — Madeleine Carroll. Esta artista é, realmente, linda. Muito conhecida na Inglaterra, onde adquiriu nome e fama nos palcos e em Films, ella, actualmente se encontra aqui, trabalhando em *The World Moves On*, grande super-producção da Fox deste anno e cujo elenco tambem apresentará o nosso Raul Roulien. Madeleine tem todos os predicados para vencer. Ella dá ao seu papel de espiã, grande sinceridade e, nos momentos de delica emoção e sentimento, é onde se mostra uma artista soberba. Herbet Harshall e Conrad Veidt tomam parte. O Film é bem feito e offerece momentos de intensa emoção, dando margem a Herbert Harshall a offerecer um excellente desempenho. Procurem vêr e conhecer Madeleine Carroll.

—oOo—

THE SPITFIRE (Radio — R. K. O.) — Film que, durante a sua confecção, recebeu o titulo de *Trigger*, nome do caracter representado por Katherine Hupburn. Ella nos surge, desta vez, numa pequena selvagem das montanhas do interior dos Estados Uunidos, onde, apesar do progresso colossal deste paiz, ainda perduram crenças e superstições ignorantes.

Para o americano, o Film offerece redobrado interesse que para uma platéa estrangeira perderá grande parte do seu valor. O sotaque com que Miss Hepburn fala o seu dialogo é um lado interessante e curioso do seu papel. Os costumes, os typos e dos ditos do film tambem são locaes e que passarão desapercebidos ao publico de outros paizes. Encarando o Film, porém, como foi apresentado — acho-o, principalmente digno de ser visto pelos brasileiros, pelo trabalho de Katherine Hupburn, uma artista theatral, em certos momentos, mas que tem lampejos de verdadeira arte em seus desempenhos. Ella domina todo o Film, dando pouca margem a que outros typos da historia tenham mais a fazer. Ralph Bellamy, Robert Young apparecem. Com este ultimo, ella tem uma scena amorosa que é de uma delicadeza e de um encanto unicos e de grande espiritualidade. Martha Sleeper surge numa unica scena. Ha uma mulher no Film — que encarna uma typica roceira — a artista Sarah Haden (não confundir com Sarah Padden) que arranca bôas gargalhadas.

O Film é um mixto de religião, fé e crendices boçaes.

—oOo—

THE MAN OF TWO WORLDS (Radio — R. K. O.) — A historia deste Film, inverosimel em certos pontos, é, apenas, um pretexto para dar margem a que Francis Lederer, o novo astro da Radio — R. K. O. se apresente ao publico. J. Walter Ruben dirigiu o Film e deu rédea solta ao artista, que se mostra natural, expontaneo e que promette tornar-se, apenas com este seu primeiro papel, um novo nome no céu de Hollywood. O Film diverte immenso, principalmente pelos disparates que as suas situações offerecem. Francis é um Eskimó que nunca tivera contacto com os homens brancos; levado para Londres, apaixona-se pela filha do explorador, Elissa Landi e pratica toda sorte de gaffes, pois para elle aquella civilização do "homem branco" era desconhecida. Tem, porém, certas scenas, onde se mostra dramatico e excellente artista de emoções e sentimento. O Film agrada e o elenco é composto de nomes conhecidos como sejam o nosso sempre apreciado J. Farrell Mac Donald, Henry Stephenson, Christian Rubb e Walter Byron. Elissa Landi, elegante e bonita, tem pouco a fazer.

—oOo—

GLAMOUR (Universal) — Constance Cummings, na minha opinião, tem melhorado muitissimo e, recentemente, eu a vi em duas *performances* notaveis.

Em "This Man is Mine" (antigo Transient Love, da R. K. O.) e nesta finissima comedia da Universal. William Wyler dirigiu com um tacto e um bom gosto unico, tirando da historia de Edna Farber, bastante original, situações e angulos novos.

Aqui está uma pequenina joia — interessante, leve, agradavel, com um sabor delicioso e que agradou completamente. Paul Lukas, ha muito que não tinha opportunidade de mostrar-se mais elegante e suave do que neste papel.

Um novo galã, por signal emprestado pela Warner Bros. á Universal, Phillip Reed, está muito bem. Ha musica e um numero de dansa de muito effeito. Ha, principalmente, uma naturalidade e suavidade de direcção que encantam. A scena em que Constance Cummings, depois de adquirir fama no theatro, se vê rodeada de costureiros, jornalistas, musicos, secretarios, aduladores etc — é uma das mais esplendidas do Film. Joseph Cawthorn, num papel curto, vae bem. Parabens a Universal e um aperto de mão a William Wyler.

—oOo—

FINISHING SCHOOL (Radio — R. K. O.) — Este Film marca o inicio da carreira de Wanda Tuchock como directora, se bem que ella tenha tido o auxilio de George Nichols Jr., experiente e conhecedor de Cinema. O Film, na sua historia, pouco apresenta de novidade — mas diverte e offerece um mixto de comedia e drama. Frances Dee, que melhora dia a dia e se mostra cada vez uma artista mais perfeita, tem o papel central. Está linda e maravilhosa. Bruce Cabot é o galã.

Beulah Bondi, notavel, na directora do internato de luxo para filhas de millionarios. Ginger Rogers e Billie Burke, completam o elenco. Ambas perfeitas, dentro de suas respectivas partes.

—oOo—

IT HAPPENED ONE NIGHT (Columbia) — Frank Capra é o maior director que a Columbia possue. Elle, mesmo com o Cinema falado, sabe dar aos seus Films movimento e acção — qualidades que se fazem necessarias, principalmente, levando-se em conta os mercados estrangeiros. Este Film é uma comedia excellente — engraçadissima, sendo tambem que parte da sua comicidade reside nos dialogos, bem feitos, com espirito e graça expontanea. Clark Gable e Claudette Colbert são as duas figuras principaes — e nunca vi Clark Gable tão bem. Vocês ficarão surprehendidos em o ver num papel onde ha bastante comedia e onde elle se mostra notavel!

Este trabalho da Columbia está fazendo um successo louco e o merece. Espero que os *fans* brasileiros tenham a opportunidade de assistir a esta producção — pois ella diverte de principio a fim, e fará o publico rir com gosto. O Film tem situações esplendidas e typos bastante curiosos. Edward Connolly, no pae de Claudette, está excellente. Jameson Thomas, Roscoe Karns, a malograda Blanche Frederici e Arthur Hoyt completam o elenco. Roscoe e Clark offerecem uma scena que é estupenda. Claudette — é preciso dizer como está elegante, seductora no seu papel? O Film apresenta ambientes ricos e uma qualidade de producção que nada fica a desejar a um super-Film. Esqueci-me de dizer — Alan Hale, num papelzinho pequeno, esplendido!

—oOo—

HI, NELLIE — (Olá Nellie) — (Warner Bros.) — Os que viram *Scarface* e *O Fugitivo* ficarão surprehendidos ao assistir a esta comedia de Paul Muni. Muito pouca gente pensava que Paul Muni pudesse ser um comediante — e elle provou que o é e que Film esplendido! Realmente, a Warner Bros. entregou a Mervyn Le Roy uma historia bem feita, com emoção e, sobretudo muita comedia. O assumpto é jornalistico, mas feito com leveza e muito espirito. Um dos melhores trabalhos destes ultimos mezes e um elenco soberbo. Paul Muni é secundado por Gleanda Farrell, sempre notavel, Ned Sparks, que não se cança de nos dar bons papeis, Burton Churchill, Robert Barrat, Kathryn Sergava, Allen Vincent e Robert Cavanaugh.

Eis um Film que agradará na certa no Brasil — ha muita acção e Muni tira o maximo partido do seu papel.

—oOo—

WHARF ANGEL (Paramount) — O Film serve de apresentação a Dorothy Dell, excantora do Ziegfeld Follies, em New York, mas que prova ser uma artista bem bôa. Ella lembra Mae West, mas mais moça. Seu typo se casa bem ao papel que offerece neste Film, que não se póde taxar de uma grande obra, mas que tem caracteres interessantes. O papel de Preston Foster é que é um pouco obscuro, não tendo o Film o mostrado com bastante detalhes. Do que se vê e se ouve, entretanto, ha momentos em que elle é o que mais interessa.

Alison Skipworth abandona a comedia, por alguns momentos, para nos dar uma velha sympathica e humana. Ella vale parte do Film. Victor Mac Laglen, Mischa Auere, David Landau completam o elenco. Dorothy Dell canta um *blue* com linda voz e bastante sentimento. Não se esqueçam que este é o seu primeiro trabalho e ella está destinada pela Paramunt a papeis de maior importancia.

Dirigido por William Cameron Menzies e George Somnes. A photographia, e mcertos trechos, é notavel.

—oOo—

GAMBLING LADY (Warner Bros. First National) — Barbara Stanwyck no seu mais novo trabalho para Warner Bros. e dirigida por Archie Mayo. O Film, no inicio, arrasta-se um pouco. Depois da morte de Robert Barrat, pae de Barbara, é que entramos, verdadeiramente, na historia. Esta augmenta de interesse e offerece, então, passagens bem curiosas. O dialogo é, muitas vezes, em excesso, levando-se em consideração as platéas estrangeiras que não conhecem o idioma. Barbara, porém, volta a nos dar um papel cheio de subtilezas e nuances, onde brilha como sempre. Joel Mc Crea, que não é um grande artista, mas uma figura realmente sympathica, surprehende em muitas scenas, pela sua naturalidade e seu desembaraço em representar. Elle, na minha opinião, tem o melhor trabalho da sua carreira. Claire Dodd é a ameaça á felicidade de Barbara — e está linda. Ha ambientes luxuosos, toilettes maravilhosas e essa belleza exquisita de Barbara Stanwyck. Um dos caracteres do Film, mais humanos e mais interessantes, é o que C. Aubrey Smith vive. Phillip Faversham, Phil Reed, Arthur Vinton, Pat O'Brien e Robert Elliot completam o elenco. Ha scenas de extrema naturalidade entre Joel e Barbara que dão ao Film muito encanto e um sabor deliciosos.

—oOo—

SLEEPERS E A S T (Fox) — Film commum de programma, onde ha de tudo, gangsters, crimes, scenas de tribunal, romance de amor, um trem em carreira louca, um desastre, etc. Se não fosse pelo cuidado com que a Fox cerca seus Films, e pelo tra-

Fims vistos em Hollywood por Gilberto Souto.

FUTURAS

Finishing School

GINGER ROGERS

e a casa que Hollywood

lhe deu...

Lilian Harvey

Wynne Gibson

Eric Linden e Arline Judge

BANHISTAS DE HOLLYWOOD

Patricia Ellis

Wheeler e Woolsey e pequenas

NUMA SCENA DE "A HUMANIDADE MARCHA"

JEAN MUIR

BONEQUINHA LOURA, UM DOS GRANDES ENCANTOS DE ALGUNS FILMS DA WARNER-FIRST

A NOVA

(De Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood).

NÃO quero falar, aqui, nesta entrevista com Alice Brady, naquella artista da World ou da Select — pois CINEARTE, bem recentemente, publicou um artigo a seu respeito, recordando suas passadas glorias e seus grandes successos. Desejo trazer para estas paginas um pouco da nova Alice Brady — cujo trabalho, actualmente, nos Studios da Metro Goldwyn-Mayer veiu desvendar a uma nova geração de **fans** uma grande personalidade e — para os seus velhos admiradores uma faceta do seu talento que era, póde-se affirmar, quasi desconhecida.

Fui ao encontro de Miss Brady, logo após o seu triumpho formidavel em **A Rival da Esposa,** onde obteve um successo que lhe garantiu, immediatamente, uma legião consideravel de admiradores. A Alice Brady dos tempos passados, era uma artista, em essencia, dramatica. Vampira em alguns Films, romantica em quasi todos, dramatica e sentimental. Hoje, Alice Brady nos é mostrada na comedia e em caracter. Fiquei surprehendido no primeiro instante em que a vi desempenhar o papel daquella **lady** excentrica, fazendo **gaffes** impagaveis e vivendo um typo delicioso. Não era a mesma Alice Brady de Films como **A Ruiva, Teu Amor, paguei-o! A dansa da Morte,** etc...

Ella, lembro-me bem, nos dera, algumas vezes, leves comedias sociaes, onde, em muitas scenas, se mostrava capaz de offerecer bom humor e graça. Mas, o seu forte, naquelle tempo, era o drama. Admirei-me mais ainda, pois a ultima temporada de Miss Brady, no palco, fôra em **Mourning Becomes Electra,** um espectaculo theatral lugubre, pesado, envolto em crépes e chôro. Um desses dramas psychologicos profundos, onde se desenrolam estados d'alma e aspectos intimos do **eu** de cada personagem. Alla Nazimova estava tambem nessa peca. Uma tragedia, curiosa e interessante para certa platéa, mas difficil de dirigir pelo grosso publico...

Mas em **A Rival da Esposa,** Alice Brady nos voltou como comediante, quasi caricata, por vezes. Ella foi a sensação do Film. Foi como que uma nova artista que surgia, o que vem provar tambem a sua versatilidade e as varias facetas do seu merito como artista completa.

Estive por varias vezes, com ella. Da primeira, no **set,** onde Filmavam um **retake** para **Stage Mother** (Beijos que se vendem) e mais tarde, em seu camarim, onde conversámos longamente.

Alice Brady e Gilberto Souto, representante de CINEARTE, durante a filmagem de "Should Ladies Behave?" no Studio da Metro Goldwyn.

Ella, em pessoa, se casa mais ao typo que representa ultimamente do que áquellas heroinas soffredoras dos antigos dramas da World. Alice Brady vive a pilheriar e é uma das creaturas mais curiosas que se conhece. Ella quer saber tudo — principalmente, agora, que o Cinema mudou tanto e tão differentes são os processos de sua confecção.

Falaram-me della, no Studio. Quando Alice veiu para trabalhar, no primeiro dia, interrompia muitas vezes a scena para dizer: "Mas, é assim mesmo que devo fazer? Mas, é tão diverso do meu tempo... Mas porque se deve fazer assim? Por que? "E tinham que lhe dar todas as explicações sobre microphones, registro de som, **process shots,** etc. Ella abanava a cabeça e dizia:

"Mas quanta complicação... No meu tempo, não havia nada disso e se faziam Films notaveis!" E ella tem razão!

Gosta de tomar parte em todas as conversas. Procura ouvir tudo que se diz em sua volta e quando vê uma roda de duas ou mais pessoas palestrando, ella é a primeira a se juntar a ellas e conversar tambem... Brinca com todos com extrema intimidade e não tem pôses para ninguem. Logo que começou a trabalhar, tornou-se uma das estrellas mais queridas e populares dentro da Metro Goldwyn-Mayer. Possue esse instincto especial das artistas profissionaes. Está sempre á hora, sempre prompta para collaborar e acceitar suggestões. Mesmo que a technica dos Films tenha mudado radicalmente, ella não pretendeu pôr empecilhos ao trabalho.

Acceitava tudo conforme lhe ensinavam e lhe mandavam fazer, mas perguntava, apenas, por curiosidade!

Fui-lhe apresentado, entre um momento e outro de Filmagem e Alice sabendo que eu era do Brasil diz logo: "Os meus Films rendiam muito em seu paiz. A America do Sul, especialmente, a sua terra, era esplendido mercado, quando eu tinha interesses em meus proprios Films. Agora, não acha que eu mudei? "pergunta-me ella. Voltando-se para um amigo que commigo ali se encontrava, ella accrescenta: "Eu era vampira! Dramatica, romantica, apaixonada..." e fez um gesto sentimental, respirando forte e numa daquellas attitudes que fizeram celebre Theda Bara...

Não havia logar onde sentar-se, mas para Alice Brady não importava. Ella procura a mala da camera e senta-se nella, chamando-me. Fica a olhar-me e diz: "Mas, você se lembra mesmo desses Films... Eu mudei muito, não é?" indaga ella, com aquella entonação de voz arrastada e que ella usa nos seus Films, agora.

"Que bom tempo! Eu gostava muito do Cinema. Deu-me momentos bem deliciosos, mas tambem era um trabalho insano. Eu fazia minhas peliculas ou em New York ou mesmo em Chicago. Para onde seguia a minha companhia theatral, seguiam tambem os meus directores, "camera-men" e membros da troupe. Nunca tinha um momento de descanso, trabalhava de dia nos Films e, á noite, até tarde, no theatro.

Você como sabe, fiz cerca de quasi duzentos Films, na temporada da World, Select e Realart. Depois deixei o Cinema. Achei que estava passando de moda e que envelhecia tambem e não poderia continuar a ser romantica!

Uma das suas poses predilectas no tempo da Select.

Gostei da sua sinceridade. Admirei a sua franqueza e a maneira agradavel e sem pretensão que ella empregava em sua palestra.

Agora, estou novamente com Alice Brady, visitando-a em seu "dressing-room". Um aposento elegante e confortavel, na fileira de camarins da Metro. Este Studio não perde tempo em construir bungalows e apartamentos para suas estrellas. Estas mudam a roupa, tratam do "make-up" e recebem os jornalistas em seus camarins, que se estendem em fila, com uma varanda a correr pela frente. Todos eguaes, variando sómente as decorações internas que se combinam ao gosto pessoal de cada estrella. Até Garbo não é destacada dentre as demais personalidades do Studio. Duas salas,, banheiro e um pequeno escriptorio. Um grande divan de encontro a parede e nella, sentada, estava Alice Brady. Vestia pyjama e tinha uma fitinha vermelha segurando seus cabellos, num laço. Parecia uma collegial! Entrei e sentei-me junto a ella, numa confortavel poltrona. Minutos depois, surge um cachorro felpudo... Depois outro e começam a fazer festinhas... Desses cães pelludos, grandes, que têm sempre a idéa de que a gente acabou de comer dôces e por isso fingem que nos querem beijar... Tão **interessantes!**

Eu sabia que Alice Brady tem adoração pelos animaes. Sabia

Alice Brady

Com Dorothéa Wieck em "Miss Fanés Baby is Stolen", da Paramount. — Ao lado, recordação de um dos seus Films na Select: "A esposa infatigavel".

Outra reminiscencia: numa scena de "A' mercê dos homens", da Select, vendo-se Frank Morgan.

que possuia innumeros cães. Como só vi dois, indaguei se eram seus... Ella diz: "Sim, e no outro quarto, tenho mais dois Em casa outros tantos... Mary," grita ella, para a sua creada, "traz os outros dois!" Ah, por que fui perguntar? Agora eram quatro! A correr, a subir pelas minhas pernas, a querer fazer festa todos ao mesmo tempo! Acariciei-os meigamente. Fiz com o dedo signal para que se contivessem em suas expansões caninas, e procurei uma phrase para começar a minha palestra com ella. Quando ia abrir bocca — um delles, o maior e mais felpudo, impede-me de o fazer... Mas, enfim elles serenaram. Dou a Alice Brady **Cinearte**, onde tinha sahido o artigo a seu respeito. Oh, que esplendido! Mas, onde foram conseguir estas photos? Meu Deus, como pareço velha, aqui! murmura ella, apontando para uma scena de um dos seus Films com Maurice Flunn. Agora, "diz-me ella" veja, Eu não pareço melhor, hoje? Com franqueza, esse cabello e essa cara de noiva! "E ella ria, recordando esse Film. Olhou, depois para aquella sua pôse preferida dos tempos da Select. Aquelle chapeu immenso, de abas largas e... Ficou a olhal-o e diz: "Este, sim sempre gostei desta photo. Bem boa, não acha?"

E para minha admiração, ella principia a ler o artigo. Sim, como conhece um pouco de hespanhol, ia procurando decifrar as phrases.

O que mais me espantou é que ella provou ser intelligente. O seu hespanhol é tão vasto como o seu portuguez — por isso, ella ia adivinhando o que ali estava escripto, mas por um esforço do que, propriamente, por conhecimento. E leu, de verdade, quasi que o artigo todo. Lia em voz alta e depois traduzia para mim, em inglez, perguntando-me se estava certo.

As vezes, parava e não podia seguir. Pedia-me, então, que a ajudasse e ficou contente, com a nossa gentileza para com ella. "Quanta bondade! murmura ella". "Bonito da parte de sua revista. Vejo que gostam mesmo de mim, pois falam ahi de todos os meus Films". Os titulos, se bem que em portuguez, eram por ella, mais ou menos, em poucos segundos, decifrados e traduzidos para o original.

"Voltei, agora, num genero que differe bastante dos meus passados desempenhos. Acho que não posso mais fazer aquelles papeis como em **A Jaula de Ouro ou Mercado de Intrigas.** O tempo passa e eu mudei muito. Acho que a comedia é, realmente, o meu forte. Fiz o meu primeiro papel em "A Rival da Esposa" e como o typo que apresentei agradou, trataram de escolher outras partes no mesmo estylo. Acho errado, mas fiz com boa vontade. Sabia que iriam escrever que eu me repetia. Por isso fiz questão de fazer **Miss Fane's Baby is Stolem** para a Paramount. Nesse Film não uso toilettes elegantes, não sou uma dama de sociedade futil e pretenciosa. Sou uma mulher do povo, vivendo nas montanhas, rude e ignorante — mas de coração grande. Desperto certo bom humor na platéa, exactamente por situações do Film e não apenas pela fala de dialogos engraçados. Depois, os garotos que commigo trabalham — Baby Le Roy e Spanky contribuem para as gargalhadas do Film.

Eu estava com receio, mesmo, de que ia apparecer em camas cheias de rendas e sedas, com cachorrinhos felpudos, e a dizer excentricidades em todos os meus trabalhos, que se seguiram á **Rival da Esposa.** Foi por isso que acceitei o papel que a Paramount me quiz dar, aproveitando uma licença da Metro em trabalhar para outro Studio.

Antes de inciar o meu primeiro Film, fiquei com receio. Não sabia se ainda poderia trabalhar no Cinema e se o publico me acceitaria. Acredito que a geração actual do Cinema não se lembra mais de mim — ou melhor ignora o que fiz. Os que ainda se recordam dos meus passados trabalhos, iriam achar differente o typo que apresentaria nessa producção. Foi uma chance que tomamos, mas felizmente, sinto-me satisfeita que tenha agradado. Por essa historia, que a sua revista publicou, vejo que ainda não esqueceram de mim. Pelas cartas que o Studio recebe e pelas criticas das revistas, posso crêr que o publico de hoje está prompto a me receber.

Portanto, resolvi ficar em Hollywood. Nunca tinha conhecido a California, mais do que de simples temporadas theatraes. No meu tempo de Cinema, fazia os meus Films em New York. Gosto, agora, daqui. Trabalha-se com mais calma do que naquelles dias, pois fazem-se menos Films. Tambem tenho renovado amizades dos velhos tempos... Aqui mesmo neste Studio, voltei a encontrar Conrad Nagel, Madge Evans e que linda mulher ella é, agora!.— Frank Morgan..."

Aqui a interrompi para perguntar-lhe se Frank havia apparecido com ella, em Films silensiosos. "Sim, quando fiz Films para a Realart. Não me lembro e quasi tenho certeza de que elle não appareceu commigo na World. Madge, sim, — e era uma creança adoravel. E pouco mudou de genio. Hoje é a mesma menina cheia de affeição e bondade e que excellente artista, ella se tornou!" (N. da R. — Frank Morgan trabalhou com Alice em "O bisturi" e "A' mercê dos homens", da Select).

Nova pergunta minha e ella diz: "Não, papae nunca produziu meus Films. O seu nome estava ligado á fabrica por questões de publicidade. Elle foi um dos productores theatraes, em Broadway de maior fama e reputação artistica. Por isso, naquelle tempo o seu nome, encabeçando uma pellicula trazia respeito e despertava interesse não só entre os exhibidores como tambem no publico".

Dos meus Films silenciosos, gostei mais de **Noite Nupcial.** Nesse Film, fazia dois papeis. Trata-se de uma peça que foi escripta para as Dolly Sisters e estas faziam os dois papeis, no palco. Quando produzi tal Film, fiz um papel duplo e elle é um dos meus preferidos."

"Gostaria de fazel-o, novamente?" "Não. o meu typo actual não se presta mais a esse genero. Dos outros trabalhos, **Russia Tragica e A Ruiva"**, acrescenta ella, "são os de que mais gostei".

Alice Brady ainda possue aquelles mesmos olhos lindos, tão tristes e sonhadores. De cada lado do seu rosto, ainda tem aquellas covinhas que a tornaram celebre. **Está ainda a mesma figura elegante e bonita. Ella leva** sobre outras estrellas **a vantagem de**

(Termina no fim do numero)

O divorcio de Mary Pickford

MARY PICKFORD, a extraordinaria, a "milagrosa" Mary, como alguns a chamam, essa singular personalidade de artista e de mulher, que é do Cinema antigo, uma das rarissimas figuras que ainda não "morreram", e que, pelo contrario, á medida que avançam os annos, parece crescer na admiração e no respeito dos verdadeiros "fans", essa dynamica Mary, que dá a impressão de haver descoberto o segredo da eterna juventude, nunca se externara abertamente sobre a derrocada do seu grande romance com Douglas Fairbanks, guardando a respeito uma discreção a que ainda ha pouco nos referiamos, num artigo aqui publicado. Recentemente, porém, cedendo ás instancias duma amiga, que escreve nos jornaes, a famosa *namorada da America* concedeu uma sensacional entrevista, em que faz revelações curiosissimas sobre a sua visão do mundo e sobre a irrequieta psychologia de Douglas.

"Mary Pickford começou:

— A's vezes, querer conservar uma pessoa na nossa companhia é o mesmo que pretender prejudicar-lhe o livre desenvolvimento da individualidade. *Não quiz commetter esse erro*... Nunca, até hoje, discuti a situação e jamais tornarei a abrir a bocca a esse respeito. Daqui em diante, fecha-se uma porta. Não posso, porém, deixar de exprimir a minha tristeza pelas criticas feitas á attitude de Douglas. São criticas injustas, sem nenhum fundamento. Douglas trabalhou arduamente durante toda a sua vida. Ninguem lhe póde negar o direito, agora, de viver e de trabalhar onde muito bem lhe aprouver. Que se dê bem, são os meus votos.

"Quando lhe digo isto, Gladys, não falo apenas para o publico, mas tambem entre nós duas, *sinceramente* e do fundo do coração".

Mary fizera servir o "lunch" no quarto de Douglas, onde a lareira crepitava. Os cachimbos de Douglas continuavam no seu logar, os quadros de viagens, os livros de notas e os trophéos estavam exactamente como elle os deixara. Nada havia sido retirado do aposento, nada havia mudado. Da mesa, collocada junto da ampla janella, viamos o jardim de Pickfair, com a piscina a distancia e, mais longe, o horizonte carregado de brumas. Para lá do horizonte, que estará guardado para Mary?

Puz-me a reflectir, a reflectir como toda a gente reflecte a respeito de Mary. Em que pensa ella? Que sente e quaes serão os seus projectos, agora que tudo mudou definitivamente? Em meio da confusão de versões, de boatos e de conjecturas, que começaram a circular desde que a noticia da separação o assombrou o mundo, Mary manteve sempre uma digna e altiva attitude de absoluto silencio. Agora, porém, resolveu quebral-o pela primeira e ultima vez.

Emquanto conversavamos, ouviamos vozes alegres de creanças, que vinham de baixo. Gwynne, filha da irmã Lottie, que Mary adoptou e a quem dedica amor de mãe, Letitia e Lucille Fairbanks, filhas do irmão de Douglas, Robert, e mais seis ou sete creanças, brincavam descuidadamente na mansão Pickfair. A Tristeza não se abateu sobre a casa que, noutro tempo, foi chamada "a mais feliz de Hollywood".

Mary ali estava sentada, diante de mim, remoçada e loura, com um encantador pyjama côr de turqueza. Como parecia joven naquelle momento e que expressão intelligente! O conhecimento profundo que Mary tem das coisas é a experiencia de uma pessoa que, pelo trabalho, pelo amor, pelo exito e pela derrota, passou além dos communs limites humanos, passou além das pequeninas paixões humanas. Basta olhar para ella attentamente, ouvir-lhe o timbre da voz, sondar a tranquillidade, a paz de espirito que aquelles olhos reflectem. Ha e houve mudança em Picfair, mas essa mudança se equivaleu para Douglas a uma aventura em mar largo, para Mary foi a chegada da nau a bom porto. Ella attingiu mansamente o seu destino. E' feliz, gosa dessa felicidade dos que lutaram para ser felizes, dos que esperam, sem pedir, dos que libertam, porque elles proprios são almas livres. A gente bem percebe que Mary encontrou finalmente um retiro, um santuario, onde não penetram os ruidos do amor, que nasce ou que morre, onde não ha ambiente para os falsos brilhos dos exitos, que falham ou voltam, enganadoramente, com a subida da maré. Mary, do seu retiro, vê agora as coisas por outro prisma, que só os olhos da alma são capazes de crear.

Mas, para começar do principio. Disse a Mary:

— Não me póde dizer, pela primeira vez, qualquer coisa a respeito das suas actuaes emoções, dos seus projectos para o futuro? Já sei que lhe vae ser penoso responder a essas perguntas, mas o mundo espera as suas palavras com grande curiosidade, porque, no fim de contas, o mundo é seu amigo. E os amigos, acho eu, sempre têm os seus direitos...

Mary respondeu lentamente, sahindo, pela primeira vez, do seu longo silencio:

— Não posso analysar os meus sentimentos, como me pede. Não os posso dissecar, separal-os, dispol-os por ordem e depois collocar-lhes uma etiqueta. Se pudesse metter as minhas emoções num tubo de ensaio ou mesmo exprimil-as por palavras, seria porque não as sentira muito profundamente. Apenas lhe direi que *não se póde* perder uma coisa ou pessoa que tenha sido muito nossa.

"Não quero obrigar ninguem a pensar como eu, mas, para mim, contrariamente ao que se tem dito e muita gente acredita, a felicidade "não" consiste necessariamente em fazer Films ou em morar em Hollywood.

"Pickfair, porém, NÃO está á venda. Não me posso conformar com a idéa de que outras pessoas morem aqui — outras "familias" que nunca poderiam calcular o amor, a ternura, o carinho e a sede de ideal com que esta casa foi levantada. O que talvez succeda é que Pickfair, mais tarde, venha a ser transformada num logar de estudo, numa especie de pequeno museu, num recanto que, duma forma ou de outra, possa representar para os outros um pouco de belleza, como representou para nós.

"Não ha duvida nenhuma que Pickfair torna tudo mais facil para mim. E' ridiculo pretender encontrar consolo ou alegria na miseria e, se por um lado, nos parece bem difficil conservar a felicidade no meio da gloria artistica, da riqueza e da popularidade, por outro é tambem mais facil, nesse ambiente, supportar a desgraça. Sinto-me contente nesta casa e seria pouco intelligente pretender negal-o.

"Amo as minhas coisas, as minhas porcellanas, os meus crystaes, os meus livros, as minhas sedas, os meus livros, as minhas sedas, os meus perfumes, as minhas flores, o sol que me bate nas janellas, as paredes alvas, os tapetes verdes, todo esse mundo de belleza e alegria que é Pickfair. Amo as horas felizes que ainda se passam nestas salas. Não ha aqui nenhum objecto por mais insignificante que seja, que não me fale á alma numa terna e humilde linguagem que só eu comprehendo.

"Estou ao par de todos os boatos que têm corrido sobre uma possivel reconciliação minha com Douglas, logo que chegue a New York. Posso affirmar que nenhuma dessas noticias tem qualquer procedencia. Douglas começou a produzir o seu Film "Adios Don Juan". Tirará muitas scenas na Hespanha, e não póde pensar, por conseguinte, em vir a New York. Não tive nenhum entendimento com elle. Não sei quando pretende regressar á America e acho que elle proprio tambem o não sabe.

"Faço questão igualmente de accentuar o seguinte: Não posso comprehender as criticas dos jornaes pelo simples facto de Douglas pretender fazer uma, duas ou mais pelliculas na Inglaterra. Que tem isso? Quantos grandes actores e actrizes já não trabalham, no Cinema e no Theatro, lá fora? E ninguem fez commentarios. Toda a gente achou a coisa muito natural. Quando os actores inglezes vêm para cá, Clive Brook, Leslie Howard, Ronald Colman e outros, recebemol-os de braços abertos. Admiramol-os. Não apparecem criticas.

"Douglas não está a levar os dollars americanos para o estrangeiro. E' pago com dinheiro inglez, dinheiro que tambem é gasto aqui na America. Os Films de Douglas são lançados por intermedio da United Artists, e, demais, fazendo-os na Inglaterra, elle ajuda a quota da America, que póde, assim, exportar mais peliculas para o Reino Unido. E' mais ou menos isso. Lançar as produções por intermedio da United representa dinheiro, lá e aqui, e dá emprego a muita gente.

"Não acredito que Douglas tenha, ou tivesse tido, a intenção de se naturalizar cidadão inglez. E' um homem que sabe o que faz. Os inglezes ficariam tão mal impressionados como os proprios americanos. Douglas ás vezes é mal comprehendido.

"V. conhece Douglas e a inclinação delle pelos paizes estrangeiros. Está sempre enthusiasmado com este ou aquelle logar e com vontade de fazer as malas a toda a hora. Houve tempo em que só falava em Ceylão. Exaltava as maravilhas de Ceylão. Era o unico logar da terra onde podia viver decentemente. Um paraiso. Depois, mudou para Pekim. Não havia nada como Pekim. Agora, é a Inglaterra. Douglas vive sempre sob um Tapete Magico, não é só no Cinema. E, como já disse, Douglas trabalhou toda a vida e tem o direito de viver e trabalhar onde entender. *Ninguem* lho póde negar.

"Por ora, não tenho nenhum plano. Esperimento a impressão de viver, momentaneamente, num mundo vasio, onde nada acontece. Tal e qual como na Natureza em que á tempestade succede a bonança, mergulhei numa especie de beatitude. Não reparou ainda como depois da tormenta tudo fica quieto?

(*Termina no fim do numero*)

PUBLICANDO a entrevista concedida por Mary Pickford em torno do mesmo assumpto, seria interessante offerecermos igualmente aos leitores a versão do caso fornecida pelo proprio Douglas. O artista, porém, no momento, não se encontrava na America, e, demais, seria perfeitamente inutil tentar arrancar-lhe qualquer declaração a respeito. A revista de onde extrahimos os dois artigos resolveu soccorrer-se do depoimento dum amigo de Douglas, o qual, bem ao par dos acontecimentos, consentiu em descrevel-os pormenorizadamente, desde o momento que lhe fosse permittido guardar o anonymato.

"Como amigo do casal, pude acompanhar, á vontade, por espaço de cinco annos, a lenta desintegração do idyllio amoroso de Douglas e Mary. Já ha tres annos que sabia que aquellas duas creaturas nunca mais tornariam a ser felizes sob o mesmo tecto e que o divorcio era inevitavel.

Estive ha pouco tempo com Douglas. Os jornaes andavam cheios. Mary fizera as primeiras declarações sobre o divorcio, declarações que primavam pela correcção e dignidade de linguagem, mas, nas quaes se percebia tambem um grande fundo de tristeza e de amargura. Douglas, galante como sempre, mantinha um silencio inflexivel. Despediu-se de mim com as seguintes palavras:

— Não me defendas! Não devo falar.

Quebro hoje a promessa que lhe fiz pelo muito que lhe quero. A nossa amizade, já tão antiga, não permitte que me encerre numa impassibilidade de mumia, emquanto o meu amigo soffre os baldões de Hollywood e do mundo. Douglas logo adivinhará a identidade do autor deste artigo, mas espero que não lhe seja difficil comprehender as razões que me assistem em revelar certos factos esclarecedores da sua attitude no divorcio. Da mesma forma, tenho certeza de que, em dia não muito distante, me perdoará por esta especie de abuso de confiança.

Quando um casal se divorcia, a culpa não cabe nunca a um só dos conjuges. Gosto de Mary. Conheço-a ha tanto tempo como a Doug. Respeito-lhe a integridade, o tacto e a fina intelligencia, mas recuso-me a attribuir exclusivamente a Doug a responsabilidade pelo naufragio da sua vida conjugal. Ha muito que

dizer em favor delle. Antes de mais nada, seja-me permittido dizer que Doug não desejava o divorcio. Lutou contra elle por espaço de tres annos. Os jornaes espalharam que, quando Doug Jr. voltou de Londres, para fazer um Film, trouxe um recado do pae que impelliu Mary a tratar immediatamente dos papeis do divorcio. Não no proprio dia da cegada do rapaz a Hollywood. Não é verdade. Foi tudo uma triste coincidencia. Basta dizer-se que, poucas horas antes de Mary dar entrada com a sua petição, Doug telephonara-lhe da Europa, pedindo-lhe que esperasse mais algum tempo. Tornou a dizer-lhe, como já muitas vezes lhe dissera, na minha presença, que o divorcio daria origem a muitos dissabores, tanto para um como para outro, e que adiasse a petição para quando algum dos dois quizesse tornar a casar. Ora, o caso, no momento, não é esse.

Doug não anda interessado por nenhuma dama titulada ou destitulada. Não pensa em casar. Só no trabalho procura esquecimento para as suas desditas.

O desentendimento entre Mary e Doug começou em fins de 1927, quando ella estava a fazer "Meu unico amor" com Buddy Rogers. Ambos perceberam, de repente, que a perfeita harmonia, em que sempre haviam vivido, começava a fraquejar, em virtude de Mary, duma hora para a outra, ter criado interesses, que a alheiavam de Doug.

Pouco depois de acabado o Film, morreu a mãe de Mary, e, para distrahir a esposa desse desgosto profundo, Doug convenceu-a a fazer uma viagem á Europa. Foi isso em 1928.

Desde que haviam casado, nunca tinham viajado sózinhos. Para toda a parte que fossem, ia tambem a sra. Pickford. A familia de Mary sempre attribuira a si o primeiro lugar nos negocios e no coração della. Doug sentia-se aborrecido com isso. Tinha ciumes.

Mary veiu outra da Europa. Mal desembarcou em New York, mandou cortar os seus famosos cachos. Trazia novas aspirações, novos planos que construissem uma gloria inda maior do que a que lhe dera o seu prestigio incomparavel no Cinema.

Doug, porém, já estava farto daquella vida monotona de ambos. Trabalho, trabalho, e mais trabalho! Começou a tentar convencer a esposa de que era tempo de espairecer um bocado. Tinham dinheiro de sobra para as suas necessidades. Por que continuar a fazer Films? Não seria melhor abandonarem o Cinema para irem gozar os proventos de longos annos de trabalhos e canseiras? Doug queria viajar, admirar terras distantes do mundo, terras mysteriosas, que, desde a infancia, sempre o haviam fascinado.

Mary recusou-se terminantemente a considerar, nem que fosse por um só instante, a hypothese da "aposentadoria". *E então, pela primeira vez, desde que haviam casado, as differenças de temperamento existentes entre ambos, começaram a accentuar-se ameaçadoramente.*

Doug sempre foi e ha de ser sempre o typo de Peter Pan, o heróe que não envelhece, o homem que saboreia o que a vida tem de bom, alegre e descuidadamente. Mary, muito pelo contrario, ignora o espirito de aventura. Quer o seu fogãozinho, muito seu, a sua roda intima e familiar. Fica muito mais satisfeita em ler coisas a respeito dos celebres sinos de Burna, do que em ir ao local para ouvil-os. Em vez de correr mundo, para ver maravilhas, prefere assistir a "travelogues", commodamente sentada na sua poltrona. Já discuti frequentemente sobre este aspecto dos temperamentos de Doug e de Mary.

Mary trabalha desde os seis annos, e o habito do trabalho, como qualquer outro, não póde ser abandonado de repente. Uma vez, Mary disse-me, muito seria, que não chegara a aprender a brincar!

E, assim, marido e mulher continuaram a trabalhar! Mary fez "Coquette", Doug "Mascara de Ferro".

Estavamos no anno de 1929. Até ahi os Fairbanks tinham sempre levado uma vida bastante retirada e tranquilla. Lá uma vez ou outra, recebiam celebridades em casa, mas jamais haviam offerecido "pagodes", desses que os "astros" de Hollywood organizam. De repente, porém, Mary tornou-se figura central dum endiabrado bloco de jovens, que começavam a abrir caminho no Cinema. As festas, qual dellas mais alegre, eram constantes. Mary parecia ter entrado numa segunda juventude. Doug disse-me, certa occasião, aterrado:

— Serei já muito velho em relação a Mary?

A differença, porém, é apenas de dez annos, e taes palavras na bocca de Doug, o inesgotavel Peter Pan, sempre moço, pareceram-me uma ironia.

Doug tratou de fazer todo o possivel por se adaptar ao novo estado de coisas. Sempre em magnificas condições physicas, nunca tomara um "drink", mas, agora, para não fazer de desmancha-prazeres, começou a beber com os jovens amigos de Mary. Ora, isso não lhe dava nenhuma alegria. Pelo contrario. Ninguem melhor do que eu o poderá dizer.

Depois de seis mezes dessa vida, o meu amigo fez uma proposta a Mary. Comprometteu-se a ficar metade do anno em Hollywood e a cumprir tudo que lhe fosse ordenado, desde o momento que, durante a outra metade, ella se dispuzesse a viajar com elle e a fazer só as coisas que lhe tocasse mais de perto ao coração!

Mary sempre foi razoavel. Aceitou. Voltou a reinar entre elles um pouco da antiga camaradagem. Como penhor da combinação, fariam um Film juntos.

Já havia annos que Doug pensava em fazer "Mulher domada". Queria apresentar uma adaptação artistica e fiel da peça de Shakespeare. Mary, porém, não gostou do seu papel de *Catharina*, a fera. Achou-o fóra do seu genero e, demais, muito subordinado ao personagem que Doug devia interpretar. Mas fel-o, *apesar de que, durante toda a Filmagem da obra, marido e mulher viveram em perpetuo desaccordo.*

Eu já sabia naturalmente das difficuldades existentes entre os dois, mas, agora, até os amigos menos intimos presentiram que havia qualquer estremecimento de relações. A coisa tornou-se evidente mesmo para os que trabalharam com elles no Film.

Terminado "Mulher domada", partiram de Hollywood, a cumprir a segunda parte do combinado. Não duvido de que ambos sahissem para o estrangeiro convencidos de que a viagem harmonizaria tudo.

Mas qual! Mary não se dá bem com o mar. Enjôa muito e não supporta os importunos, que sempre se encontram nos vapores. A viagem foi um verdadeiro fracasso.

E, mais tarde, vim a saber que, lá fora, Doug apparecia sózinho em todas as festas, emquanto Mary ficava no hotel.

Mary voltou só a Hollywood e começou a trabalhar em "Kiki", o seu primeiro Film falado. Doug, vindo depois, produziu "O principe dos dollares". E' claro que toda a gente começou a murmurar. Attribuiu-se logo grande importancias a incidentes que haviam passado quasi despercebidos. O regresso de Mary, desacompanhada de Doug, deu margem aos mais desencontrados commentarios.

(Termina no fim do numero)

JANET GAYNOR

A carreira de Janet Gaynor no Cinema é um livro aberto. Os seus principios de Gata Borralheira; a influencia que na sua vida tem exercido o bello e tolerante caracter que é seu padrasto; o seu surprehendente exito no memoravel papel de Diana do igualmente memoravel "Setimo céo"; a sua dupla com Charles Farrel; o casamento com Lydell Peck e subsequente divorcio, tudo isso são factos do dominio publico. As noticias que, a seu respeito, correram, em ligação com os nomes de Farrell e Peck, não passavam de conjecturas e supposições inteiramente baseadas em boatos e rumores e não na realidade. O publico e os jornaes, avidos de sentimentalismo, inventaram romances de amor, á custa de Janet.

Mas, além disso, que mais se poderá accrescentar á historia da linda "estrella"? Que se sabe a respeito de Janet Gaynor, na sua vida privada? Na verdade, como é possivel provar que **existe realmente** uma Janet Gaynor?

Curioso, pois não? Num mundo onde as particularidades de cada artista dos Films são publicamente discutidas, onde os habitos dum "astro", os cacoetes, o seu orgulho e os seus preconceitos, são propriedade commum, onde até o que elles comem ao almoço chega ao conhecimento de todos, onde não existe, por assim dizer, vida privada, a posição de Janet chega a espantar pela raridade. Recentemente, chamaram-lhe a attenção para esse facto. Perguntaram-lhe como conseguia sustentar-se nessa situação de incognita da Cinelandia.

A resposta de Janet foi simples e franca:

— Nunca me perguntaram nada sobre a minha vida particular! Quando os jornalistas me interrogam, só lhes interessam os meus pontos de vista sobre o amor. Querem, por força, que eu esteja sempre apaixonada, ora por Fulano, ora por Cicrano. Sobre isso, porém, não gosto de falar...

"Os esforços dos jornalistas para me obrigarem a fazer "revelações de amor" deram margem a falsas interpretações sobre a minha attitude de recusa. Disseram que eu me negava a conceder entrevistas, que me estava tornando geniosa e que pretendia imitar a Garbo. Tudo isso é falso. Na realidade, apenas me tenho recusado a falar sobre assumptos que se prendem directamente á minha vida amorosa. Descobri, já ha tempos, que de nada serve desmentir o que a toda gente parece evidente. Os meus desmentidos, ao demais, só concorriam para atiçar ainda mais a fogueira. Os jornalistas não escreviam o que eu lhes dissera, mas o que julgavam adivinhar nas entrelinhas. Era procurar aborrecimentos por minhas proprias mãos."

Foi assim que Janet se manteve em rigoroso silencio por mais de dois annos. Se alguem a procurasse para a interpellar sobre quaesquer questões que não dissessem respeito ao amor, seria graciosamente recebido por ella. Mas, caso estranho, ninguem parecia interessar-se por outro assumpto, e, por isso, o silencio continuou. Janet é um pouco teimosa. Uma vez convencida de que está com a razão, não ha forças capazes de fazel-a recuar.

A emotividade de temperamento poderia facilmente ditar grande parte das attitudes de Janet. As emoções sobem-lhe facilmente á superficie. Janet, porém, aprendeu o dominar os impulsos capazes de lhe darem desgostos. Aprendeu a pensar bem nas coisas, antes de se decidir a emprehendel-as.

— A arte de representar ensinou-me a controlar as minhas emoções. Para se apresentar uma boa interpretação é preciso conhecer bem a psychologia do papel. Por que não seguir o mesmo systema na nossa vida privada?

O modo de falar de Janet reflecte o seu bom pensar. Quando conversa, tem o costume de fazer, ás vezes, longas pausas, emquanto se esforça por se lembrar da palavra justa que lhe falta. Duas conclusões se tiram dahi. Primeira, a experiencia ensinou Janet a receiar as más interpretações. Segunda, tem as idéas em ordem, perfeitamente arrumadas.

Janet sabe o que faz. A sua intelligencia encanta pela finura, a sua capacidade mental é de primeira ordem. Só numa coisa se afasta verdadeiramente da razão, guia constante de todos os seus actos. Janet é muito supersticiosa. Nunca descalça, por exemplo, o pé direito se não depois do esquerdo. No emtanto, não acredita em cartomantes nem em adivinhos.

Janet e Henry Garat quando Filmavam "Adorable"

— A sorte, na minha vida, tem representado um papel importantissimo, diz ella, em defesa das suas superstições. E, comtudo, a sorte é uma coisa que se não póde definir. Não nos é dado comprehender ou medir a boa fortuna. Contentemo-nos em agradecer, desde o momento em que tudo nos corra bem!

Todavia, é a propria actriz a primeira a reconhecer, que, apesar de muito grata á Deusa da Fortuna, a sua divida maior é com a immensa legião dos seus admiradores. A regularidade com que vence os concursos de popularidade, que se realizam em todo o mundo civilizado, chega a deixal-a um pouco envergonhada. Timida por natureza e sem nenhuma presumpção, quasi não acredita que seja uma das "estrellas" de Hollywood, que arrastam mais publico aos Cinemas.

Se lhe permittissem, Janet seria a figura menos vista da colonia do Film. Só sahe de casa, porque comprehende que é seu dever sahir. E' esse o preço da popularidade e Janet não se recusa a pagal-o, embora o ache elevado. Para Janet, publicidade e notoriedade são palavras synonimas. Gastou uma larga temporada para perder o medo de apparecer em publico.

Era, por isso, que tinha o costume durante os intervallos entre os Films, de desapparecer completamente da circulação, retirando-se para lugares afastados.

— Não é facil para uma mulher mostrar sempre boa apparencia. Nas "premiéres" e nos bailes a caracter, temos o recurso de vestir o traje do papel, mas, noutras occasiões... Houve tempo em que só a idéa de me sentir observada por estranhos me enchia de terror. Hoje, porém, devo confessar que já me dá um certo prazer verme apontada e ouvir exclamar:

Ella-
lee
Ruby,
da
Uni-
ver-
sal

Frances Drake e Gwenllian Gill, da Paramount.
Futuras estrellas

JANET GAYNOR

A carreira de Janet Gaynor no Cinema é um livro aberto. Os seus principios de Gata Borralheira; a influencia que na sua vida tem exercido o bello e tolerante caracter que é seu padrasto; o seu surprehendente exito no memoravel papel de Diana do igualmente memoravel "Setimo céo"; a sua dupla com Charles Farrel; o casamento com Lydell Peck e subsequente divorcio, tudo isso são factos do dominio publico. As noticias que, a seu respeito, correram, em ligação com os nomes de Farrell e Peck, não passavam de conjecturas e supposições inteiramente baseadas em boatos e rumores e não na realidade. O publico e os jornaes, avidos de sentimentalismo, inventaram romances de amor, á custa de Janet.

Mas, além disso, que mais se poderá accrescentar á historia da linda "estrella"? Que se sabe a respeito de Janet Gaynor, na sua vida privada? Na verdade, como é possivel provar que **existe realmente** uma Janet Gaynor?

Curioso, pois não? Num mundo onde as particularidades de cada artista dos Films são publicamente discutidas, onde os habitos dum "astro", os cacoetes, o seu orgulho e os seus preconceitos, são propriedade commum, onde até o que elles comem ao almoço chega ao conhecimento de todos, onde não existe, por assim dizer, vida privada, a posição de Janet chega a espantar pela raridade. Recentemente, chamaram-lhe a attenção para esse facto. Perguntaram-lhe como conseguia sustentar-se nessa situação de incognita da Cinelandia.

A resposta de Janet foi simples e franca:

— Nunca me perguntaram nada sobre a minha vida particular! Quando os jornalistas me interrogam, só lhes interessam os meus pontos de vista sobre o amor. Querem, por força, que eu esteja sempre apaixonada, ora por Fulano, ora por Cicrano. Sobre isso, porém, não gosto de falar...

"Os esforços dos jornalistas para me obrigarem a fazer "revelações de amor" deram margem a falsas interpretações sobre a minha attitude de recusa. Disseram que eu me negava a conceder entrevistas, que me estava tornando geniosa e que pretendia imitar a Garbo. Tudo isso é falso. Na realidade, apenas me tenho recusado a falar sobre assumptos que se prendem directamente á minha vida amorosa. Descobri, já ha tempos, que de nada serve desmentir o que a toda gente parece evidente. Os meus desmentidos, ao demais, só concorriam para atiçar ainda mais a fogueira. Os jornalistas não escreviam o que eu lhes dissera, mas o que julgavam adivinhar nas entrelinhas. Era procurar aborrecimentos por minhas proprias mãos."

Foi assim que Janet se manteve em rigoroso silencio por mais de dois annos. Se alguem a procurasse para a interpellar sobre quaesquer questões que não dissessem respeito ao amor, seria graciosamente recebido por ella. Mas, caso estranho, ninguem parecia interessar-se por outro assumpto, e, por isso, o silencio continuou. Janet é um pouco teimosa. Uma vez convencida de que está com a razão, não ha forças capazes de fazel-a recuar.

A emotividade de temperamento poderia facilmente ditar grande parte das attitudes de Janet. As emoções sobem-lhe facilmente á superficie. Janet, porém, aprendeu o dominar os impulsos capazes de lhe darem desgostos. Aprendeu a pensar bem nas coisas, antes de se decidir a emprehendel-as.

— A arte de representar ensinou-me a controlar as minhas emoções. Para se apresentar uma boa interpretação é preciso conhecer bem a psychologia do papel. Por que não seguir o mesmo systema na nossa vida privada?

O modo de falar de Janet reflecte o seu bom pensar. Quando conversa, tem o costume de fazer, ás vezes, longas pausas, emquanto se esforça por se lembrar da palavra justa que lhe falta. Duas conclusões se tiram dahi. Primeira, a experiencia ensinou Janet a receiar as más interpretações. Segunda, tem as idéas em ordem, perfeitamente arrumadas.

Janet sabe o que faz. A sua intelligencia encanta pela finura, a sua capacidade mental é de primeira ordem. Só numa coisa se afasta verdadeiramente da razão, guia constante de todos os seus actos. Janet é muito supersticiosa. Nunca descalça, por exemplo, o pé direito se não depois do esquerdo. No emtanto, não acredita em cartomantes nem em adivinhos.

Janet e Henry Garat quando Filmavam "Adorable"

— A sorte, na minha vida, tem representado um papel importantissimo, diz ella, em defesa das suas superstições. E, comtudo, a sorte é uma coisa que se não póde definir. Não nos é dado comprehender ou medir a boa fortuna. Contentemo-nos em agradecer, desde o momento em que tudo nos corra bem!

Todavia, é a propria actriz a primeira a reconhecer, que, apesar de muito grata á Deusa da Fortuna, a sua divida maior é com a immensa legião dos seus admiradores. A regularidade com que vence os concursos de popularidade, que se realizam em todo o mundo civilizado, chega a deixal-a um pouco envergonhada. Timida por natureza e sem nenhuma presumpção, quasi não acredita que seja uma das "estrellas" de Hollywood, que arrastam mais publico aos Cinemas.

Se lhe permittissem, Janet seria a figura menos vista da colonia do Film. Só sahe de casa, porque comprehende que é seu dever sahir. E' esse o preço da popularidade e Janet não se recusa a pagal-o, embora o ache elevado. Para Janet, publicidade e notoriedade são palavras synonimas. Gastou uma larga temporada para perder o medo de apparecer em publico.

Era, por isso, que tinha o costume durante os intervallos entre os Films, de desapparecer completamente da circulação, retirando-se para lugares afastados.

— Não é facil para uma mulher mostrar sempre boa apparencia. Nas "premiéres" e nos bailes a caracter, temos o recurso de vestir o traje do papel, mas, noutras occasiões... Houve tempo em que só a idéa de me sentir observada por estranhos me enchia de terror. Hoje, porém, devo confessar que já me dá um certo prazer verme apontada e ouvir exclamar:

"Aquella é a Janet Gaynor!". Se não me reconhecessem, é até bem possivel que me sentisse triste... (Ninguem como Janet para falar com esta franqueza).

"Mas isso é só quando sei que estou bem vestida e preparada para a occasião. Não ha mulher que se sinta á vontade, adivinhando o que as outras devem estar a dizer a seu respeito: "Como é sardenta! Que vestido! Que falta de gosto!"

"Como fatiga ver-se uma pessoa obrigada a manter-se eternamente em forma! E eu que me sinto tão bem em usar coisas velhas! Para mim é uma das provações da profissão: não poder andar á minha vontade! Em Honalulu, onde tenho casa, e noutros tranquillos lugares gue, de vez em quando, visito, existem taes restricções. Ninguem repara em nada. A gente faz o que lhe dá na telha e está sempre em paz comsigo mesma e com os outros.

"Apesar de tudo, porém, não tenho razões de queixa. Nem mesmo me estou a queixar. Não trocaria o meu logar com ninguem. O meu trabalho agrada-me e, ao mesmo tempo, já me deu dinheiro e, com elle, a independencia. Se não me deixam, fóra da téla, viver como quero, paciencia... Fica para mais tarde, porque nem tudo são flores!...

E' justamente por isso que Janet encanta a todos que a conhecem pessoalmente. Não tem reservas, nem empafias, nem pretenções. Parece estar sempre a dizer: "Eu sou assim! Quem quizer que goste de mim!"

Janet não costuma assumir ares importantes para impressionar o proximo. Pouco depois de se mudar para a casa onde actualmente reside em Hollywood, o predio ao lado foi transformado num barulhento "cabaret", frequentado pelo que ha de mais representativo entre o pessoal da orgia. Outra qualquer teria renegado a vizinhança dos farristas, raspando-se immediatamente para lugar mais "decente". Janet não. Acha até graça quando diz ás pessoas amigas que a sua casa é ao lado do Club Tal...

— Desse modo, toda a gente acerta, sem difficuldade, com a minha residencia, e, demais, lá porque faço no Cinema mocinhas simplorias e ingenuas, não quer dizer, que, cá fora, seja tambem um anjinho sem fel. No mundo em que vivemos, ninguem pode ser innocente...

Pois sim, mas Janet terá que perdoar o publico, porque

TAL QVAL ELLA É!

este, em que pese a opinião da actriz, não a considera senão uma eterna Pollyana. E' muito difficil separar a Janet dos Films da Janet da vida real. Mesmo na téla, ha, ás vezes, pequenas attitudes de Janet que, aos "fans" parecem contradictorias. Ninguem acredita, por exemplo, que Janet dê gritos ou que faça caretas de odio.

No emtanto, os que conhecem bem a artista, sabem que Janet, em certos pontos, se afasta completamente das convenções. A casa della é um indice de rebellião contra os preconceitos estupidos.

— Mobilei a casa a meu gosto. Um decorador de interiores, que aqui entrasse, ficaria furioso. Não se vê nenhuma preoccupação de estylo nem de epoca. E' uma casa que obedece apenas a um unico proposito, ao meu proposito: conforto.

"Talvez, na verdade, o meu gosto não seja igual ao dos outros, mas é meu. Se esta casa não fosse arranjada por mim, não seria minha!"

Janet é muito sentimental. Guarda em casa certas reliquias que, embora não valendo monetariamente nada, representam para ella verdadeiros thesouros. Ainda conserva o vestido e os sapatos, que usou em "Setimo céo". Durante a Filmagem das suas pelliculas costuma pol-os pelo menos uma vez.

Janet nunca se esqueceu dos annos de provações que precederam o seu successo no Cinema. A lembrança desses tempos dá-lhe uma grande comprehensão das coisas e uma natural commiseração pela desgraça alheia. Pratica largamente a caridade, sem dar

Janet e Charles Farrell juntos novamente em "The World Is Ours", da Fox

Janet e Margaret Lindsay

na vista e sem consentir que ninguem diga palavra a esse respeito.

Uma vez, no "set", Janet viu uma "extra" cortar um bocado de papelão para tapar um buraco da sola do sapato.

Filmava-se "Adorable".

Janet sentou-se ao lado da joven "extra" e, por espaço duma hora, conversaram as duas em voz baixa, como se fossem velhas amigas.

Dum modo simples e gracioso, a actriz contou á sua protegida as vicissitudes por que passara no tempo em que tambem tapava os buracos das solas com bocados de papelão.

A "extra" dizia, depois, a um reporter:

— As palavras que ouvi de Miss Gaynor valem mais do que qualquer dinheiro. Deram-me coragem, encheram-me de esperança, restituiram-me a confiança em mim propria... Sempre é melhor do que receber uma esmola...

Essa "extra", além de trabalhar até ao fim em "Adorable", foi tambem aproveitada em "Vêr e Amar".

Janet sabe fazer caridade com intelligencia.

A actriz tambem não costuma esquecer os favores recebidos. Tem poucas amizades, porque não

(Termina no fim do numero).

PHOTOS
DA
FOX

Ha muito que Minna Gombell é uma figura interessante do Cinema e tem tido papeis notaveis como aquelle de "Esperança".

VIRAM
"LABIOS DE FOGO"
e "LIÇÃO DE AMOR?"

Ella-lee Ruby, da Universal

Frances Drake e Gwenllian Gill, da Paramount.

Fay Wray
Ginger Rogers
Claire Trevor
Dorothy Jordan
Billie Burke
Evelyn Venable
Elissa Landi

Billie Burke

Evelyn Venable

Gloria Stuart

Ginger Rogers

Dolores Del Rio

Gloria Stuart

Nos Studios inglezes nunca tirou poses assim... Chegou em Hollywood, foi reformada e agora é uma das "Babys" da Paramount

Ida Lupino

HELEN MACK

Seu trabalho no Film "All of Me", da Paramount tornou-a uma das "Baby Star" da marca das "estrellas". Não vae ser reformada porque sempre foi um encanto. Vae ter grandes opportunidades e ella merece.

A DEUSA

GARBO já se vae tornando uma legenda. Esta estranha e pallida mulher, de grandes olhos tristes e faces encovadas, que fazem lembrar o rosto das martyres da idade media, mesmo em vida, tem já a sua legenda, escripta segundo a phantasia dos "publicity-men". A sua solidão, a birra singular de não se deixar ver pelo resto dos mortaes, a communhão com a Natureza, o seu silencio — a qualidade mais incomprehensivel em Hollywood — tudo isto a isola e lhe dá lugar á parte no barulhento, arrebatado e exuberante mundo que a rodeia. Sendo incomprehensivel, mysteriosa e enigmatica, não admira que principiem a attribuir-lhe virtudes sobrenaturaes. E' uma Deusa.

Em seus solitarios passeios pelos sombrios e profundos "canyons", dizem que a acompanham os animaes selvagens e que as aves lhe pousam nos hombros. Homens e mulheres vêm de longe para ver e tocar o corpo da Garbo. Proclamam a sua fé na cura de todas as mazellas pelo simples contacto daquellas mãos milagrosas. Aleijados, cégos, surdos e mudos, desesperados, todos querem approximar-se della; olham-na como uma santa. Ricos e pobres, nenhum deixa de trazer a sua offerenda para o relicario da Deusa.

Mas nem um só chega até Garbo. Garbo é inattingivel. Nem mesmo Hollywood póde alcançar a "glamourous" actriz sueca. Numa terra de tão grande irreverencia, basta, entretanto, a simples menção do seu nome, para que logo se forme um ambiente de intensa curiosidade. Dizer a um grupo de primitivos Yankees: "Olhem a mula sem cabeça!" não causaria mais emoção do que segredar, no Hollywood Boulevard: "Lá vem a Garbo!"

Porque a Garbo, mesmo em Hollywood, é uma figura de lenda. A não ser impressões fugidias, quando a estrella passa no seu velho "landaulet" a caminho de casa, ou quando se dirige do camarim para o "set", Hollywood nunca a vê.

Os que já ouviram, dentro das paredes dum Studio, aquellas fatidicas palavras "Lá vem a Garbo", sabem bem a sensação que despertam. Não ha collectividade em Hollywood, por mais ou menos importante que seja, que mostre indifferença pela presença da mysteriosa estrella. Astros, empresarios, directores, "extras", todos se curvam.

São bem estranhas, com effeito, as historias que a respeito da Garbo correm mundo. Muitas dellas chegam a parecer falsas, exactamente como certas legendas de santos, que, da idade media, nos ficaram.

Mas é bem verdade, por exemplo, que essa grande estrella que se chama Katharine Hepburn tem tal idolatria pela Garbo, que foi falar com os mandões do Studio e pediu para trabalhar como "extra" em "Rainha Christina", a fim de poder observar de perto o encanto e a technica da mysteriosa actriz. E ha "extras" que juram ter trabalhado ao lado de Katharine, na grande scena da recepção. Marie Dressler, a mais popular estrella do "lot" pediu para fazer a *criada* de Garbo em "Grand Hotel". Gavin Gordon e outros "leading-men" offereceram-se para trabalhar com a sueca, de raça. Quando John Gilbert soube que a Garbo o queria para seu galã em "Rainha Christina", declarou logo que não fazia questão de dinheiro.

— O dinheiro para mim não vale nada, contrascenar com Miss Garbo vale tudo. Trabalharei sem salario. Os "executivos" do Studio não concordaram com Gilbert, como não concordam com outros que se apresentam para trabalhar de graça num Film de Garbo, mas John recebeu muito menos do que devia receber.

E' extraordinario que muitos astros, que trabalham ha annos no mesmo Studio da estrella, *nunca tenham entrado em relações com ella*. Ramon Novarro, por exemplo, fez Films em palcos contiguos, occupou camarim situado proximo do de Garbo, e, no entanto, só a veiu a conhecer ao cabo de seis annos, em "Mata Hari".

Lewis Stone já trabalhou com a actriz em varios Films, mas é elle proprio quem affirma que nunca trocou com ella senão as palavras estrictamente necessarias para o bom andamento das scenas desempenhadas por ambos.

Garbo não liga a minima importancia aos seus adoradores. Não ha noticia de nenhum Garbo Fan Club. A actriz não envia mensagens por intermedio de entrevistadores. Nunca respondeu a cartas de admiradores, nem manda retratos com autographos. Entretanto, não ha estrella que possua "fans" mais leaes. A admiração delles toca ás raias do fanatismo.

Basta apparecer impresso o commentario mais inoffensivo sobre a grande Garbo, para que a publicação receba immediatamente um verdadeiro diluvio de cartas de protestos. Tem-se a impressão de que a sueca foi terrivelmente insultada. São cartas em que as phrases de adoração pela actriz espantam e assombram. Os odios, que a mania religiosa atiça, não chegam a ser tão ferozes como as ameaças dirigidas por esses devotos áquelles que não trataram o idolo com a devida consideração. Ha pouco, um annunciador do radio disse uma pilheria a respeito da actriz. *Foi o sufficiente para receber quinhentas cartas com os desaforos mais cabelludos.*

As deusas costumam receber offerendas dos seus fieis. Faz poucos annos, todos os dias apparecia uma caixa de orchideas no camarim de Garbo. Não se sabia quem a mandava.

Um dos chefões do Studio foi ter com a actriz e disse-lhe:

— Aborrecem-na essas flores? Quer que mandemos apurar quem é que as manda?

— Não, respondeu ella, não se incommodem.

— Se quizer, podemos ameaçar o homem com uma acção nos tribunaes, insistiu o chefe.

— Não, disse Garbo. Deixem lá o rapaz. Elle gosta disso...

Mais tarde, porém, descobrindo a identidade do mysterioso admirador, um rico e proeminente advogado de Detroit, a actriz não quiz continuar a receber as orchideas.

O adorador não se deu por achado e, um dia, enviou um magnifico retrato a carvão, da actriz, pedindo descaradamente que ella o devolvesse, depois de competentemente autographado. Foi uma surpresa, mas a sueca fez-lhe a vontade, e hoje o tal advogado pode-se gabar de ser possuidor de um dos poucos autographos que de Garbo existem. Ella não costuma dar photographias, nem mesmo ás pessoas amigas, e quanto a autographos são rarissimos.

Em certa occasião, presenteou o seu "camera-man" Bill Daniels com um relogio. A dedicatoria tem apenas a data e as duas iniciaes G. G., que augmenta extraordinariamente o valor da prenda.

Pelo que se sabe, a Garbo até hoje só tem acceitado orchideas. Muitos ricos presentes têm sido offerecidos, mas a estrella não os recebe. Os embrulhos são devolvidos intactos. Um retrato a oleo da autoria dum celebre pintor inglez foi redondamente recusado. O mesmo succedeu com um magnifico cão de raça, que lhe offereceu conhecido criador francez.

Já lhe acenaram com automoveis, radios,

moveis, e mais coisas lindas e luxuosas. A Rainha rejeita tudo, sem uma palavra de commentario.

Exemplo typico dos desesperados esforços de alguns "fans" para se approximaram da estrella é o caso dum desconhecido, que se assigna simplesmente: Silver Star. Este extraordinario homem já ha annos que batalha para metter nas mãos da Garbo um argumento Cinematographico, que escreveu especialmente para ella. Não pede dinheiro: quer apenas fazer presente da sua historia. Já gastou mais de mil dollars na campanha para se approximar da actriz.

De vez em quando, escreve a pessoas influentes em Hollywood, a pedir-lhes o auxilio. Tem um modo pathetico de dizer as coisas: "E' impossivel que tamanha devoção da minha parte seja toda em pura perda!" Chega a prometter que se a Garbo lhe escrever a respeito do tal argumento, lhe devolverá o sello da carta. O homem faz questão fechada de que a actriz não despenda um vintem.

De repente, declara que nem mesmo deseja falar pessoalmente com ella. Na verdade, não lhe convém que a Garbo saiba quem elle é. "Porque a actriz logo me reconheceria. Ah! se a Garbo soubesse quem vem a ser Silver Star! Não hesitaria um segundo em mandar pedir o original da historia, mas ahi, ia tudo por agua abaixo, porque, sabendo o mundo da identidade de Silver Star, já se não poderia Filmar a minha obra."

A difficuldade está toda em fazer chegar a historia ás mãos da Garbo e é por isso que o mysterioso escriptor suspira pela intervenção dos figurões a quem escreve. A historia "está dactylographada em pergaminho, enrolada em celophane, depois em oleado, em papel dourado, em papel prateado, em asbesto, e finalmente mettida num estojo especial de couro, a prova de calor, de frio e de humidade, e prompta a ser expedida, a qualquer momento, por via aerea, por estrada de ferro, pelo correio, por estrada de rodagem ou por mar." Basta que Greta dê a entender que consente em lel-a, pondo um annuncio num jornal de New York. O annuncio deve começar pela palavra "E'ste" e terminar por "Oeste".

A assignatura do homem é sempre uma estrella prateada collada sobre o papel. Ainda não percebeu que o mysterio da Garbo é qualquer coisa de impenetravel e que, portanto, está a perder o seu latim.

Pelo visto, a sueca não tem consideração com ninguem. Já se recusou a receber o principe herdeiro da Suecia. Um dia, Arthur Brisbane, talvez o mais eminente jornalista dos tempos modernos, foi visitar o seu amigo John Barrymore, quando este Filmava "Grand Hotel" com Garbo.

O celebre escriptor, rodeado da familia, assistia, admirado, ao preparo duma scena dramatica entre John e Greta. Subito, a actriz deteve-se. Ficou calada um instante e, depois, disse, pondo a mão no braço de Barrymore:

— Sinto muito, John. Não o quero offender, mas continuaremos a scena mais tarde, quando estivermos sós.

Com estas palavras, deu meia volta e dirigiu-se para o camarim.

Quando Garbo foi feita membro da Universidade do Sul da California...

Momentaneamente aturdido, John viu-a afastar-se, mas, de repente, foi atrás della e embargou-lhe os passos.

Aquelle senhor é o maior jornalista do mundo! exclamou.

— Pois sim, rebateu a actriz, mas, quando está a escrever no seu gabinete, não vou lá espreitar por cima do hombro delle.

John calou-se, mas, segundos após, soltava uma forte gargalhada. Inclinou-se diante da actriz e voltou para junto de Brisbane, a quem explicou tudo.

Noutra occasião, foram participar a Greta que Will Hays lhe desejava visitar o "set".

— Não respondeu ella.

— Mas trata-se dum homem importantissimo. E' o presidente do Motion Picture Producers Association". Uma das grandes figuras da industria do Film.

— O Sr. Hays tem que trabalhar em alguma scena? interrogou a actriz. Não sabia que tambem figurava no elenco...

Will Hays acabou por *não* visitar o "set".

A Garbo não gosta de trabalhar na presença de estranhos.

Quando a categoria dos visitantes é tal que não se lhes póde impedir a entrada, a actriz resolve o problema, retirando-se para o seu camarim.

Alguns dos mais importantes "executivos" que têm estado com a Metro - Goldwyn - Mayer passaram annos sem ver a estrella fazer uma scena.

Ha pouco, um admirador fanatico foi preso, no momento em que tentava escalar o muro da bem guardada casa de Garbo, com o proposito de lhe entregar uma poesia que compuzera em sua honra.

Pois a policia viu-se obrigada a soltal-o, depois de alguns dias, porque a actriz não se dignou de apparecer para assignar a queixa!

Rainha Christina...

A sueca é fiel aos velhos habitos e ás amizades antigas. Ainda se serve do primeiro carro que comprou em 1927, um "landaulet" Lincoln. Tem já ha annos o mesmo chauffeur e os mesmos criados.

Por causa da "antiguidade" do automovel, ha muita gente que a suppõe avarenta. Pois saibam todos, que, no anno passado, a actriz rejeitou offertas que a fariam embolsar mais de duzentos e cincoenta mil dollars! Vamos discriminar:

Biographia para um grande magazine	$25.000
Para dizer uma palavra no radio: *"Alô"*	$10.000
Mais outras dez transmissões no radio	$150.000
Para apparecer uma semana num theatro de New York	$50.000
Para elogiar uma certa marca de cigarros	$25.000
TOTAL	$260.000

Difficilmente se poderá definir uma mulher assim, uma mulher que não liga importancia a dinheiro, que volta as costas a principes, que evita elogios e bajulações, que não se importa com coisas materiaes, que prefere a sua propria companhia á da melhor gente de Hollywood e um passeio debaixo de chuva á melhor festa social.

Hollywood não comprehende Garbo, o mundo tambem não a comprehende, e ella não diz palavra que ajude a aclarar um pouco o mysterio que a rodeia. Uma mulher que não precisa do amor! Uma mulher que não sabe o que fazer da sua riqueza. Uma mulher que podia comprar joias, vestidos riquissimos, automoveis esplendidos, e até um palacio, e que não compra nada disso. *Uma mulher que não fala!* (só nos dialogos dos Films...) Não admira que olhem para ella com um respeito supersticioso!

Mas, comtudo, é uma grande estrella e tem que ser falada pelos outros.

Como não se conhecem factos reaes, inventam-se historias phantasticas, que, correndo de bocca em bocca, se tornam ainda mais phantasticas. E assim se está criando a Legenda, e assim se está levantando o altar da Deusa! Ave!

\+ + +

O conhecido director John Francis Dillon tambem encerrou a sua carreira Cinematographica. Morre aos 47 annos. Foi actor das antigas empresas Lubin, Kalem e Keystone. Começou dirigindo para a First National.

\+ + +

Buck Jones vae trabalhar num novo seriado da Universal — "Red Rider", a primeira fita em serie que é Filmada em Universal City, do programma 1934-35.

\+ + +

Warner Oland será ainda Charlie Chan em "Charlie's Chan's Courage", da Fox.

\+ + +

"She Loves Me Not", da Paramount reunirá Miriam Hopkins e Bing Crosby. A linda Gertrude Michael tambem trabalhará.

\+ + +

Jilda (com *jóta*, sim!) Keeling, dansarina do Ziegfeld e a primeira "Miss Televisão" da America, será vista pelos fans em "Cleopatra", da Paramount. Como se sabe, Claudette Colbert, Warren William e Henry Wilcoxon, são os principaes.

\+ + +

"College Rhythm" é uma nova "musical extravaganza" Paramount, com Lany Ross, Richard Arlen, Jack Oakie e Lyda Roberti.

\+ + +

De Mille vae dirigir "Samson and Delilah", com Miriam Hopkins e Henry Wilcoxon, o "Marco Antonio" da sua "Cleopatra", "Sansão e Dalila" feito por Cecil B. De Mille, imaginem que espectaculo! Dizem que vae ser a "big picture" Paramount deste anno.

\+ + +

Warner Baxter e a loura Claire Trevor serão Maximiliano e Carlotta, do Film historico com o mesmo titulo que a Fox vae Filmar, e terá como director o conhecido John Blystone.

\+ + +

Franchot Tone e Jean Harlow formarão o par de "One Hundred Per Cent Pure", da Metro-Goldwyn.

EVRO

POR occasião da entrada do novo anno, altas e differentes personalidades allemãs apresentaram pelos jornaes, suas opiniões sobre a situação da industria Cinematographica. M. Raether, chefe da propaganda do ministerio, é optimista. Elle declara que a renascença do Film allemão é provavel e principalmente seguindo o quadro nazi-socialista, em pouco tempo será coroada de exito.

Ao contrario, Fritz Bertram do Reich, é mais pessimista. Elle constata que os decretos da Camara do Film sobre a reorganização da industria, produziram os seus beneficos effeitos mas não esconde a sua apprehensão quanto ao sujeito de sua applicação, particularmente aos exhibidores de Films. Dr. Goebbels, ministro da propaganda e educação nacional, mostra-se enthusiasmado pelo Cinema. Tendo instituido um premio annual para o melhor livro, acaba de instituir outro notavel premio com honrarias, para o melhor Film allemão do anno.

Tudo isso mostra o quanto o Cinema é encarado sériamente pelo governo allemão. Por intermedio de uma Camara do Film, o estado fornece o credito necessario para a expansão da industria Cinematographica nacional.

No mez atrazado, mesmo, a apresentação de gala do Film **Wilhelm Tell** com Conrad Veidt, no Ufa-Palast de Berlim, foi prestigiada com a presença do chanceller Hitler, Dr. Goebbels e numerosas personalidades politicas allemãs.

Algumas estréas em Berlim:

Der Doppelgauger — baseado no romance de Edgar Wallace **O sosia.** Film de grande successo e um elenco **allatar** onde estão Anny Ondra, Camilla Horn e Gerda Maurus.

Fur uns gibt's rein um Film a proposito da televisão com a interpretação da esplendida Olga Tchescowa, Anni Makart e Rudolf Klein Roge.

Moral und liebe, producção Max Grass. Um Film de these, com a nossa conhecida Camilla Horn, Grete Mosheim (que vimos no anno findo em **York**), Hilde Hildebrandt e Johannes Rieman.

Le Fruit Vert — comedia da Universal allemã com a artista hungara Franziska Gaal.

A Ufa lançou em versões allemãs e francezas: **Tahbour Battant, Georges et Georgette** e **Un jour viendra**... Apresentaremos commentarios sobre as versões francezas porque são as mais provaveis que veremos.

Tambour Battant — realização de Arthur Robinson — é um Film de costume, uma reconstituição da Austria do seculo passado e dos amores do principe Leopold com a filha de um boticario.

Um encantador romance musical, leve, sem grandes pretenções. George Rigaud, Josseline Gael e a caracteristica Françoise Rozay são os interpretes. A versão allemã tem Willy Fritsch.

Josseline Gael é simplesmente encantadora na pequena Anneliesse e sua apparição tem todo o **charme** de um estudo de Greuze...

Uma comedia musicada fantasista, sem ter grande miolo mas sim muita alegria e **entrain** — é **Georges et Georgette**. Meg Lemonier surge num encantador papel como não tinha ha muito tempo, tão adequado a sua radiante personalidade. O seu numero em **travesti** com Carette em dansarina espanhola é, dizem, o **clou** do Film. Paulette Dubost é uma figurinha collosal.

Un jour viendra... é outra comedia musicada — o typo da producção normal allemã — mas agradavel e bem imaginada, diz a critica. No elenco Kate von Nagy, a seducção de sempre, é uma caixeirinha que sonha com um principe encantado e o sonho torna-se realidade. Ao seu lado, um artista como Jean Pierre Aumont e as carinhas bonitas de Claude May, Jacqueline Daix e Simone Helliard.

——o——

Em Paris vamos encontrar tres importantes nomes do palco parisiense trocando os bastidores e as gambiarras pelos **kliegs** dos Studios. São: Yvonne Printemps, Gaby Morlay e a Spinelly.

Yvonne Printemps, a famosa interprete das peças de Sacha Guitry e ultimamente de Noel Coward, foi convidada para reviver Marguerite Gauthier numa nova versão de **A Dama das Camelias,** a ser feita pela firma D. F. A. (Directeurs Français Associés). A "estrella" viennense Nora Gregor tinha sido a primeira escolhida, mas por motivos desconhecidos os dirigentes resolveram escolher um nome mais forte para o papel e, na verdade, acharam um digno da heroina de Dumas: Yvonne Printemps...

Gaby Morlay alterna o seu trabalho entre Films e peças. Depois de seus ultimos Films: **Il etait une fois**... (peça que a vimos crear aqui no Rio) e **Le Maitre des forges** (de Georges Ohnet) voltou ao palco. A admiravel interprete de **Mélo** resurgirá agora na versão Cinematographica de outra celebre peça. Não, não é de Bernstein... é de Henri Bataille. Trata-se de **Le Scandale,** que a Vandor Film está fazendo sob a direcção de Marcel L'Herbier. Não creio que este tenha sido uma boa escolha... Emfim, pode-se contar com outro successo, ao menos pessoal, pois Gaby ra-

Josseline Gael, a "estrella" de "Tambour Battant"

Meg Lemonnier em "Georges et Georgette"

Douglas Fairbanks Senior visitou os Studios da London-Films, durante a Filmagem de "Catherine, the Great", vendo-se Douglas Junior e Elizabeth Bergner, os interpretes, Paul Cziner, o director e Alexander Korda, o productor e supervisor do Film.

rissimas vezes sahe-se mal ante a camera. Mesmo se o Film está áquem do seu talento artistico...

Spinelly que com sua originalidade alcançou um triumpho num papel mais secundario em **Idylle au Caire**, da Ufa — está agora com dois successos nas télas de Paris. Um delles é **La Chatelaine du Liban**, do romance de Pierre Benoit (lembram-se de uma versão silenciosa com Arlette Marchal?)

Filmada na Syria, a pellicula apresenta scenas magnificas no deserto, nas ruinas de Palmyra e o fiel espirito do livro, embora nem toda a sua inspiração e seu encanto. **La Spinelly**, porém, mesmo num papel fóra de seu genero foi considerada esplendida, com toilettes maravilhosas.

"Os interpretes são bons mas nem sempre indentificados aos personagens do livro. Mas a elegancia, a desenvoltura, a crânerie de Spinelly, as creações de Jean Murat e George Grossmith valorisam o Film". **La Châtelaine du Liban** é uma realização de Jean Epstein para a Vandal-Delac.

Em **Un fil a la patte**, producção Fred-Bacos para a Fox Europa, já a Spinelly surge na sua especialidade.

"...baseado no **vaudeville** de Georges Feydeau, o Film é pura comedia theatral mas mantém as qualidades da peça: diversão, alegria, vida e movimento. Boa interpretação por um grupo de theatro onde brilham: a **verveuse** Spinelly, Robert Burnier cuja figura não está, infelizmente, de accordo com a linda voz — e a bonita Jacqueline Made". Palavras de um critico parisiense.

Outras estréas de successo em Paris:

Toi que j'adore, producção da Tobis nos Studios da Boston Film em Munich. E' uma comedia musical, fina, romantica, dirigida por Geza Von Bolvary e que lembra muito o **Monte Carlo** de Lubitsch.

Jean Murat é um compositor musical que se finge creado de quarto, tudo por amor a elegante e bellissima Edwige Feuillére... e isso entre canções e ambientes encantadores.

Primerose, producção Tobis, é uma adaptação da velha peça de Flers e Caillavet e tem a sensibilidade do desempenho de Madeleine Renaud — assim uma especie de Helen Hayes do Cinema francez. Madeleine é, tambem, um nome no palco e neste momento representa com brilho na Comedie Française. A critica eleva, no elenco de **Primerose**, os nomes de Henri Rollan, Marguerite Moreno, a nossa Nadine Piccard e Lucienne Parizet, que conhecemos pessoalmente no anno findo, na temporada da Dermoz.

Une histoire d'amour é a versão franceza de um notavel successo allemão: **Liebelei.** Georges Rigaud, uma das mais agradaveis figuras masculinas dos Films francezes, e a deliciosissima Magda Schneider, são os interpretes. A versão allemã foi considerada superior, apesar deste ser tambem um bom Film. Max Ophüls foi o director desta producção franco-allemã da G. F. F. A.

Spinelly agora empresta a sua "verve" aos Films francezes. Aqui a vemos em "A' Sombra da Esphinge", da UFA

Anaconda da Sita Film, trata-se da expedição do **yacht** Sita, vinda ao Brasil em fins de 1931 com o esculptor Juan Berrone, o jornalista Paul Bringuier e a joven artista Rena Mandel — que aliás já trabalhou em Hollywood. A critica declara que a parte feita no Studio é má. Mas as scenas nas selvas brasileiras com os indios do rio Tapajós e as féras, são admiraveis e emocionantes.

L'ange gardien da Tobis, apresenta a voz de André Beaugé e a belleza morena de Pola Illery, nós já a vimos em **Sob os tectos de Paris** num Film simples mas uma historia agradavel.

Belle de muit da G. F. F. A., é a prova do quanto prejudicam as imposições de um autor, o Film e a propria historia. Adaptado da peça de Pierre Wolf, elle sahe por culpa do mesmo. Entretanto a direcção e Vera Korenne num papel duplo, salvam o Film.

—o—

Em janeiro a Fox mandou buscar um dos mais importantes actores francezes: Charles Boyer. Agora vae, rumo a Hollywood, um grupo de outros artistas tambem contractados pela Fox: Annabella, André Berley e Pierre Brasseur (aquelle apaixonado de Lilian Harvey em **Um sonho dourado e Eu e a imperatriz.**

Elles vão juntar-se a Boyer para a Filmagem de **Amour de Tzigane** — grande espectaculo falado em francez, produzido por Erik Charrell. A viagem é um verdadeiro cruzeiro de estrellas pois junto vae o popular galã francez Jean Murat, que escoltará Annabella até New York. E Daniela Parola (a "estrella" de **I. F. 1** **não responde**, acompanhando seu marido André Daven, o supervisor do Film. Anna-

(Termina no fim do numero).

Mino Doro e Isa Miranda, os interpretes do Film italiano "Tenebre"

Elizabeth Bergner como Catharina, a Grande

Karl Dane Morreu

HA tres annos que o publico quasi não via a figura engraçada de Karl Dane. E quando elle apparecia, era em "pontinhas", como em "A' toda velocidade", de William Haines, Madge Evans e Cliff Edwards, ou em **shorts.** Agora o publico não verá mais Karl Dane... O seu nome reappareceu no cartaz minusculo dos jornaes, annunciando, laconicamente, como sempre, o seu derradeiro "film": — **Karl Dane Died**...

Elle morreu como morrera o seu patricio, Wupsilander, ha muitos annos — suicidou-se.

Dizem que por desgosto. Queria trabalhar no Cinema e não conseguia. Este mesmo Cinema que um dia tornou o seu nome popularissimo e fez a platéa do "Astor" de New York, emocionar-se com a sua morte dramatica naquelle immortal — "The Big Parade"...

"Recrutas"

Lembram-se desta scena de "Gente de circo"?

... o relegára ás fileiras dos artistas "que já foram estrellas"...

Esta é uma pequena homenagem nossa ao homem alto, que nos fazia rir, formando dupla com o inglez George K. Arthur e tambem nos fez pensar em duas obras de arte de King Vidor.

Karl Dane podia não ter a importancia de uma grande figura da téla, mas sua carreira foi interessante para os "fans" e é para elles que escrevemos este artigo.

Karl Dane era filho de Copenhague. Quando rapaz já a arte de representar o seduzia e sendo seu pae o dono de um theatro, cedo poude Karl realizar a sua ambição artistica, ainda com a vantagem de não vêr sua vocação contrariada pela familia. Mas quando chegou o momento de decidir-se na vida, o saudoso comico, formou-se em engenharia e depois abraçou o officio de aviador. Isso na sua patria.

Um dia Karl embarcou para os Estados Unidos. Foi para Hollywood. Quiz experimentar o Cinema. Fel-o, porém, differente dos que chegam ali, desejosos de trabalhar na arte dos contractos fabulosos e da fama mundial, ás vezes ephemera... Chegou como chegam os "extras" mas começou mais facilmente do que elles. Fazendo aquellas "pontas" arriscados que ninguem repara, preciosas para as "estrellas" — o artista desconhecido, o "double" que substitue o "astro" nas scenas perigosas — o "stunt-man"! A's vezes esse "double" fica famoso e chega a sahir do seu posto ingrato ante os olhos do publico que lhe ignora o nome... De "stunt-man" passa ao "stardom"... Richard Talmadge fazia as vezes de Douglas Fairbanks, nos seus pulos mais arriscados...

Mas Karl Dane chegou a posição de "astro", não por causa do seu sangue frio e coragem fazendo scenas como candidato aos hospitaes ou ao outro mundo... Foi questão de sorte. Seu companheiro de **team,** mais tarde, George K. Arthur, teve opportunidade devido a ter figurado naquelle Film economico feito por Von Sternberg; Karl Dane obteve sua "chance" figurando em "The Big Parade"...

"A letra escarlate"

Karl ficou famoso depois que o publico viu-o, vivendo aquelle "Slim", amigo inseparavel de "Jim" (John Gilbert) e "Bull" (Tom O'Brien), no grande desfile de episodios de arte Cinematographica que foi "The Big Parade". Quem não se recorda da scena da sua morte nesse Film? Quem não

(Termina no fim do numero).

"MOINHO VERMELHO"

Historia de Meu Namoro e Casamento

POR

JEAN

HARLOW

UMA vez, quando eu era pequena, minha avó disse-me:

— Não procures a felicidade, Harlean, espera por ella! A felicidade, quanto mais a gente a persegue, mais ella nos foge. A felicidade, quasi sempre, vem derepente, quando não se pensa em tal coisa.

Minha avó tinha razão. A minha felicidade veiu exactamente dessa forma. Na mais terna e sincera amizade masculina da minha vida, encontrei o amor.

Ha poucos mezes, disse a uma amiga jornalista que entre mim e Hal Rosson não existia nenhum romance de amor. Apenas uma grande e profunda sympathia de camaradas. Tinhamos estado a conversar a respeito dos boatos que corriam, em virtude de me terem visto, por diversas vezes, jantar e dançar com Hal. Neguei a existencia de qualquer interesse amoroso entre nós e, na occasião, não mentia. Não pensava em amor e só sabia que Hal era o melhor amigo que podia ter encontrado.

Sempre fui de opinião que o verdadeiro e duradouro amor deve assentar na amizade e no entendimento mutuo. Tenho ouvido falar em "amor á primeira vista" e até já me apontaram varios exemplos, mas, pelo que a experiencia me ensina, desses casos, que chamarei de paixão instantanea, raros são os que se salvam. Morrem quasi todos á nascença. Olhando-se em redor, facilmente se verificará que os casamentos mais felizes, em Hollywood ou fóra de Hollywood, têm sempre por base uma longa amizade e convivencia.

Hal e eu trabalhámos juntos durante muito tempo. Vimo-nos em todos os estados de espirito que imaginar se possam. Conheciamos o feitio, as tendencias e as idéas um do outro. Todas as manhãs, mal chegava ao "set", Hal parecia adivinhar instinctivamente a minha disposição.

Se me sentia triste, abatida, ou apoquentada com qualquer coisa, sempre achava occasião de me segredar:

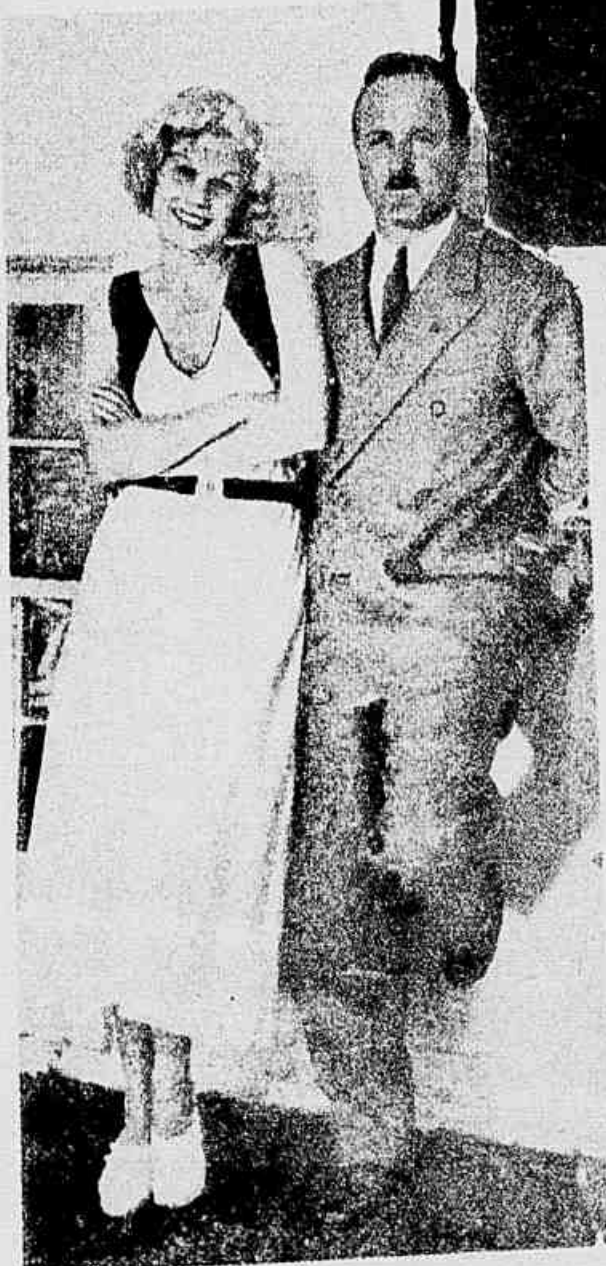
— Isso passa, Jean. Podia ser peor...

Vi Hal pela primeira vez, quando fizemos os "tests" para "A mulher de cabello de fogo". Já o conhecia de nome e fiquei muito contente quando sobe que ia ser o "cameramen" chefe do Film. Havia mais dum anno que Hal e meu padrasto Marino Bello eram amigos e parceiros de golf. Meu padrasto, de vez em quando, falava a respeito delle, mas eu não o conhecia pessoalmente.

Aquelles "tests" de "Mulher de cabellos de fogo", podem crer, foram para mim uma prova de fogo. Antes de mais nada, nunca usara cabelleira postiça. Sentia-me contrafeita e desconfiada. Depois, era o meu primeiro Film do contracto com a Metro-Goldwyn-Mayer, e a ansia de me sahir bem augmentava o meu nervosismo. Por outro lado, o papel equivalia a uma verdadeira estréia num genero novo. Até ali, sempre interpretára mulherzinhas "cynicas". Ia fazer agora uma pequena que tambem não deixava de ser "cynica", mas que necessitava duns certos toques de comedia. O problema consistia em vivel-a no Film, de modo que o publico sympathizasse com ella, apesar do seu "cynismo".

Tudo sommado, quando pisei no grande palco vazio, para os primeiros "tests", achava-me num estado de nervos, difficil de descrever. O pessoal do departamento de caracterização já estava a postos, e tambem um cabelleireiro, que dava os ultimos retoques na cabelleira postiça. Comprehendi que o meu destino dependia terrivelmente do photographo, mas, ao cabo de uma hora de trabalho com Hal, sentia-me perfeitamente tranquilla. Cahira em boas mãos.

Hal parecia verdadeiramente interessado pela sua tarefa. Não tomava os "tests" como simples obrigação, que é preciso cumprir, antes de se iniciarem os trabalhos da Filmagem de uma pellicula. Deu tambem, mostras de presentir a minha agitação interior. De vez emquando, para me animar, ria-se e dizia pilherias. A tensão nervosa foi-se relaxando.

A nossa amizade, que começou nesse dia, nasceu, assim, casualmente, de uma simples convivencia de Studio. Trabalhar com as pessoas, dia a dia, hora a hora, é conhecel-as a fundo. Os nervos e os sentimentos são postos á prova e a gente ou se sahe bem ou mal. Hal sahiu-se bem. Passei a agradecer todos os dias ao Destino em me haver posto com elle a trabalhar nos mesmos Films. Só quem labutá no Cinema é que póde comprehender bem o que o photographo representa para uma actriz. Havendo confiança no photographo, está tudo bem. O "camera-man" é uma especie de medico da familia, o homem que cura todos os males photographicos.

Jean e Harold Rosson, seu marido.

Foi depois de terminarmos "Para amar e ser amada" que a amizade entre mim e Hal se tornou mais intima. Meu padrasto sempre me aconselhara que jogasse o "golf", dizendo ser esse o exercicio que me convinha e que se o tentasse uma vez havia de gostar muito. Lamento ter que confessar que sou, por natureza, uma creatura preguiçosa. Ao trabalho de mergulhar na piscina, prefiro, por exemplo, ficar tranquillamente deitada á borda dagua, a tomar um banho de sol.

Uma noite, meu padrasto participou-me que arranjara uma partida de tres para o dia seguinte. Jogariamos eu, elle e Hal. Foi assim que tive o meu primeiro "encontro" com o que é hoje meu marido, num campo de "golf", ás sete horas da manhã.

Hal tornou a mostrar o mesmo espirito de tolerancia, que é um dos seus predicados. Apesar de ser bom jogador de "golf", os meus erros e lentidão nas jogadas não lhe causaram nenhuma impaciencia. Foi-me instruindo no grande "sport" com a mesma boa vontade com que, no Studio, dispõe as luzes para me photographar convenientemente.

Depois da partida, veiu a nossa casa e foi apresentado a minha mãe. A' tarde, merendámos os quatro, conversámos e, em seguida, Hal e eu fomos nadar um pouco, na piscina. Quando elle se retirou, nesse dia, começámos a comprehender que a nossa amizade entrava numa nova phase. Inda não pensávamos, porém, que viesse a transformar-se num caso sentimental. Hal affirma o contrario, mas tenho quasi a certeza de que diz isso apenas para lisonjear-me, fazendo-me acreditar que se apaixonou por mim, no campo de "golf".

Dahi em diante, passou a frequentar a nossa casa, tornando-se quasi uma pessoa da familia. Nadavamos e jogavamos "golf".

Nessa occasião, eu sahia pouco, mas Hal insistia commigo para ir passear, dançar, conversar. Foi elle quem me ensinou os varios lugares de Hollywood onde se encontram bons "menus" e boa musica.

(Termina no fim do numero).

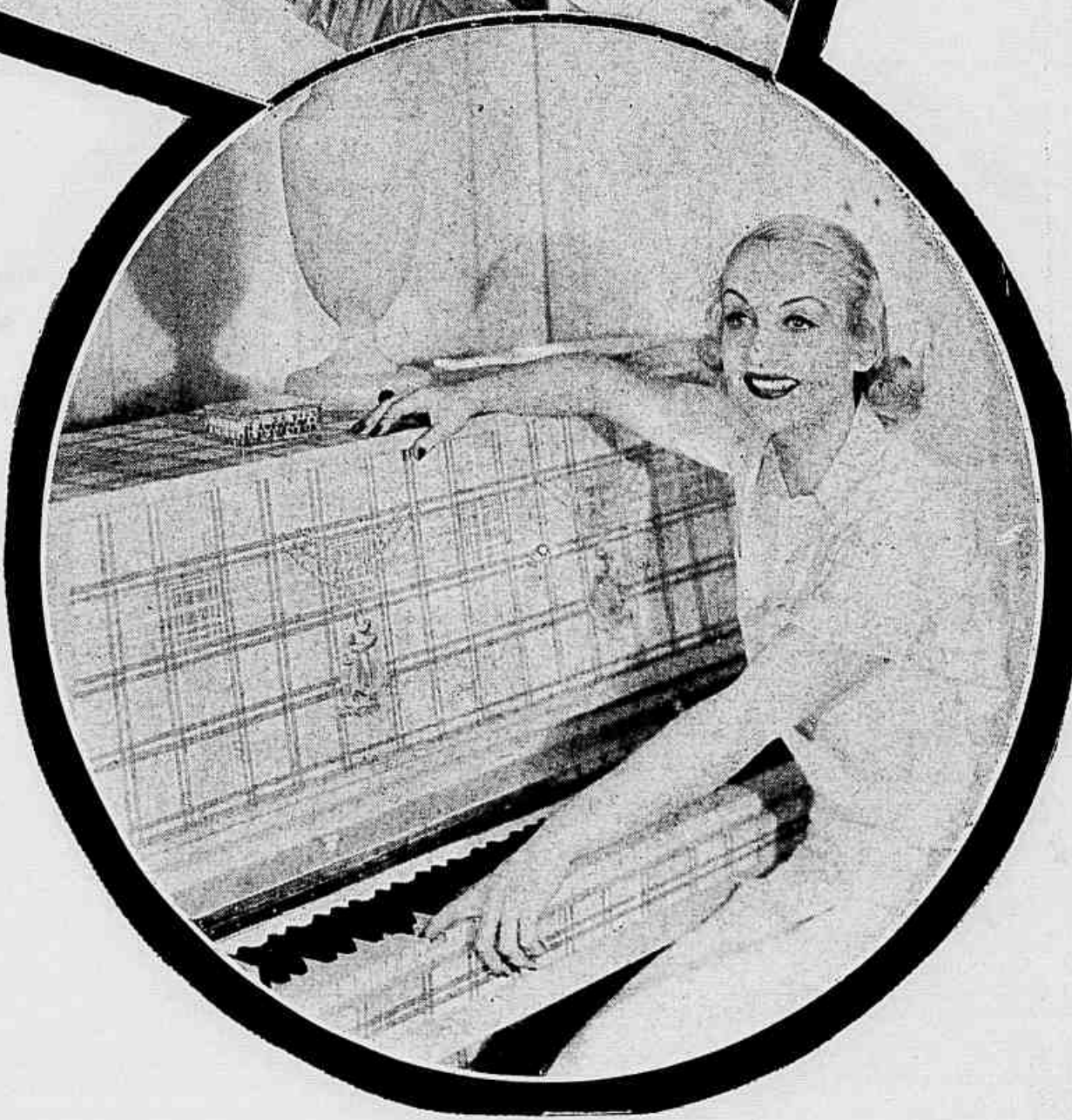
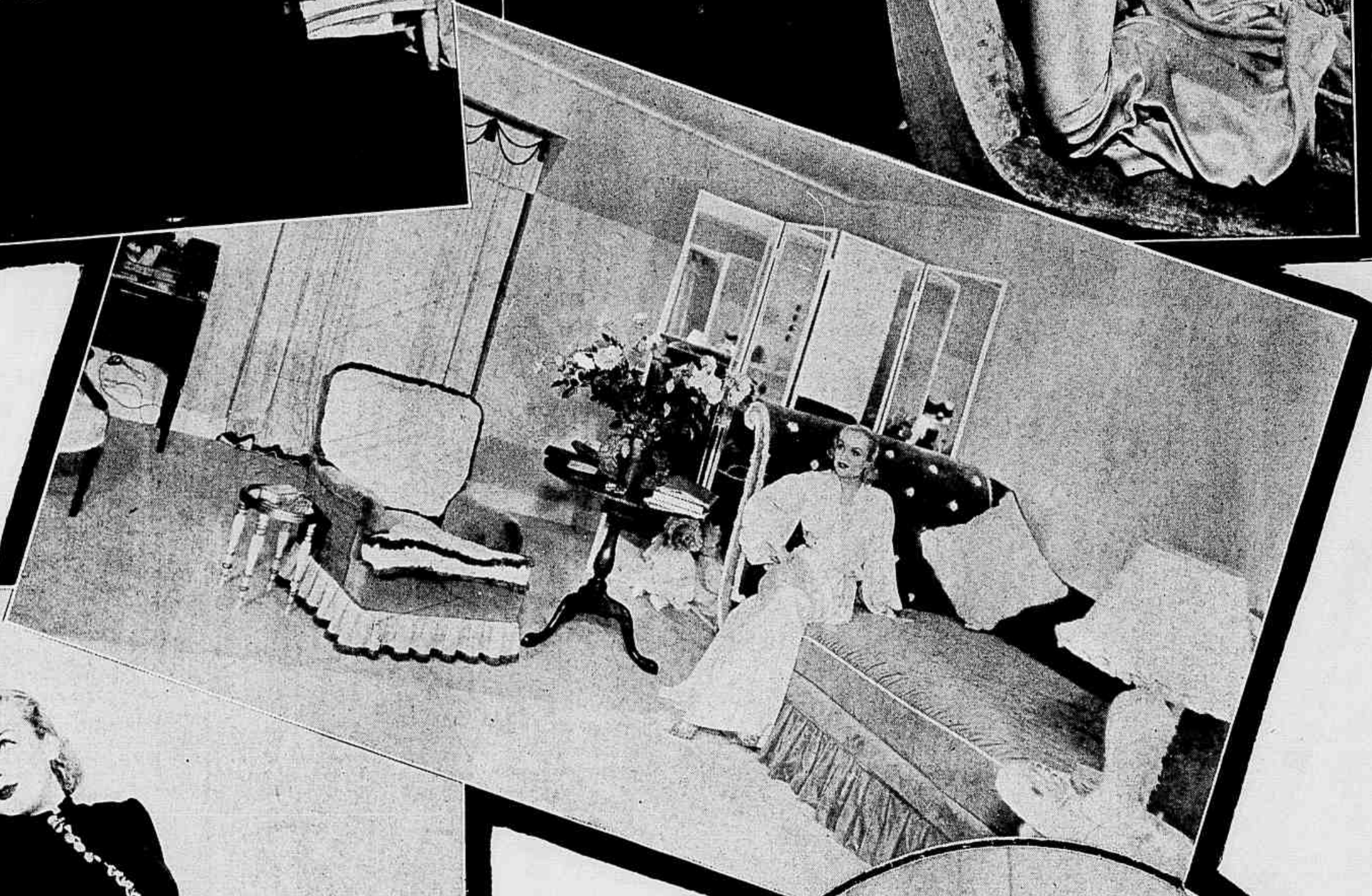
ANN DVORAK

Trabalhou em "Scarface" e varios Films da First National, depois casou-se com Leslie Fenton. Na lua de mel foi á Allemanha e fez um Film lá. De volta tem trabalhado em muitos Films: "Lição de amor", "College Coach", e outros.

Uma das maravilhas de Burbank

CAROLE

LOMBARD

e a sua nova casa...

NENA QUARTARO

estrellinha de Hal Roach. Lembram-se della em "Fra-Diavolo"? Nena é nossa velha conhecida. Ha muito que admiramos a sua fascinação morena...

A Tela em Revista

ESKIMO' (Eskimó) — M.G.M. — Producção de 1933 — (Palacio Theatre).

O Cinema documentario acaba de enriquecer-se com mais uma maravilha, magistralmente dirigida por Van Dyke. Trata-se verdadeiramente de uma producção excepcional. Em materia de terras arcticas temos caminhado de encantamento em encantamento. Tivemos primeiro "Nanook do Norte", depois "Igloo" e agora "Eskimó". Dos tres o ultimo é o melhor pela sua perfeita harmonia de composição e pelo seu alto poder expressivo.

O assumpto em si já é profundamente attrahente. Não ha nada que iguale em mysterio, em deslumbramento, essas regiões em que reina o grande silencio branco.

"Eskimó" nos revela o homem do norte na sua mais profunda realidade. Faz-nos penetrar nos arcanos mais intimos da tragica realidade que o opprime, que o fecha num circulo de ferro. A obsessão do alimento. A fome é o grande phantasma, que não lhe dá socego um só momento. A razão de ser da vida esquimó é a busca do alimento. E' quasi que sua unica occupação. O alimento dá-lhe o calor, fal-o apto para resistir ao frio — o inimigo implacavel, sempre presente. A falta do alimento torna o esquimó triste, abatido, desanimado. A primavera, cuja volta significa abundancia de caça, fartura, é a sua fonte mestra de lyrismo. A volta da primavera fal-o dansar, agradecer aos deuses a felicidade de estar longe do somno eterno.

"Eskimó" representa ainda uma grande lição para o homem branco, para o inevitavel homem branco, de que nos fala Jack London. E' um formidavel libello contra a immoralidade, a crueldade de lobo do chamado homem civilizado. Os traficantes que vão infestar as proximidades do "Circulo Arctico" levam para lá o odio, a mentira, a falsidade, a prostituição, o alcool e as doenças para macular a pureza e a innocencia desses sêres bons. A phrase da mãe de Mala, no Film, é de uma verdade profunda: "Fuga sempre dos homens brancos. Elles têm o coração negro".

O Film é mais um ensaio admiravel sobre a organização social esquimó em todas as suas modalidades. E' tambem uma revelação para nós de que a unica moral existente não é a nossa, não essa forma unica que queremos impor ao resto do globo á força de canhão.

A nossa cultura não é a unica possivel sobre a face da terra. Pelo menos é o que nos revelam esses sêres que matam a phoca, que caçam a baleia, que comem carne crua, que cedem suas mulheres, que lutam corpo a corpo com o lobo, que abandonam os velhos, mas que não mentem, que não faltam á palavra empenhada, que dividem a caça com os hospedes, que sacrificam a vida por um amigo.

Essa vida mais verdadeira, mais sincera, mais feliz, é fructo de uma mais intima communhão com a natureza, de que o homem do norte é uma das expressões mais bellas e mais poderosas.

A figura central do Film — Mala — é um dos especimens mais soberbos de natureza humana que nos tem sido dado ver.

Elle é bello como um Deus. Os dentes são perfeitos. A força é incomparavel. Os musculos são de um modelado esculptural. Comprehende-se que um homem desses seja chefe, seja o guia de todos os caçadores seus companheiros. Elle é o chefe por selecção natural, porque é o mais bello, o mais forte, o mais valente, o mais poderoso, o mais generoso, o melhor. Pura selecção natural. Sua segunda esposa é de uma belleza sem jaça.

"Eskimó" enche de vergonha a civilização dos brancos, homens cheios de recalcamentos, de complexos, de crimes, de vicios. Homens cuja sociedade é baseada em mentiras convencionaes. Pelle branca, mas alma negra...

"Eskimó" é um Film inesquecivel, admiravelmente Filmado. Van Dyke no seu appetite de viajar vae provando que em toda parte o contacto do homem branco é mortal. Elle revela a vida nas regiões geladas com realismo e dramaticidade simplesmente e sem pressa. Os seus Films desenrolam-se vagarosamente. E para contentar a todos apanha sempre coisas sensacionaes. Em "Eskimó" vemos como se pesca, como se caça uma baleia, como se mata um urso, como se liquida uma multidão de phocas e uma formidavel manada de rangiferes em louca disparada.

Não percam.

Cotação: — MUITO BOM.

O BAMBA DA ZONA (The Bowery) — 20 th Century — Producção de 1933 — (Gloria).

Ha dias quando analysei "Voltaire" caracterizei a inferioridade dos americanos na reconstituição do passado, na composição de Films historicos. Deveria ter fixado os limites dessa incapacidade. Faço-o agora. Os americanos são mestres na recomposição do passado proximo, ahi do século XIX e immediações do XX e muito especialmente no que diz respeito á sua propria historia nacional.

E' o caso de "O Bamba da Zona". Além da preciosidade do estudo do **bas-fond** novayorkino em 1890 e tantos vemos o estado de espirito do povo em face da guerra de Cuba.

"Bowery" é uma verdadeira cidade dentro da cidade. Um mundo dentro de New York, que é um mundo. Mundo apparentemente heterogeneo dada a enorme diversidade de nacionalidades que o compõem, mas homogeneo no seu sentido profundo, na sua realidade mais intima. Todos ali se entendem, porque todos os que ali estão participam do mesmo destino: são restos, são escorias de uma civilização egoista, onde só se podem banquetear e gosar os vencedores. Os derrotados, os fracos, os de moralidade debil, os sem pão, só têm dois caminhos: a morte, ou "Bowery".

Os meninos nesse bairro começam a enfrentar a vida cedo. Emquanto os pequenos ricos brincam, folgam, os filhos dos miseraveis têm que lutar pelo seu logarzinho debaixo do sol. Tem que roubar a fruta, ajudar a quadrilha, ser "pivette", ou levar o diabo.

Na "Bowery" a luta pela vida é feroz. Quem não é forte no braço não é respeitado dos homens e amado das pequenas. O amor é feroz, violento como o amor dos animaes de presa. Mata-se, luta-se por um simples **béguin.**

O **leit-motiv** do Film é a pancadaria. A pancada é a eterna fonte de comico. Ella está em toda parte. No "D. Quixote", nos Films comicos. A scena da luta entre as duas "fire brigades" é inesquecivel e completa como Cinema. Os angulos empregados por Raoul Walsh são de uma felicidade extraordinaria. Apanha a scena no seu conjuncto e ao mesmo tempo não perde o menor dos seus detalhes.

Que quantidade enorme de **gags** impagaveis. Como é profunda a sympathia humana no coração dos sêres degradados! Wallace Beery profundamente plastico e maravilhosamente photogenico apresenta-se um valentão, um bamba perfeito, violento, sentimental, humanissimo, apezar da acção deformadora da "Bowery". George Raft nunca appareceu tão bem. E' o typo exacto do elegante de **bas-fond,** sem gosto, excessivo, exaggerado. Fay Wray é de uma innocencia, de uma candura encantadoras. Jackie Cooper faz lembrar com saudades o Jackie Coogan de "O Garoto".

Raoul Walsh attingiu a uma altura a que raros directores já lograram na arte do Cinema. E' um dos bons Films do anno.

Cotação: — MUITO BOM.

AMOR DE DANSARINA (The Dancing Lady) — M.G.M. — Producção de 1933 — (Palacio Theatre).

"Amor de Dansarina" será o mais popular, dos Films da linda Joan Crawford. Nelle Joan tem talvez a sua mais inspirada performance.

Charlotte Henry está interessantissima no papel de Alice no paiz das maravilhas.

Não se trata de um Film de grande significação para a arte do Cinema. E' apenas um Film muitissimo bem confeccionado. Robert Leonard dirigiu-o com inteligencia e teve a ajudal-o o concurso de tres admiraveis artistas de Hollywood: Joan, Clark Gable e Franchot Tone. O Film foi produzido sem medo de despezas. Salões riquissimos, restaurantes e "bars" maravilhosos e um final de revista Cinematographica, que é um verdadeiro deslumbramento para os olhos.

E no emtanto, a historia é a mais conhecida do mundo. As mesmas situações se repetem. E muitas scenas já tem sido vistas quasi iguaes em outros Films...

E' que em Hollywood quando o productor consegue pôr as mãos num bom director e segurar bons artistas, queridos e photogenicos, a historia é o que menos interessa.

De facto, esta producção da M.G.M. não apresenta nada de novo no seu enredo. Que interesse poderá ter para os **fans** mais uma historia da corista que ambiciona ser "estrella", ensaia com afinco, toma á serio o seu trabalho, faz brotar no coração do ensaiador uma grande paixão e no momento opportuno realiza o seu sonho, substituindo a "estrella" por saber de cór o seu papel?

E no emtanto, com um assumpto desse quilate ainda se póde fazer um optimo Film, um magnifico Film. Prova-o Robert Leonard. Provam-no, tambem, em menor escala, está visto, Joan Crawford, Clark Gable e Franchot Tone.

Prova-o Robert Leonard com um tratamento magistral, enchendo o Film com scenas deliciosas de comedia e romance. Provam-no Joan, Clark e Franchot com as suas personalidades jovens, com o arrebatamento de sua mocidade photogenica.

Ha muito tempo que não viamos uma escolha tão feliz como a de Leonard neste Film. Os artistas que tirou do elenco da M.G.M., são exactamente os que deviam figurar no Film. Joan nunca esteve tão desembaraçada, tão linda. Ella nunca dansou com tanta perfeição. Aliás, dizem que o seu sonho dourado sempre foi tomar parte num Film como este, em que pudesse mostrar as suas habilidades choreographicas. Joan está realmente admiravel — ora romantica, ora arrebatada, ora humilde, ora amorosa. E sempre provocante com os seus lindos e incomparaveis olhos, o seu corpo de deusa, os seus labios sensuaes. Joan é o typo da mulher que a gente não póde olhar com ternura...

Clark Gable vae como uma luva. Elle tão cedo não encontrará um papel como este. A não ser que os productores descubram, finalmente, que elle não póde fazer galãs delicados. O seu genero é outro — Clark é um homem quasi rude, violento, todo nervoso.

Franchot Tone, pelo contrario, é um rapaz fino, delicado. Tal qual o **Tod** que elle vive neste Film.

Vão ver o romance delles tres. E os maravilhosos numeros de revistas do final.

Bravos a Robert Leonard!

Cotação: — MUITO BOM.

ALICE NO PAIZ DAS MARAVILHAS (Alice in Wonderland) — Paramount — Producção de 1933 — (Imperio).

E' um Film representado por uma constellação como muitos outros nossos conhecidos. Felizmente os astros estão todos escondidos, disfarçados nas suas caracterizações phantasticas.

O paiz das maravilhas é o mundo admiravel da imaginação infantil de que nós só temos uma recordação vaga, fugidia. Povoa-o uma população bizarra, estranha feita de seres phantasticos, grotescos uns, medonhos outros. Nesse paiz até as coisas são vivas, agem e reagem, aggridem e defendem-se.

Alice está entediada porque não póde ir brincar no jardim. Esse **spleen** é tanto maior quanto não ha creanças em casa e a velha ama vive num outro mundo. Alice faz tudo para se distrahir. Brinca com os objectos, espia no espelho. Quer ver o que existe do outro lado do espelho e é levada pela imaginação para muito longe, para uma terra onde as rainhas de xadrez são esposas de reis de xadrez, em que os peões de xadrez têm realidade, em que o ovo é uma criatura.

O Film é um bello estudo de sonho infantil. Vemos realizados no sonho, no mundo do inconsciente todos os desejos, todas as aspirações immediatas da creança. A terra desconhecida em que todos esses sêres evoluem é o jardim que a neve cobre lá fóra. No sonho, o automatismo cerebral faz desse jardim uma terra immensa, vastissima. Os habitantes dessa terra encantadora são os objectos circumdantes, são os companheiros de vida da boa Alicinha, o gatinho, a titia, a ama, as pedras do xadrez, os ovos, os avós dos retratos.

"Alice no Paiz das Maravilhas" é uma viagem encantadora ao mundo maravilhoso da nossa infancia. E' uma viagem inesquecivel a esse delicioso paiz de sonhos...

Como Charlotte Henry é graciosa e interessante no papel de Alice! Os olhinhos bons, puros, falam eloquentemente da limpidez da alma que revelam.

Muito boa a direcção de Mc Leod, cheia de originalidade, de achados magnificos e sem em absoluto mostrar preoccupação de produzir **striking effects.**

Pelo que pude observar em torno de mim o Film não agradou. Ouvi muita gente falar em tolice, em bobagem. Comprehende-se: não ha no Film nem uma scena de amor, nem um beijo de meia hora, nem um só corpo á mostra, nem **sex-appeal,** nem nada...

Tomam parte Louise Fazenda, Richard Arlen, Gary Cooper, Raymond Hatton, Polly Moran, Mae Marsh, Cary Grant, Edward E. Horton, Charlie Ruggles, Ned Sparks, e muitos outros.

Cotação: — BOM.

BELLEZAS EM REVISTA (The Footlight Parade) — Warners — Producção de 1933 — (Odeon).

Mais uma revista espectaculosa da Warner. Não é tão boa quanto "As Cavadoras de Ouro" e "Rua 42", porque resente-se de historia. Na verdade não tem uma historia de ligação. O seu scenario assenta sobre pequeninos **plots**, com um pouquinho de romance, muita comedia e tres formidaveis numeros de revista, cada qual constituindo um espectaculo independente e os tres feitos de uma maneira como nunca se viu antes, no que diz respeito a luxo, belleza, bailados, musica e canções.

O Film diverte muito. A acção é rapida. Os ensaios, ás scenas de bastidores, a luta dos ensaiadores para apurar os bailados, esplendidos achados comicos, a azafama das coristas — o Film tem de tudo.

Creio, si não me falha a memoria, que os **talkies** surgiram numa epoca em que nem se cogitava da candidatura de Roosevelt. E' nessa epoca que se desenrola a sua acção. E no emtanto, nos prologos do final prestam homenagem a Roosevelt como presidente...

Mas é o de menos. O Film diverte. E' um regalo para os olhos dos **fans.** Tem muitas coristas bonitas possuidoras de pernas mais bonitas ainda. E os numeros de revistas do final offuscam tudo quanto se tem visto. Principalmente os dois ultimos — o da cascata e o dos fuzileiros. E' um nunca mais acabar de bailados lindos e bem marcados, mostrados dos angulos mais originaes.

Joan Blondell procura bancar Mae West nas suas phases. Ruby Keeler e Dick Powell cantam e dansam da maneira do costume. Claire Dodd está linda e provocante. Guy Kibbee é o mesmo de sempre. James Cagney e Frank Mc Hugh roubam o Film. São as duas figuras mais salientes. James impetuoso, arrebatado, saltitante, canta e dansa magnificamente no fim. E Frank Mc Hugh faz rir em todas as scenas em que apparece.

Não percam.

Cotação: — BOM.

MANHÃ DE GLORIA (Morning Glory) — R.K.O.-Radio — Producção de 1933 — (Broadway e Rex).

Para quem conhece o idioma inglez perfeitamente "Manhã de Gloria" póde constituir um magnifico espectcaulo theatral. E' uma peça theatral. Não tem nada parecido com Cinema. Tudo é contado nos dialogos. O desenvolvimento é de theatro. As coisas mais importantes são contadas. A propria caracterisação de Katharine Hepburn, que é o que o Film tem de melhor não póde ser considerada como trabalho de Cinema.

Quanto ao assumpto, além de muito conhecido, não resiste a uma analyse seria. No fim de contas trata-se de mais uma candidata a "estrella" que luta desesperadamente até poder substituir a "estrella" geniosa na noite da estréa, com immenso successo...

Agora Katharine Hepburn. Kat é outra coisa. "Manhã de Gloria" e Katharine Hepburn, Cinematographicamente falando, são duas coisas completamente diversas. "Manhã de Gloria" é um bom espectaculo theatral. E Katharine Hepburn é material de Cinema de primeira classe. Kat está na galeria de Greta Garbo e Marlene Dietrich. Kat enthusiasma. Emociona. Empolga.

E' magra. Os **fans** talvez a considerem feia. Mas que physionomia expressiva! Que olhos extraordinarios! Que labios photogenicos!

"Manhã de Gloria" só tem valor pela presença de Kat. Ella não rouba o Film. O Film é ella. Ha muitos annos que o Cinema não apresenta uma figura tão completa, tão dominadora.

Os seus "close-up" são formidaveis. As scenas mais insignificantes tomam vulto com a sua simples presença. O resto do elenco, o assumpto, tudo desapparece. Só apparece Katharine Hepburn!

Adolphe Menjou, Douglas Fairbaks Junior e Mary Duncan tomam parte. Mas a gente nem se lembra delles.

Katharine Hepburn é uma grande artista. Tem uma personalidade incomparavel. Vão ver "Manhã de Gloria" em Katharine Hepburn!

Cotação: BOM.

BALI, A ILHA DAS VIRGENS NUAS — (Alhambra).

Bali é um verdadeiro paraizo terreal. Esses comedores de arroz de tez morena são verdadeiros filhos dos deuses. O ar puro e o sol generoso transforma-os em maravilha de bronze. A ilha está cheia de estatuas de deuses, de idolos, de templos, que revelam a enorme faculdade creadora de seus habitantes.

O Film apanha os habitantes de Bali na sua vida quotidiana sem qualquer artificio de composição. E' um documentario. Comprehende-se porque é que Alain Gerbault desejou por um momento ficar para sempre entre os habitantes dessas ilhas afortunadas.

Mas a felicidade dessas criaturas é as vezes perturbada por forças inimigas, que elles no seu animismo de primitivos encarnam em demonios. Sêres ha que pactuam, que têm contacto com esses demonios.

A bruxa-Leak é um delles. Todos os males lhe são attribuidos. De tudo o que de mal apparece na ilha cabe a Leak a responsabilidade.

Os habitantes cansados de supportal-a correm ao sacerdote para pedir a sua morte, mormente depois que a peste assola a ilha feliz.

A sequencia do povo em presença do sacerdote é uma das coisas mais bellas que o Cinema tem apanhado.

Em "Bali" até a paysagem fala. Os amplos horizontes, a tranquilidade das praias infindas, o agitar lento dos coqueiros, a corrida dos gansos, o passo calmo dos bois.

As tradições em "Bali" são transmittidas como se transmittem caracteres hereditarios. As dansas mysticas são ensinadas ás crianças desde a mais tenra idade. As admiraveis dansas mysticas dos jovens e das bailarinas sagradas! Que estudo incomparavel de mystica selvagem!

Os costumes de "Bali" revelam-nos a innocencia desses entes cheios de belleza. O banho é commum entre os homens e as mulheres. Entre elles a nudez não é vergonhosa porque sua alma é pura. O contacto com os brancos é que lhes ensina a vestir-se e corromper-se.

A scena de Leak na caverna cheia de morcegos, de sêres das trevas, é de um profundo symbolismo, é de uma expressividade altissima.

E as scenas de amor? Quanta graça, quanto enlevo, quanto lyrismo.

E' um Film admiravel, que exige um logar destacado na Cinetheca universal.

Reri, a linda pequena que já vimos em "Tabú", tem o principal papel.

Cotação: — BOM.

DINHEIRO DE SANGUE (Blood Money) — 20 th Century — Producção de 1933 — (Gloria).

Mais uma historia de **gangsters** de mistura com politica e outras complicações sociaes. Mal construido, sem apresentar nada de novo e com um final fraco, o Film agrada devido ao habil trabalho do director, que mantem apreciavel **suspense** em todo o seu desenvolvimento.

Para commemorar a volta de George Bancroft podiam ter escolhido vehiculo mais forte. Mas passa.

George não faz um **gangster** propriamente dito. Exerce a sua actividade em torno dos **gangsters,** da policia e dos politicos. E' um homem de negocios sem escrupulo como os que os Films **yankees** vêm focalisando com insistencia ultimamente.

George não mata. Não faz uso da metralhadora. Mas o Film tem fartura de bandidos, ladrões, detectives, politicos infames, rivalidades entre chefes de quadrilha, roubos audaciosos, "cabarets", dansarinas, cantoras e uma partida de bilhar emocionante.

Frances Dee faz uma caçadora de emoções com immensa graça e muita seducção. Judith Anderson parece que representa num theatro.

Cotação: — BOM.

RENUNCIA DE AMOR (No More Orchids) — Columbia — Producção de 1933 — (Imperio).

Quando um scenarista barato dá tratos a bola e não consegue arrancar dos miolos extenuados alguma coisa interessante volta-se para o museu de situações e themas explorados pelo Cinema, passa a mão em duas situações, ou mesmo em dois themas e compõe um novo scenario. A's vezes o serviço é feito com o auxilio de mais de dois enredos...

"Renuncia de Amor" é uma mistura da velha chapa do amor contrariado, crise commercial e complicações financeiras, onde se chega á conclusão mais uma vez de que os antigos ricaços eram financeiros muito espertos e intelligentes do que os de hoje. Felizmente, porém, a banalidade do enredo e a falsidade do scenario é contrabalançada por uma boa direcção. Ha sequencias admiraveis em photogenia e emoções. O final tem muito sentimento, ou por outra, está dirigido com muito sentimento.

Carole Lombard com alguns dos vestidos mais lindos do mundo. Lyle Talbot tem uma boa figura e apresenta um optimo trabalho. Walter Connolly, bem.

Cotação: — BOM.

AMANTES FUGITIVOS (Fugitive Lovers) — M.G.M. — Producção de 1933 — (Palacio-Theatro))

Robert Montgomery e Madge Evans travam conhecimento num omnibus transcontinental, namoram-se, amam-se e no fim da jornada unem-se para o resto da vida.

O local da acção é novo em Cinema. O romance de Robert e Madge está bem urdido e reforçado com muito "suspense". A perseguição que a policia americana move ao sentenciado fugitivo é tremenda, colossal. Os perigos constantes a que se expõem elle e Madge causam arrepios. A intromissão de Nat Pendleton augmenta a tensão nervosa dos **fans.** Mas tudo acaba bem — Bob pratica um acto de heroismo e é perdoado pelo tal governador, o homem mais oppotruno do mundo.

Viagem excitante. Madge linda. Robert serio a valer. Nat, C. Henry Gordon e Ted Healy, bons.

Cotação: — BOM.

FACIL DE AMAR (Easy to Love) — Warner's — Producção de 1933 — (Odeon).

Que pena que Lubitsch não tenha posto as mãos no scenario deste Film!

O assumpto não tem nada de grandioso. Antes, pelo contrario, é dos mais convencionaes e futeis que têm sahido de Hollywood. Mas Lubitsch, e sómente Lubitsch seria capaz de salval-o fazendo delle um grande Film. Como está tem muito sal, muita malicia, um desenvolvimento picante. Talvez por isso agrade. Quando menos, pelo banho de Genevieve Tobin. As discussões são interminaveis e feitas de palavras rispidas. Periga o casal Adolphe Menjou-Genevieve Tobin. A sua felicidade é ameaçada por Edward Everett Horton e Mary Astor. Mas Patricia Ellis promove a reconciliação. Faz rir. Principalmente quando a camera focaliza Edward Everett Horton. Mary Astor faz uma vampiro original. Paul Kaye é o noivo de Patricia Ellis.

Cotação: — BOM.

LIÇÃO DE AMOR (The Way To Love) — Paramount — Producção de 1933 — (Odeon).

Film em que Chevalier se despediu da Paramount. Mal tratado, entregue a si mesmo. Nem soffre comparação com os trabalhos anteriores de Maurice.

Entretanto, salvam-se os bons aspectos dos bairros bohemios de Paris, algumas canções de Maurice e a figura maravilhosamente bella de Ann Dvorak.

O grande cançonetista parisiense desta vez afasta-se dos "boudoirs" de luxo e das damas elegantes. Mora num terraço, ama uma criaturinha pobre e a sua maior ambição é servir de cicerone das bellezas artisticas da Cidade Luz.

Diverte. Tem um pouco de romance e um pouco de comedia. Mas o Film pertence a Ann Dvorak. Ella rouba-o todo para si. Ann é linda. A sua belleza é marcante. Os seus olhos dizem coisas mysteriosas. E' uma personalidade nova. E' uma futura grande "estrella". Esperem e verão.

Edward Everett Horton está do outro mundo. Minna Gombell e Grace Bradley tomam parte.

Cotação: — BOM.

MASSACRE (Massacre) — First National — Producção de 1934 — (Pathé Palacio).

A União Norte-Americana é um paiz civilizado, mas lá os preconceitos de raça imperam em toda a sua violencia e hediondez. O problema da raça negra já foi mostrado em muitos Films, mas sempre com muito cuidado e com uma boa dóse de hypocrisia. Assim o problema dos pelles-vermelhas.

"Massacre" tem o merito de contar a coisa com um pouco de verdade. Assim é que vemos o despreso absoluto com que são tratados os indios, a inutilidade dos departamentos de protecção, a falta de escrupulos dos agentes do governo, etc.

Alan Crosland compoz um trabalho sentimental e commovente, em que retrata com côres vivas a tragedia do pellevermelha nos Estados Unidos. O romance amoroso serve apenas de elemento de ligação embora esteja tratado com um certo carinho.

A invasão da aldeia pelos indios está muito bem dirigida.

Richard Barthelmess tem um trabalho optimo. Ann Dvorak é a sua namorada. Claire Dodd é uma seducção. O elenco é enorme — inclue Duddley Digges, William Mong, Tully Marshall, Agnes Maielo e muitos outros.

Apparecem aspectos da Feira de Chicago.

Cotação: — BOM.

JANTAR A'S OITO (Dinner at Eight) — M.G.M. — Producção de 1933 — (Palacio-Theatro).

Segundo Gus Bofa os livros dividem-se em duas categorias: "les livres á lire et les autres..." "Jantar ás oito" se fosse livro estaria, evidentemente, entre os "outros".

E' extrahido de uma peça de theatro como quasi tudo o que o Cinema nos dá hoje. O Cinema sem necessidade está parasitando o theatro e enchendo-se, infelizmente, de quasi todos os seus vicios.

O thema tratado por um bom director daria um excellente trabalho de critica social: as miserias, ás baixezas da chamada alta sociedade, vista em casa, na sua intimidade. Mostraria em que se fundam as grandes fortunas, de que estofo moral são feitos os "grandes" homens do commercio e das finanças.

Accresce que o Film é uma verdadeira parada de astros: Marie Dressler, John e Lionel Barrymore, Jean Harlow, Wallace Beery, Edmund Lowe, Karen Morley, Billie Burke, etc. Essas constellações em geral prejudicam o Film como no caso presente.

Só vale o elenco. Não passa de uma mistura mal acabada de comedia, tragedia e melodrama. Theatro. E máu theatro.

John Barrymore representa o que elle é na vida: um artista de Cinema em vertiginosa decadencia.

Só se salvam raras scenas engraçadas com a incomparavel Marie Dressler, que vive muito bem a personalidade de uma grande "estrella" de theatro retirada. Wallace e Jean apparecem em deliciosas scenas de comedia. Jean dá-nos uma boa figura de "parvenue". Billie Burke é uma optima dona de casa da alta sociedade. Que saudades dos seus aureos tempos!

Cotação: — REGULAR.

DILUVIO (Deluge) — R.K.O.-Radio — Producção de 1933 — (Broadway).

O fim do mundo é um assumpto que já tem dado o que fazer no Cinema. O de Abel Gance, por exemplo, ao par de algumas sequencias inesqueciveis, apresentou tanta desordem de composição e tantos absurdos que contribuiu para enterrar o seu autor.

Este, "Diluvio", apresenta catastrophes tão espantosas, transformações geologicas tão terriveis que não sobra nada — tudo é engulido pelo cataclysmo: director, elenco e o Film inteiro.

A distribuição de New York impressiona a principio. Depois a gente acaba achando graça. Tudo é destruido com extrema facilidade. Immensos arranha-céos ruem como construcções de barro... Só a estatua da Liberdade resiste...

A historia que começa depois é demasiadamente ingenua e convencional. E o final deixa a gente scismando na hypocrisia dos chamados finaes felizes.

Lois Wilson e Peggy Shannon, entre muitos outros, apparecem como sobreviventes, mas sómente no Film...

Cotação: — REGULAR.

UM HOMEM QUE AMOU (The Women in his Life) — M.G.M. — Producção de 1933 — (Palacio Theatro).

Melodrama irreal, construido em bases fracas, feito especialmente para mostrar que Otto Kruger sabe representar e que póde figurar ao lado dos maiores "representadores" da téla — John e Lionel Barrymore e outros.

E isso o Film prova á saciedade, mesmo com sacrificios apreciaveis da linguagem Cinematographica.

Otto faz um advogado celebre e rico que passa a vida a defender criminosos e seduzir lindas damas. A nota romanesca é dada por Ben Lyon e Irene Hervey. Una Merkel e Roscoe Karns encarregam-se dos allivios comicos, rosos gemidos de sentimentalidade barata, o que é ridiculo.

As mesmas scenas são aproveitadas, coisas vistas e revistas são impingidas com um cynismo de indignar. "As dos Ases" incorre em muitas dessas censuras que acabo de fazer.

O Film começa com uma scena leve de namoro num jardim. Segue-se a velha emoção da entrada dos Estados Unidos na guerra de 1914. O desfile dos infelizes para a grande estupidez collectiva. Carne para canhão.

Richard Dix é um esculptor que só vive para a sua arte. Vem a guerra e a noiva faz-se enfermeira. Dick continua vivendo para a arte. A noiva o considera covarde, insensivel. Elle então abandona tudo e vae para o inferno, onde abate dezenas de aviões inimigos. E' um carniceiro.

Condecorações, férias em Paris, o celebre ferimento de que se fica bom rapidamente e depois o arrependimento, a volta e o amor definitivo.

O Film tem um trecho de valor. E' um attestado soberbo do valor do silencioso. No hospital, quando o cadete allemão, piloto de um avião abatido por Dick, está á morte e pede agua. Não póde beber — o medico prohibiu. Insiste. Dick resolve fazer-lhe a vontade. Quando elle vira as costas o moribundo apanha uma garrafa, sobre a mesa de cabeceira, enche o copo e bebe. A camera apanha em "close-up" a mão crispada do cadete, mostra a mesinha, o copo, a garrafa, a cama, a agonia do rapaz e o enfermeiro indifferente que vem desoccupar o leito indispensavel para outro desgraçado. Tudo isso sem um letreiro, sem um ruido. Imagem, só imagem.

Apesar de tudo sempre nos produz uma enorme emoção o vôo sinistro das grandes aves de aço, o crepitar medonho da metralhadora, o desanimo, o cansaço enorme dos homens em guerra.

Como significação social esses Films prestam o inestimavel serviço de desmoralisar essas duas manifestações supremas da boçalidade humana: guerra e chauvinismo.

Richard Dix tem tudo para ser um bom aviador militar. Cara energica, corpo de athleta, sympathia. A's vezes faz umas caretas desabonadoras.

Elizabeth Allan é uma heroina sentimental, meiga e cheia das illusões naturaes nas moças de sua classe e de sua mentalidade.

Cotação: — BOM.

SMOKY (Smoky) — Fox — Producção de 1933 — (Eldorado).

Will James escreveu um livro muito interessante sobre um cavallo, desde o seu nascimento até á velhice e a Fox Filmou-o. Apparecendo nelle o proprio escriptor, narrando a historia, facto que prejudica o Film até certo ponto, mas depois surge o interesse e no genero, o Film é bem interessante. A Fox, aliás, já nos deu ha annos um Film contando a historia de um cavallo e agradava muito.

Lembram-se de "Puro sangue"? Era um cavallo de corrida e o seu fim era parecido com o de "Smoky"... Este, entretanto, é um cavallo de estimação de um vaqueiro, papel este interpretado ás maravilhas por Victor Jory. E só para admirar este esplendido artista vale a pena vêr o Film. Irene Bentley, a nova "estrellinha" morena da Fox, é uma adoravel heroina.

Frank Campeau, que ha muito não viamos apparece.

Para quem gosta de ambientes ruraes, o Film é magnifico.

Ha bons momentos de comedia.

Cotação: — BOM.

LABIOS DE FOGO (Hoopla) — Fox — Producção de 1933 — (Alhambra).

Clara Bow numa historia Filmada pela segunda vez. A nova versão é inferior a anterior. Entretanto Clara Bow é superior a Dorothy Mackaill.

Aliás Clara Bow não precisa que os assumptos dos seus Films sejam de primeira ordem para agradar. Ella só é o Film. Não pelo seu talento. Mas pelo seu corpo admiravel, pelos seus meneios sensuaes, pelos seus labios voluptuosos e pelos seus olhos sempre cheios de malicia. Clara Bow é dona dos seus Films. A historia deste Film é bem interessante. Mas foi mal dirigida e a escolha de typos deixa a desejar. E' a tal coisa: Clara é do outro mundo, de modo que os productores não ligam importancia aos outros elementos dos seus Films. Foi por isto que ella já uma vez quasi se desmoralizou.

Aqui o facto se repete — Clara Bow dansa com exaggero sensual, balança as carnes de uma maneira provocante, gasta olhares capazes de fundir metaes e tudo é pretexto para ella mudar de roupa ou ficar nua.

Richard Cromwell faz com demasiada ingenuidade o papel que Douglas Filho fez na versão anterior. Preston Foster é o seu pae. Papel que Milton Sills interpretou na primeira versão. Só vendo os seus cuidados com que o trata. Até parece amor materno. Minna Gombell toma parte, fazendo o papel que Betty Compson viveu na versão silenciosa.

E' um Film aconselhavel para os **fans** de Clara Bow. Mas, deixa a desejar em confronto com o "Sangue de Bohemio", de outros tempos dirigido por Fitzmaurice.

Cotação: — REGULAR.

AZ DOS ASES (Ace of aces) — Producção de 1933 — R.K.O.-Rario — (Rex).

Mais um Film de aviação. Mais um para a lista de "Anjos do Inferno", "Patrulha da Madrugada", "Asas", etc.

A originalidade parece ter desertado das metropoles do Cinema. A explicação é facil. As exigencias do mercado são tão prementes que não ha tempo para pensar na qualidade da mercadoria a fabricar. Além disso tudo sahe da litteratura, do theatro. Procurem bem que sempre encontrarão em letras pequeninas: extrahido da novella tal, baseado na peça tal. Os Films continuam a ser escriptos com a penna, não com a camera.

E' de lastimar, tambem, que os Films de guerra sirvam sempre para as mais inflammadas arrancadas patrioticas o que é tragico — quando não para os mais cho-

Pouca coisa de Cinema se salva no Film. Emfim, é provavel que os apreciadores de interpretações se enthusiasmem com o trabalho de Otto Kruger, que tem realmente algumas scenas notaveis. Isabel Jewell é mais natural.

Cotação: — REGULAR.

ESPERTO CONTRA SABIDO — (Tillie and Gus) — Paramount — Producção de 1933 — (Pathé Palacio).

W. C. Fields como os **fans** sabem é um artista comico que tem originalidade. A sua maneira de fazer graça é inteiramente sua. Mas infelizmente tem sido de uma infelicidade pasmosa na téla, salvo em dois ou tres Films, que constituem excepções.

Este, por exemplo, não é de todo máu... C. Fields age livremente, como se estivesse num palco. Sente-se que falta um director para lhe controlar movimentos, dialogos e expressões physionomicas.

Comtudo faz rir. Diverte bastante em varias sequencias apesar dos seus momentos de monotonia. O melhor trecho é o da competição de velocidade das duas barcas. A chegada da barca vencedora é gosadissima.

Alison Spikworth tem um trabalho sem significação junto a W. C. Fields. Baby Le Roy toma parte.

Cotação: — REGULAR.

RIXA ANTIGA (To the Last Man) — Paramount — Producção de 1933 — (Gloria).

Primitivamente, as historias de Zane Grey, eram da Hodkinson e quasi sempre tinham Claire Adams no elenco, lembram-se? Depois a Paramount começou a Filmal-as, dando-lhes mais alma e mais agrado. E Jack Holt augmentava ainda mais o valor de algumas dellas. "O vagabundo do deserto", por exemplo, ainda é recordado pelos velhos **fans**.

Ultimamente a Paramount voltou a fazer-nos surprezas deliciosas com as Zane Grey's, proporcionando-nos, inegavelmente, os mais interessantes Films de Oeste. "Rixa antiga" já foi Filmado, silencioso, pela marca das "estrellas". Mary Brian fazia o papel que Esther Ralston tem nesta nova versão.

E' mais um bom Film no genero, convincente, perfeito nos seus ambientes, tão perfeito que lembra os Films congeneres que a Triangle fazia, tão saudosos na nossa memoria de **fan**...

Desta vez, porém, a historia revive o assumpto do odio feudal entre familias e é um pouco longo. Entretanto o romance de Esther Ralston e Randolph Scott e o interessante caracter desta formosa lourinha, fazem com que a gente supporte com interesse a metragem do Film.

Noah Beery, Buster Crabbe, Jack La Rue e outros, tomam parte. Eugenie Bresserer, que por muito não viamos, tem um bom "bit". A linda Gail Patrick e Muriel Kirkland, tambem apparecem.

Outra boa direcção de Henry Hathaway.

Cotação: — REGULAR.

PAREDES DE OURO (Walls of Gold) — Fox — Producção de 1933 — (Alhambra).

Mais uma pequena que deixa o amor e a cabana por um velho millionario carregado de vicios e habituado a mudar de amores como quem muda de camisa.

Sally Eilers é a desillludida. E' uma ambiciosa adoravel, uma bonequinha de luxo. Norman Foster é o rapaz despresado. Ralph Morgan é o millionario devasso. As sequencias têm logar em salões riquissimos, piscinas encantadas, prados de corridas e outros ambientes cheios da hypocrisia dos endinheirados.

No fim tudo acaba bem. Norman e Sally encontram a felicidade num longo, longo beijo.

Rochelle Hudson tem um bom trabalho. Que tentadora está!

O melhor do Film é a dansa de Rosita Moreno.

Cotação: — REGULAR.

OS PERIGOS DE PAULINA (The Perils of Pauline) — Universal — Producção de 1933 — (Gloria).

Embora não seja do nosso costume criticar Films em serie, vamos, de vez em quando, falar de alguns delles, agora que a Cinelandia os exhibe.

Esta nova versão do celebre Film de Pearl White é muito boa no genero. Agradará em cheio aos admiradores. A narrativa é bem feita e as emoções bem preparadas, além do elenco agradavel, reunindo, entre outros, as figuras de William Desmond, Pat O'Malley, John Davidson e o sympathico Robert Allen que faz o heroe. Evalyn Knapp é a encantadora heroina. Para os antigos **fans** das series, será um prazer revêr na téla uma historia que já os emocionou naquelles tempos que não voltam mais e a nossa alma de **fan** sempre recorda com suave emoção...

VIENNA E' ASSIM (Die Frau von Schoembrun) — Deitz-Film — (Broadway).

Martha Eggerth é deliciosa e uma das vozes mais lindas dos Films Europeus. Mas surge-nos numa comedia monotona, inteiramente construida no estylo dos antigos Films europeus, sem a menor graça. Martha é uma princeza que foge, anonyma, do palacio afim de brincar entre os seus subditos. O resto do elenco é soffrivel.

Por que não nos apresentam os bons e modernos Films europeus?

Cotação: — REGULAR.

ROCHELLE HUDSON

Appareceu como ingenua em "A linda selvagem" e "Uma loura para tres" mas, viram a sua transformação em "PAREDES DE OURO"?

(Photos Otto Dyar, da Fox)

A verdadeira Elissa Landi

QUANDO Elissa Landi chegou a Hollywood, os homens da publicidade, em vez de esclarecerem o publico sobre os exitos da actriz nos palcos de Londres, preferiram deslumbrar os **fans** com o velho preconceito de sangue azul. Annunciaram, por toda a parte, que a mãe de Eilssa era aparentada com uma casa reinante da Europa, e, assim, nos apresentaram a artista.

Não conheço o verdadeiro parentesco, porque nunca li nenhum dos muitos artigos que têm vindo a lume sobre a nobreza de Elissa, mas ouvi dizer que, sendo a mãe della condessa, a filha tambem o deveria ser, por direito de nascença.

Lembram-se de ter gostado de Elissa, ao vel-a representar num theatro da metropole londrina, mas agora a barreira aristocratica fazia-me esfriar um pouco. Pensando em entrevistal-a um dia, dizia para commigo: "Já tivemos princezas e marquezas no Cinema, mas o Camondongo Mickey continúa a ser o astro mais popular e ninguem lhe pergunta pelos antecedentes".

Tempos depois, vim a conhecer pessoalmente a actriz. Eu estava de visita ao "set" de De Mille. Elissa, na pelle de uma jovem christã, apertou-me a mão, piscando os olhos. Eu tambem pisquei, e De Mille observou:

— Vocês duas devem vir a ser grandes amigas, porque vejo que têm muita coisa em commum..

Filmavam-se scenas nocturnas. Era quasi uma hora da manhã, mas o trabalho ia continuar até nascer o dia. Havia já uma semana que não se fazia outra coisa. Os christãos de "O signal da cruz" não tinham medo dos terriveis romanos, mas tiritavam de frio, apesar de os vendedores de terrenos não se cansarem de apregoar a "amenidade e frescura das noites da California."

Vi Elissa repetir sete vezes aquella scena em que encontra o pae moribundo. O seu desempenho era sempre perfeito, mas, dumas vezes, escorregavam as barbas postiças do velho, doutras, o sangue não escorria com a necessaria dose de naturalidade, e doutras, a "morte" não agradava a De Mille. Quando sahi, iam "matar" novamente o velho christão.

Nos intervallos, porém, tive tempo de trocar algumas phrases com a artista. Falámos especialmente da America e de De Mille. Pedindo-lhe as suas impressões, respondeu-me que apreciava immensamente as duas coisas. Elissa é uma cosmopolita e, ao despedirmo-nos, exclamamos, porque tambem falo diversas linguas: **au revoir, auf wiederschen, hasta manana, e al revederci.**

Voltei a vel-a mais vezes, durante a Filmagem de "O signal da cruz". Sentado ao lado do velho Mestre De Mille, acompanhei quasi toda a atuação de Elissa. De Mille dirigia-a pouco; a artista parecia saber instinctivamente quando a scena sahia boa ou má. Antes mesmo de o celebre director abrir a bocca, perguntava: — Posso repetir?

Nos intervallos, Elissa, á vontade, dava mais idéa de **Peter Pan** do que de **Mercia,** a jovem christã. Ha nella qualquer coisa de rapaz, que se manifestava livremente assim que uma scena recebia a approvação final de De Mille. Elissa, fóra do alcance da objectiva, sahia aos pulos, brincando com os aderecistas, dizendo pilherias a algum extra e batendo familiarmente nas costas de Fredric **Marcus Superbus** March.

Elissa e sua mamãe Caroline, que a publicidade promoveu a condessa...

Entre Elissa e Katharine Hepburn existe grande semelhança. Ninguem dera por isso, porque, até fazer "O marido da guerreira", Elissa vivera, por assim dizer, manietada no Cinema. Puzeram-lhe o letreiro "Sangue real", tolheram-lhe todos os movimentos, sob o pretexto de que era essa a attitude que convinha a uma dama da aristocracia.

Hepburn, porém não, admitte etiquetas sobre a sua personalidade. Era ella propria quem escrevia a propaganda a seu respeito.

Katharine criou, no palco, papel de Antiope de "O marido da guerreira". Não a vi nessa peça, mas quando se começou a procurar uma artista para a versão Cinematographica, lembrei immediatamente o nome de Elissa Landi. Toda a gente se riu.

— Elissa é uma dama de alta roda. Não serve, porque, para fazer a Antiope, é preciso uma pequena estouvada, que tenha assim uns modos de homem, uma pequena que saiba dar sopapos e que, acima de tudo, não se importe em mostrar as pernas e mais coisinhas. Elissa não se sujeitaria. Não mostra as pernas...

— Não digo que as mostre, repliquei, mas, se as mostrasse, ninguem ficaria desapontado...

O director foi o primeiro a concordar que talvez Elissa quizesse aceitar o papel. Provavelmente, já a vira passear de manhã, como é costume da artista de cabeça descoberta, por valles e montes. Elissa, a cavallo, o queixo levantado, olhos brilhantes, a cabelleira côr de bronze a esvoaçar ao vento, faria corar os gregos de vergonha por não terem na sua lingua palavra para exprimir tanta belleza...

Gostaria immenso de ver Elissa em "Joanna d'Arc", de Bernard Shaw, mas, desgraçadamente, os Studios só consideram "aproveitavel" o que lhes parece que possa render os cobres nas bilheterias... Paciencia.

Walter Lang, um dos directores mais jovens, não tem, como De Mille, admiradores fieis da velha-guarda, que vão ver trabalhar. Assisti, porém, á feitura de "O marido da guerreira", rindo-me maliciosamente ao ouvir falar os outros na "nova Landi". Elissa parecia ter nascido dentro daquella armadura, manejava o escudo e a espada com a mesma facilidade e garça do proprio S. Jorge.

Depois da primeira "preview" do Film, toda a gente exclama:

— Que differença que faz a Laudi! Certamente, o director Water Lang descobriu-lhe a verdadeira personalidade. Não parece a mesma pessoa! Que vida!

E as criticas do Film publicadas nos jornaes tinham quasi todas o mesmo titulo: "Elissa Landi perde a reserva"!

Elissa Landi em "O Marido da Guerreira".

Mas Elissa não é mulher que perca seja o que fôr. Só perde as coisas que não lhe servem, porque as atira fóra. E o que ella atirou ao vento ou para o departamento de publicidade (vento e publicidade são quasi synonimos), em "O marido da guerreira", fôram seis dos sete véus em que a enrolaram á chegada. Desembaraçou-se do ultimo, o setimo, quando o Studio entendeu que ha via de interpretar uma inglezinha po ...re chamada Smith, que se casa com um duque italiano.

Elissa sabia perfeitamente que, na Italia, mesmo com os Fascistas no poder, não era possivel dar-se uma coisa dessas. Quem se atreve, porém, a dizer, num Studio, que isto ou aquillo não póde acontecer?

(Termina no fim do numero).

O DIVORCIO DE DOUGLAS FAIRBANKS

(FIM)

A primeira separação delles occorreu na primavera de 1931. Douglas foi só ao campeonato de tennis em Wimbledon. Sei que, até ao momento da partida, alimentou a esperança de que Mary, á ultima hora, se dispuzesse a acompanhal-o. Não se demorou muito na Inglaterra. Na verdade, não se sentia feliz longe de Mary e voltou para lhe propor uma rapida viagem ao Oriente.

Mary recusou e, assim, mais uma vez, Doug. partiu só. Para fazer calar, porém, os linguarudos, para salvar o orgulho da esposa, o meu amigo deu á viagem a apparencia duma "location trip". Mary pedira-lhe que procurasse disfarçar sempre os periodos de separação com o annuncio de novos trabalhos Cinematographicos. Douglas concordara. Voltou com um Film documentario das suas aventuras, que lançou sob o titulo de "A volta ao mundo em oitenta minutos".

Em 17 de Fevereiro de 1932, Doug. partiu para os mares do Sul, com o pretexto de Filmar "Mr. Robinson Crusoé". Diante duma multidão de photographos, Mary deu-lhe o beijo de despedida, em São Francisco, partindo directamente para Nova York, onde devia aguardar o regresso do marido.

Um e outro, porém, sabiam agora definitivamente que o romance de amor estava morto, ou, pelo menos, muitissimo necessitado duns balões de oxygenio. Douglas sentia-se ferido no seu orgulho, Mary tambem. Elle odiava a sociedade de Hollywood; ella a sua mania ambulatoria.

Por essa época, os noticiaristas venenosos começaram a buzinar que Mary não era insensivel ás constantes attenções com que a distinguia Buddy Rogers. Sei que esses commentarios maldosos magoaram Douglas profundamente. Elle não é homem que volte para junto duma mulher, movido pelo ciume. O effeito foi outro. Ficou como um menino, que levou umas bofetadas. Atordoado, com as idéas embaralhadas.

Mas Douglas já estava farto! Que desillusão a vida, com as suas crueis e estupidas contradições! O seu desapontamento estendia-se á propria Mary. Agora, o afastamento entre os dois era completo e definitivo. Hollywood desconfiou, mas ainda não queria crer que o barco matrimonial Doug.-Mary fosse por agua abaixo. Hollywood tinha a impressão de que, depois de pequenas rusgas, ambos haviam conseguido chegar a um accordo amigavel, trabalhando cada qual por seu lado, sem se envolver com os planos um do outro.

Os que só censuram Douglas, deviam saber, como eu sei, que foi quem fez o ultimo e desesperado esforço para aplainar as difficuldades. "Regressou dos mares do Sul com esse unico proposito".

— Deixemos o campo para a nova geração, implorou. O Cinema já nos deu tudo o que nos podia dar. Vamos embora!

Em vão! Desse momento em diante, Douglas ficou ainda mais distante de Mary. Já não valia a pena continuar a fingir. Subito, porém, operou-se uma reviravolta. Agora, era a propria Mary quem queria conservar Douglas. Começou a acarinhal-o, a preparar-lhe pequenas surpresas, quando elle regressava á casa. Ao voltar, por exemplo, duma das suas excursões, encontrou Douglas o famoso salão-bar, em cuja porta, fechada e lacrada, se via um letreiro, que dizia: "Não abra até ao Natal". Elle planeara aquelle aposento, annos antes, mas nunca chegara a iniciar as obras. Mary sabia disso e procurou assim mais essa forma de lhe ser agradavel. Douglas ficou satisfeito, como era, aliás, seu costume, sempre que a esposa se lembrava delle. Para o ver alegre e contente, Mary começou a receber em casa os poucos camaradas que Douglas possuia.

Tudo inutil. Não se pode reavivar uma chamma divina, que se extinguiu. Estavam já muito afastados um do outro: Os gostos e aversões de ambos haviam soffrido variações que não se podiam ajustar entre si.

Então Mary entendeu de provar-lhe que podia perfeitamente passar sem elle. Deu festas luxuosas. Tornou-se uma figura familiar nos restaurantes da moda. Nas "primières", fazia-se acompanhar de Buddy Rogers, de Gary Cooper, e outros solteirões sympathicos de Hollywood.

Nem Doug. nem Mary queriam ficar atrás um do outro, como é o costume de duas pessoas que conheceram um grande amor e que o vêem morrer, cheios de angustia. Infelizmente, não existiam entre os dois affinidades de temperamento que fizessem substituir pela amizade o amor que morria. Não se entendiam e assim, não havia base em que assentasse o consolo duma camaradagem duradoura.

E' convicção minha que Mary esperava, com a sua participação formal de divorcio, fazer voltar Douglas á sua companhia. Eu sabia que Douglas nunca imaginara que Mary fosse capaz de pedir officialmente a separação. De resto, nem eu nem as duas ou tres pessoas que conhecem Douglas intimamente suppunhamos que o drama tivesse um desfecho tão brusco e violento. Não que não soubessemos que o "casamento mais feliz de Hollywood" estava irremediavelmente perdido. Era apenas a nossa relutancia humana em ver terminar um lindo sonho. O final impressionou-nos, impressionou muita gente e penso que até o joven Douglas Jr. apesar do divorcio delle.

Propriedade da S. A. O MALHO

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á S. A. O MALHO, Trav. Ouvidor, 34 — Telephones: Gerencia 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

EUROPA

(Continuação).

bella vae fazer falta ao Cinema francez, do qual era uma das mais significativas figuras. Seu real nome é Suzanne Charpentier e é filha de Paul Charpentier, o editor do "Journal des voyages", de Paris.

Foi o director Abel Gance quem a appellidou como Annabella, devido á admiração de ambos pelo poema de Edgar Allan Poe: "Annabel Lee". Mas René Clair foi quem teve o previlegio de apresentar esta deliciosa figurinha no seu Film "O Milhão". O successo foi tal, que na noite da estréa a encantadora debutante assignou um contracto com "Les Films D'Osso".

"14 Juillet", onde trabalhou de novo sob as ordens de Clair, exhibido nos Estados Unidos, alcançou tanto successo que a Fox resolveu contractar Melle. Annabella e depois de diversas offertas, conseguiu o seu "oui".

"Mademoiselle Josette, ma femme, Marie legende hongroise" e ultimamente "La Bataille", são alguns dos Films que ajudaram a estabelecer a sua grande popularidade na Europa. Nós conhecemos Annabella atravez os Films: "O Milhão" e "Paris-Mediterraneo".

"I Was a Spy" — o Film inglez Gaumont British que a Fox distribuiu nos Estados Unidos (apresental-o-á aqui?) com Conrad Veidt, Herbert Marshall, Nigel Bruce, Eva Moore, Sir Gerald Du Maurier, Anthony Bushell — foi um successo para o Cinema inglez, para o director Victor Saville e, principalmente, firmou em todo o exterior o nome de Madeleine Carroll como uma das mais completas estrellas inglezas.

A Fox requisitou-a para o seu Film "The World Moves On", mas a Gaumont não quiz ceder facilmente a sua "star". Só a cedeu para um Film e sob uma condição: Western Avenue enviaria para Elstree um dos seus melhores artistas. Assim Warner Baxter embarcou para Londres...

Madeleine Carroll é uma dessas bellezas louras, suaves e classicas, e o que mais impressiona nella é uma especial calma, uma grande dignidade em scena. E' sensacional, tambem, por ter representado os mais fortes momentos de "I Was a Spy", com o rosto escondido da camera!... Madeleine tem ainda desempenhos dignos de nota nos seguintes Films britannnicos: "Wagon Lits" e "Love and Let Love", uma comedia musical com Ivor Novello.

A 20 Century conseguiu Elizabeth Bergner para diversos Films. Ella iniciará o seu contracto interpretando uma versão Cinesca da sua creação actual nos palcos londrinos: "Escape me never..."

La Bergner é o assumpto de todos os commentarios nas rodas Cinematographicas da Europa e America. Seu Film "Catherine the Great" foi prohibido na Allemanha, com grande barulho. Londres, porém, acclade a como "a maior artista viva". "Bergner é quem faz o Film e não o Film que faz Bergner", declara a America pela voz da critica.

Mas afinal o Film só foi universalizar o seu talento, pois antes delle a Bergner já era um nome consagrado no Europa central. E' austriaca mas o theatro berlinense a conhece bem, particularmente pelo seu trabalho em "Romeu e Julieta" com Francis Lederer e no "D. Juan", de Bernard Shaw. A arte de Bergner é famosa pela perfeição com que ella representa o drama ou a comedia. Pequena, feia, esguia, ella domina em qualquer genero. Aquelles grandes olhos, aquelles labios exquisitos traduzem emoções desconhecidas e par isso, em "Catherine the Great", foi um tão grande successo.

Elizabeth Bergner é casada com Paul Czinner, o realizador do Film e sob a sua direcção já fez outras peliculas, inglezas e allemãs.

E' curioso contar o caso das cinco esposas de Henrique VIII, agora que uma corrente sem fim de artistas europeus encaminha-se para os studios americanos, taes como Carroll, Bergner, Francis Lederer, Pat Paterson, Ida Lupino, Carl Brisson, Nigel Bruce, Clifford Jones, Hertha Thiele, Hugh Williams, Frances Drake, Florence Desmond, Irene Biller, Marie Gallian, Steffi Duna, etc.

(Continúa no proximo numero)

E' triste não se poder fixar um Peter Pan á terra, mas é igualmente triste que poucas mulheres possuam esse espirito romantico de aventura, que faz encarrar o perigo, sem nenhum temor ou hesitação. Se Douglas pudesse mudar de genio, se Mary pudesse mudar de genio!

O nome delles não andaria em typos berrantes nas folhas.

Não me parece que Douglas torne a pôr os pés em Pickfair. Essa casa, para onde levou Mary como noiva, deu-a elle de presente á esposa. Essa casa foi, ainda não ha muito tempo, o santuario dum grande amor. Faço votos sinceros para que seja um santuario de paz para Mary.

Mas não censurem inteiramente Douglas. Sei bem o que elle soffreu e como o affligiu a separação. Culpemos antes o Destino, as discrepancias da natureza humana e o passar dos annos que faz mudar tudo!

O lindo romance está terminado. Que Douglas e Mary possam encontrar a felicidade, separados um do outro e trilhando caminhos differentes!

Quebrei a promessa que fiz a Douglas. Mas, para lhe fazer justiça, esta historia havia que ser contada. Esperarei pacientemente pelo seu perdão.

O divorcio de Mary Pickford

(FIM)

Nenhum acontecimento, nenhuma mudança, nenhum progresso. Silencio apenas. Na vida humana, ha tambem desses periodos. Depois de annos de rude labor, de lutas, de esforços sem conta, de reajustamentos, percebemos de repente que a batalha acabou. O progresso então é todo do interior, são as raizes mais profundas do ser que se expandem. O adiantamento continúa, mas é todo no coração, no pensamento, na alma. E' o que me parece que se operou commigo.

"Minha mãe costumava dizer-me: "Mary, tu corres demais "Não podes parar um pouco?" Não, não podia! Naquelle tempo, não, mas posso o hoje, se quizer. Limito-me agora a esperar. A vida voltará a girar para mim. Virão novos interesses, novas actividades, novos amigos, que se reunirão aos antigos.

"Gostaria, de certo, de descobrir a historia que se ajustasse exactamente aos meus recursos e aos do Cinema, a historia suprema. Creio que a descobrirei. Mas sempre foi difficil obter material bom, já desde os principios do Celluloide"...

Interrompi-a, para lhe observar o interessante que seria vel-a fazer "Nós e o Destino", a historia dum grande amor, que se sacrificou.

— Não a conhecia e lamento. Ainda não vi o Film, mas sei que Margaret Sullavan apresentou uma interpretação de rara belleza... O meu problema é encontrar a obra que pareça haver sido escripta especialmente para mim. Se não a conseguir, talvez me dedique a dirigir. Já recebi propostas para o theatro (1), e as mais lisonjeiras offertas do radio. Tambem me interessa escrever. Acho, porém, que ainda não estou preparada. Não me parece que esteja já em condições de assumir a tremenda responsabilidade de productora. Necessitaria de maior concentração de espirito, coisa que ultimamente não tenho tido. Por ora, limitar-me-ei a gozar a vida, dum modo novo para mim e muito simples. Basta-me isso...

"Nunca me senti tão tranquilla commigo mesma. Soffri muitos desgostos, passei por muita coisa, mas acho que, finalmente, serenou a tempestade, e, por isso, não me faltam razões para estar contente. Experimento um grande allivio. Sem duvida, não posso affirmar que a solidão não me haja affectado um pouco. Seria faltar á verdade. Nunca me vira só. O intervallo entre os meus dois casamentos foi curto, e, além disso, tinha minha mãe a meu lado. Portanto, a solidão foi para mim uma coisa nova a que tive de me habituar. Mas, ao mesmo tempo prestou-me o inestimavel beneficio de "me fazer encontrar a mim mesma!" Sei agora para onde vou. Nada me perturba ou confunde.

"Aprendi, com a morte de minha mãe e de meu irmão, como é curta e precaria a pobre existencia humana e a pouca importancia que, relativamente, tem irmos para aqui ou para ali, ou c que fazemos com o nosso triste envolucro material que, para os chimicos, não vale mais de sessenta e sete centavos. Se, "physicamente", eu estou aqui e Douglas ali, isso pouco importa. A separação não é separação emquanto não nos affecta o espirito.

"Cheguei á comprehensão de que a dor e o soffrimento são coisas fataes e inevitaveis. Mas não guardo o minimo resentimento seja contra quem. fôr. Não somos donos da vontade de ninguem, não podemos controlar os destinos dos outros. Se ha quem se atravessa em nosso caminho ou que nos segue os passos por algum tempo, nem por isso nos devemos arvorar de ditadores. Soltamos um filho assim que percebemos que é esse o seu desejo. Queremos que seja feliz á sua maneira e não á nossa. Queremos que, acima de tudo, se sinta feliz, e, para nós, não há, no momento, outro interesse mais forte.

"Para mim, grande parte do que se convencionou chamar "amor" é puro egoismo. Simples possessão. O que importa sou EU e não TU!

"Durante a juventude, somos petulantes, infantis e ingenuos e, por isso é que nessa época não aceitamos essa philosophia em perfeita conformidade com vida, como ella é e não como desejariamos que fosse.

"Cada vez me convenço mais de que a vida é uma especie de escola pela qual todos passamos e onde progredimos de classe, de accordo com a nossa capacidade de trabalho e com os meritos de apprehensão. Vamos sempre melhorando. Atiramos fora os brinquedos, ás vezes suspirando e com os olhos rasos dagua, mas obrigados pelas circumstancias que nos impelem para outros rumos, para outras coisas mais essenciaes, mais dos adultos. Temos que soffrer, temos que nos despir de muitas illusões, mas, em ultima analyse, nada se perde, ganhase. Em vez de ficarmos mais pobres, ficamos mais ricos.

O que quer dizer que Douglas é um espirito de criança. E' a eterna creança. Quem não sabe disso? Os seus ardentes enthusiasmos, a sua exuberante vitalidade, a sua curiosidade por tudo o que se passa no mundo, todas essas qualidades pertencem á juventude. Os proprios Films que faz denunciam a alma de rapaz que existe dentro delle. O instincto não deixa preoccupar-se com problemas de argumentos. O instincto fal-o voltar-se para os Tapetes Magicos, para os Quarenta Ladrões e para todas aquellas valentias e aventuras que apaixonam o coração dos rapazes e que fazem os homens de meia idade sentirem-se outra vez jovens..."

Nestas palavras de Mary está toda a explicação do seu divorcio. Douglas, o vertiginoso athleta, a eterna creança, o menino á cata de aventuras, o garoto travesso que quebra tudo em casa, vendo a doce e prudente Mary, a serena e ajuizada Mary, que acceita as coisas como ellas são, immutaveis e indestructiveis, e que não se revolta, não se perturba, porque, perto ou distante do objecto amado, os seus sentimentos não se modificam e são sempre os mesmos, fuja ou não fuja o Amor. Uma mulher bastante atilada para conceder a liberdade a quem se sente constrangido. Mãe dum menino que partiu de casa num Tapete Magico, dizendo: "Nunca mais appareço por aqui!"

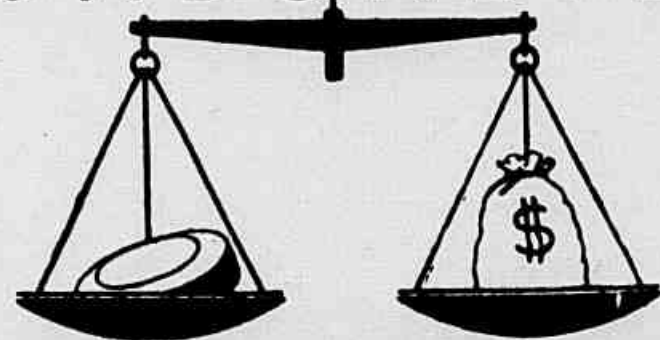
Ha almas velhas neste mundo e outras almas, que nunca aqui tinham estado. Assim acredita Mary. Do mesmo modo que uma creança pequena se deixa embalar por sua mãe, tambem uma creança grande se pode acolher, durante certo periodo de tempo, á sombra de úa mãe espiritual. E chega então a phase em que a criança, pequena ainda ou já crescida, manifesta livremente a sua impaciencia, grita a sua revolta e rompe, furiosa, contra o habito e a rotina; porque quer abrir as asas, anseia por voar sobre terras estranhas, entre gentes estranhas e novas aventuras. Foi o que se passou com Douglas e Mary. Eis o motivo basico da destruição do idyllio. O resto é secundario.

Mary disse, atiçando a lareira, com uma expressão muito seria, no rosto grave e meigo:

— Não é possivel perder-se as creaturas, que realmente se amam. Ellas não nos podem fugir, e tambem não podemos escorraçal-as espiritualmente, porque occupam constantemente os nossos pensamentos.

"Este mundo é muito grande e ha nelle tanta gente boa que não é licito deixarmo-nos esmagar por uma pessoa ou por quaesquer circumstancias. Demais, o martyrio por vocação é uma attitude revoltante. Irrita-nos ver alguem sentar-se á luz brilhante do sol, pôr um panno preto nos olhos e ter prazer na escuridão. Nunca puz panno preto nos olhos.

"Dei o passo final entre mim e Douglas, porque creio que é para bem de nós ambos. Quiz deixal-o livre, não só em meu proveito como no delle. A nossa situação ficou assim claramente definida. Acabou com os boatos e com as murmurações malevolas. Dará a Douglas o inequivoco direito de viver onde quizer e de andar com quem entender, sem constrangimentos e sem despertar criticas.

"E' peccado destruir uma coisa que seja bella. Não obtemos as coisas bellas de improviso ou com facilidade. Mas não é impossivel dizer qual é mais bello — o Passado, o Presente ou o Futuro?

Karl Dane morreu

(FIM)

riu espontaneamente com elle, naquella scena intensamente dramatica, em que os tres amigos, dentro de uma cratéra, apostavam qual dos tres cuspia mais longe...?

Mas não foi só em "The Big Parade" que Karl Dane, se revelou um grande artista sob a direcção de Vidor. Em outro Film do grande director, tambem com John Gilbert, o comico dinamarquez fez um papel sério, viveu uma parte de sentimento e morreu como no "grande desfile"... Foi em "Cavalleiro dos Amores". Os bons "fans" devem recordar-se do chefe conspirador "René de Lesperon", que ferido numa refrega com os esbirros do Rei, antes de morrer, entregava a John Gilbert, suas reliquias e cartas, pedindo a John que as entregasse a noiva querida... E foi em "Cavalleiro dos Amores", que vimos Karl trabalhando num mesmo Film com George K. Arthur, do qual, depois passou a ser "rival" nas comedias em que a Metro-Goldwyn os juntou...

Em seis comedias elles foram uma especie de "capitão Flagg" e "Sargento Quirt": "Recrutas", "Meu Bebé", "Gente de Circo", "Detectives", "Camaradagem", "Uma dupla de almirantes". E numa unica comedia, foram amigos: "Negocios da China", por signal que talvez a mais irresistivel de todas as piadas da dupla do "gordo e o magro" que melhor poderiam ser chamados o "alto e o baixo"... E, é interessante recordar os momentos de apuros que George passou com Karl em "Gente de circo"; o idyllio acrobatico que Karl tinha com a "pernilonga" Charlotte Greenwood, em "Meu Bébé"; as peripecias de ambos em "Recrutas"; e George e Karl de rabicho em plena revolução chineza na comedia "Negocios da China"...

George e Karl tambem appareceram juntos na "Hollywood Revue".

Karl orgulhava-se de ter trabalhado com Valentino no Film-despedida do galã romantico ao mundo. "O filho do Sheik". Lembram-se do seu papel de "Ramadan", o servo fiel do "sheik" Ahmed? Karl trabalhou em dois Films de Joan Crawford: "O novo campeão", e "Mulher... e nada mais". Em dois Films dos mais bonitos que a suave Lillian Gish legou á historia do Cinema, Karl tomou parte: "Odio" e "A letra escarlate" e ainda nos lembramos de uma passagem deste ultimo em que Karl Dane, ia para a casa de uma velha puritana e imitando-lhe a voz insultava o governador que passava na rua, dando á inimiga de Lillian, o castigo que ella merecia... Foi uma das piadas mais estupendas de todo o repertorio do comico scandinavo.

Trabalhou com Norma Shearer em "O preço de um beijo".

Karl tambem podia se gabar de ter sido um artista dirigido por Clarence Brown. Elle tomou parte em "Ouro", aquelle Film épico do Alaska em 1898, o "Film-jornada", que tinha uma luta tão encarniçada como o do seu congenere celebre na historia do Cinema — "Chispa de fogo", onde Harry Carey, derrotado era incendiado vivo... e tambem figurou em "Turuna da marinha", uma comedia de William Haines e Anita Page. E falando em William Haines, nos recordamos das outras comedias deste em que Karl Dame trabalhou:

"O convencido", "Larapio encantador", "Novo campeão", com Joan Crawford, já citado, "Don Piratão no volante" e "A toda velocidade".

Karl tambem trabalhou com Marion Davies. Foi em "Moinho vermelho", uma comedia mostrando os ambientes bizarros dos paizes baixos, dos sapatinhos de pau — a Hollanda. E o mais interessante é que quem dirigiu o Flim foi o fallecido Chico Boia...

E certa vez que fomos ao Cinema vêr um dos Films do coronel Tim Mc Coy, para rever a belleza differente de Pauline Starke, tivemos a surpreza de vêr Karl Dane tambem mettido na historia...

O Film chamava-se "As surprezas de um beijo" e como quasi todos do Mc Coy tinha "pelles-vermelhas".

Karl vivia um medroso impagavel e numa scena era obrigado a lutar com os indios, repentinamente perdia o medo e a platéa quasi vinha abaixo, tantas eram as gargalhadas que o heroismo de Karl Dane arrancava...

Trabalhou em "Pres and Easy", de Buster Keaton, a versão original de "Jéca de Hollywood".

Elle fez um Film na RKO — "Voice of the Storm", e outro na First National, "Numbered Men", que se não nos enganamos não vieram ao Brasil.

King Vidor, o director que lhe deu os dois papeis mais notaveis que Karl teve no Cinema, aproveitou-o ainda em "O Vencedor", o Film que não enthusiasmou muito aos admiradores do creador de "Ave do Paraiso".

Ultimamente Karl Dane nos apparecia, ainda formando "Team" com George K. Arthur, mas em "shorts" da RKO...

Já ia cahindo no esquecimento. Era o seu grande desgosto. Agora, coitado, conseguiu esquecer esse desgosto...

Karl Dane era casado ra muitos annos, com Thais Waldemar, um nome bem conhecido dos "fans" de alguns annos atraz. Formavam um dos casaes mais felizes de Hollywood.

Otto Kruger

(FIM)

alguns annos. Foi até um dos ultimos nomes a abandonar os letreiros luminosos da Broadway, para figurar na lista das grandes celebridades de Hollywood. Mesmo agora, está, por assim dizer, com um pé no palco e outro no Cinema. Ninguem poderá affirmar que a sua permanencia em Hollywood seja longa.

— Sinto falta das platéas, murmura Kruger, com um sorriso de desencanto. Ouvir os applausos do publico tem grande importancia para um actor... para qualquer actor.

Lamenta, ao demais, a inconsciencia do Studio em querer transformal-o em amante romantico.

— Ganhei fama nos papeis carecteristicos. E' o meu genero e o que eu sei fazer melhor. Que se fiquem o Gable e o Tone com os seus amores e que me restituam as barbas!

Mas Otto é um explendido artista romantico. Viram "Sempre em meu coração?" E o marido de Alice Brady em "Belleza á venda", que amava Madge Evans?

A nova Alice Brady

(FIM)

ser intelligente e culta. Conhece francez e um pouco de hespanhol e o inglez que é seu idioma nativo bem e representou obras dos maiores theatrologos do mundo. E' distincta, de porte nobre e possue esse bom humor que captiva e prende quando palestra.

Simples e sem vaidade, ella occupa, hoje, em Hollywood, um logar de destaque, difficilmente conseguido por quem está aqui ha tão pouco tempo. "Abandona o theatro, de vez?" indago della.

"Não poderei fazel-o nunca. Sempre fui uma artista do palco e se bem que goste do Cinema, não esquecendo que nelle conquistei grande parte da minha popularidade, não deixarei o theatro absolutamente. Dentro de pouco tempo, logo que estiver nas minhas férias, segundo o meu contracto, darei uma temporada de espectaculos em Los Angeles. Farei "Biography", peça que, em New York, Ina Claire viveu.

Voltarei, assim, durante um tempo á minha antiga paixão. Não sou dessas creaturas do treatro, que trabalham no Cinema e o odeiam. Apparecem em Films, apenas, por questões de dinheiro. Não pode haver, na minha opinião, um trabalho perfeito e sincero quando não se gosta do meio porque se o offerece ao publico.

Os que falam e dizem mal do Cinema, nelle, entretanto, trabalhando — são creaturas que não têm amor proprio e, mais cedo ou mais tarde, tendem a desapparecer.

E' preciso dar ao trabalho todo o nosso esforço. Ser collaboradora dos que nos pagam o ordenado e dos que vão á bilheteria comprar a sua entrada.

Farei uma temporada curta e, possivelmente, terei ao meu lado George Brent. Não está nada decidido, por emquanto".

Perguntou-me se já haviam visto, no Brasil "De Broadway a Hollywood". Disse-lhe que sim e procurei a critica que "Cinearte" fizera desse Film da Metro. Lia-a para Alice Brady.

Ella ficou contente com as palavras que escrevemos a proposito do seu trabalho e diz: "Obrigado!"

Os seus olhos, agora, baixaram sobre o titulo do Film de Marlene — "Canticos dos Canticos". Ella o lê em voz alta e pronuncia essa palavra com o accento na segunda syllaba. E diz: "Não sôa melhor do que em inglez?" Digo-lhe que pronunciasse *can-tico.* Ella o faz e affirma: "De qualquer maneira, parece mais bonito. Ha mais musica nesse idioma do que em inglez!" Eu não estou inventando. Escrevo aqui as proprias palavras de Alice Brady — que, intelligente, aposto seria capaz de falar portuguez com o sotaque mais delicioso que se poderá imaginar.

Pergunto-lhe porque estava ella, no Studio, prompta a trabalhar — "Estamos modificando umas scenas de "Ladies Should Behave", procurando mudar parte do dialogo, Esta copia seguirá para a Inglaterra e quando falo na minha aventura amorosa com Conway Tearle que imagino tenha sido meu amante, — parece que os inglezes não acceitariam tal dialogo. Elles são muito puritanos!"

"Não quero fazer no Cinema uma série de papeis semelhantes e baseados no successo de "A Rival da Esposa". Isto é um defeito. Procurar tirar proveito de um exito e procurar repetil-o. Quero dar aos meus desempenhos comedia e sentimento. Em "Stage Mother" variei um pouco. Não sou apenas a dama elegante e esvoaçada — a borboleta de salão. Trabalho mais profundamente e com mais dramaticidade em minha parte. Não voltarei aos meus antigos desempenhos, pois o meu physico não se presta a tal coisa. Se agrado na comedia, procurarei fazel-a, mas, espero variar sempre de Film. Um artista que não muda de desempenhos — não merece esse nome. Eu amo a minha profissão. Considero-a digna de todas as attenções e respeito. Nós tomamos sobre nossos hombros a tarefa de divertir o publico — quer seja no drama como na comedia.

Nesta ultima, fazemos com que elle se esqueça de suas tristezas e no primeiro damos-lhe arte e emoção. O Theatro nunca será supplantado pelo Cinema, assim como este nunca poderá tambem ser taxado de inferior áquelle. São dois meios diversos de Arte. Eu pertenço a ambos e a ambos darei todas minhas forças, procurando ser, antes de mais nada, sincera commigo mesma. Sendo-o assim, o serei para com o meu publico!"

Já estavamos conversando ha muito tempo. Alice Brady assigna uma photo para mim e faz questão saber como se escrevia "Mister" em portuguez. Depois, de o ter feito ella diz: "Espere um momento. Quero que ouça umas phrases que aprendi no collegio em hespanhol. Veja se falo direito... (Com isso, ella não queria dizer que nós conhecemos hespanhol. Ella mesmo me disse que sabe que no Brasil se fala portuguez). "Yo hablo hespañol! Tu eres mi amor..." e soltou uma gargalhada... Ah, ah, ah!!! Naquelle estylo de "A Rival da Esposa", fazendo uma expressão comica com o rosto e levando a mão direita á bocca — tal e qual fez nesse Film a que alludo...

Por isso, acredito que Alice, seja mesmo uma comediante. O seu bom humor, as suas pilherias e as suas ironias já correm Hollywood. Ella é nesse ponto scintillante, sendo indicada como uma das palestras mais deliciosas da colonia do Cinema...

A VERDADEIRA ELISSA LANDI

A continuação sahirá no proximo numero.

Historia do meu namoro e casamento

(Continuação)

A's vezes, era acompanhada por outros rapazes. Nessa época, os jornaes diziam que eu andava interessada por meia duzia de admiradores, inclusive Hal. Rimo-nos dessas historias.

Foi ahi que começámos a fazer "Mlle. Dynamite". Depois da segunda semana de trabalho, principiei a notar uma subtil mudança na attitude de Hal.

Primeiro, suppuz que fosse imaginação minha. A nossa simples e despreoccupada camaradagem parecia tomar uma especie de feição ceremoniosa!

Um dia, com grande surpresa minha, descobri que me estava tornando timida na presença delle!

Um sabbado, fomos jantar e, á mesa, veiu-me, de repente, a certeza de que já existia entre nós outro sentimento mais forte do que a mera amizade.

(Continúa no proximo numero)

Janet Gaynor tal qual ella é!

(Continuação)

confia em toda a gente. Os que se dão com ella intimamente podem-se contar pelos dedos. Recentemente, Janet fez estreita camaradagem com Margaret Lindsay.

Da mesma forma, Janet não costuma esquecer offensas. Já não se deixa dominar pelo desejo de vingança, mas houve tempo em que era implacavel...

Um episodio da sua infancia, que diz tudo:

Na escola, em Chicago, puniram-na uma vez por certa falta que não commettera. O verdadeiro culpado, além de escapar ao castigo, ainda por cima se gabou da "proeza", rindo-se da desgraça da pobre Janet. A futura interprete de Setimo céo", revoltada com a injustiça, decidiu esperar pacientemente pelo momento da forra. Fingiu-se muito amiga do garoto e, um dia passando com elle por uma rua, atiçou-o a bolir numa caixa de incendio. Ella bem sabia qual era a pena em que incorriam os que se divertiam a dar rebates falsos de fogo e, não podendo brigar com o garoto por ser "mulher" e mulher bem fraquinha, foi esse o meio de vingança a que recorreu.

(Continúa no proximo numero)

HOLLYWOOD BOULEVARD

A continuação sahirá no proximo numero.

MODA E BORDADO
Publicação mensal de modas e trabalhos de broderie. O figurino ideal para todos os gostos, a revista querida de todos os lares. MODA E BORDADO, revista brasileira, se iguala e é muitas vezes melhor que outras publicações de figurinos feitas no extrangeiro. Pode-se affirmar, sem receio de contestação, que, embora seja 3$000 o seu preço para todo o Brasil, ella é mais apresentavel e completa do que quaesquer outras publicações do genero editadas no exterior.
Em qualquer livraria e em todos os vendedores de jornaes do Brasil é encontrada á venda a revista.
Numero avulso 3$000 --- Assignaturas --- 6 mezes 18$000 --- Anno 35$000 --- Redacção e Gerencia --- Travessa do Ouvidor, 34 --- Caixa Postal 880 --- Rio.